



**unioeste**

**Universidade Estadual do Oeste do Paraná**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS FOZ DO  
IGUAÇU  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, LETRAS E SAÚDE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE, CULTURA E  
FRONTEIRAS – MESTRADO E DOUTORADO**

**VICTOR HUGO JARA CARDOZO**

**COMO PERROS Y MÁQUINAS: SUPEREXPLOTACIÓN EN LAS MAQUILAS  
TEXTILES EN ALTO PARANÁ - PARAGUAY**

**Foz do Iguaçu  
2022**

**VICTOR HUGO JARA CARDOZO**

**Como perros y máquinas: superexplotación en las maquilas textiles en Alto Paraná –  
Paraguay**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras – Mestrado e Doutorado, do Centro de Educação Letras e Saúde, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociedade, Cultura e Fronteiras.

Área de concentração: Sociedade, Cultura e Fronteiras

ORIENTADOR: Eric Gustavo Cardim

**Foz do Iguaçu  
2022**

## FICHA CATALOGRÁFICA:

Jara Cardozo, Victor Hugo

Como perros y máquinas: Superexplotación en las maquilas textiles en Alto Paraná - Paraguay / Victor Hugo Jara Cardozo; orientador Eric Gustavo Cardim. -- Foz do Iguaçu, 2022.

147 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Foz do Iguaçu) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras, 2022.

1. Capitalismo dependiente. 2. Maquila. 3. Condiciones de trabajo. 4. Superexplotación . I. Cardim, Eric Gustavo, orient. II. Título.

JARA CARDOZO, V. H. **Como perros y máquinas: Superexplotación en maquilas textiles en Alto Paraná – Paraguay.** 146 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Orientador: Eric Gustavo Cardim. Foz do Iguaçu, ANO 2022. VICTOR HUGO JARA CARDOZO

Aprobado em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

## **BANCA EXAMINADORA**

---

**Prof. Dr. Eric Gustavo Cardim**  
**Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) (Orientador)**

---

**Prof. Dr. Fernando José Martins**  
**Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste)**

---

**Profa. Dra. Cintia Fiorotti Lima**  
**SEED/Paraná**

Para la clase trabajadora. Que este trabajo ayude a fortalecer las herramientas de organización.

## **Agradecimientos**

En primer lugar, este trabajo no hubiera podido ser posible sin el apoyo de mi familia. Gabriela, Bianca y Sofía, me han dado el soporte y fuerza necesaria para enfrentar este gran desafío. En los momentos difíciles, sus abrazos y palabras de cariño fueron el combustible necesario para llegar a la meta.

A las trabajadoras y los trabajadores que han sido parte de esta investigación. La gran apertura que en momentos recibí fue fundamental para conocer con mayor profundidad las características y dinámicas de sus condiciones de trabajo.

A los docentes y equipo técnico de la Universidade Estadual do Oeste do Paraná por el sostén humano y académico. El apoyo de mi orientador Eric Gustavo Cardim fue de gran importancia en el desarrollo del trabajo.

A la Capes, por la bolsa que me permitió dedicarle el tiempo necesario para el estudio y el trabajo de campo.

A mis amigos y camaradas del Partido Comunista Paraguayo (PCP), con quienes comparto los deseos de una vida sin explotación ni miseria.

Como la circulación se separa de la producción y se efectúa básicamente en el ámbito del mercado externo, el consumo individual del trabajador no interfiere en la realización del producto, aunque sí determine la cuota de plusvalía. En consecuencia, la tendencia natural del sistema será la de explotar al máximo la fuerza de trabajo del obrero, sin preocuparse de crear las condiciones para que éste la reponga, siempre y cuando se le pueda reemplazar mediante la incorporación de nuevos brazos al proceso productivo.

El fruto de la dependencia no puede ser por ende sino más dependencia, y su liquidación supone necesariamente la supresión de las relaciones de producción que ella involucra.

Ruy Mauro Marini

JARA CARDOZO, V. J. **Como perros y máquinas: superexplotación en maquilas textiles en Alto Paraná – Paraguay**. 146 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Orientador: Eric Gustavo Cardim. Foz do Iguaçu, ANO 2022.

## RESUMO

Apesar de a atividade maquiladora no Paraguai ter começado a se desenvolver desde o início deste século, ainda é um assunto pouco abordado pela comunidade acadêmica. Trata-se de uma modalidade de investimento estrangeiro com regime tributário especial, por meio do qual pode-se importar todos os elementos necessários à produção sem pagar impostos, devendo posteriormente exportar toda a mercadoria produzida. O presente trabalho foi orientado a partir de dois objetivos gerais, a saber, a caracterização da maquila no contexto do desenvolvimento econômico global e latino-americano, por um lado, e, por outro, o estudo das condições de trabalho nas maquiladoras têxteis no departamento de Alto Paraná – Paraguai. O referencial teórico no qual o trabalho se sustenta é a Teoria da Dependência Marxista (TMD), especialmente a proposta de Ruy Mauro Marini de quem tomamos diversos conceitos como o de superexploração do trabalho. Na primeira parte do trabalho, foi realizada uma breve revisão do desenvolvimento econômico latino-americano e do contexto internacional onde a maquila surgiu de forma a entender as articulações globais e locais que intervêm na maquila. Na segunda parte, dá-se continuidade com uma descrição analítica das condições de trabalho com base na recolha de dados a partir de uma fonte primária. Um total de 22 entrevistas semi-estruturadas em profundidade foram realizadas com trabalhadores e outros atores relevantes. A técnica de amostragem utilizada foi não probabilística por conveniência e o tamanho da amostra seguiu a orientação de Salgado (2012). O resultado da investigação revelou que, em primeiro lugar, a maquila faz parte do processo de reestruturação da economia mundial no contexto da crise estrutural do capitalismo em meados dos anos 1970, em segundo lugar, que as condições de trabalho nas maquiladoras têxteis em O Alto Paraná são precárias, caracterizado principalmente por altos índices de circulação, intensidade e maus tratos. A partir disso, conclui-se que não há evidências suficientes para sustentar que a maquila possa gerar um processo de desenvolvimento industrial integral e que a classe trabalhadora se reproduz em condições de superexploração do trabalho.

**Palavras-chave:** capitalismo dependente, maquila, condições de trabalho, superexploração.

JARA CARDOZO, Victor Hugo. **Like dogs and machines: superexploitation in the textile maquilas in Alto Paraná - Paraguay.** 146 f. Dissertation (Master in Society, Culture and Frontiers) - State University of Western Paraná. Supervisor: Eric Gustavo Cardim. Foz do Iguaçu, 2022.

## ABSTRACT

Despite the fact that the maquiladora activity in Paraguay has begun to develop since the beginning of this century, it is still a subject little addressed by the academic community. It consists of a modality of foreign investment with a special tax regime, through which it can import all the necessary elements for production without paying tax rates and must subsequently export all the merchandise produced. The present work has been oriented from two general objectives, these are, the characterization of the maquila in the context of global and Latin American economic development, on the one hand, and, on the other, the study of working conditions in the textile maquiladoras in the department of Alto Paraná – Paraguay. The theoretical framework on which the work is sustained is the Marxist Dependency Theory (TMD), especially the proposal of Ruy Mauro Marini from whom we take various concepts such as the super-exploitation of work. In the first part of the work, a brief review of Latin American economic development and the international context where the maquila has emerged has been carried out in such a way as to understand the global and local articulations that intervene in the maquila. In the second part, continuity is given with an analytical description of the working conditions based on data collection from a primary source. A total of 22 in-depth semi-structured interviews have been carried out with workers and other relevant stakeholders. The sampling technique used was non-probabilistic for convenience and the sample size has followed the orientation of Salgado (2012). The result of the investigation has revealed that, firstly, the maquila is part of the restructuring process of the world economy in the context of the structural crisis of capitalism in the mid-1970s, secondly, that the conditions of Work in the textile maquilas in Alto Paraná are precarious, characterized mainly by high levels of circulation, intensity, and mistreatment. From this, it is concluded that there is not enough evidence to sustain that the maquila can generate a process of integral industrial development and that the working class reproduces itself in conditions of super-exploitation of work.

**Keywords:** dependent capitalism, maquila, working conditions, superexploration.

JARA CARDOZO, Victor Hugo. **Como perros y máquinas: Superexplotación en las maquilas textiles en Alto Paraná.** 146 f. Disertación (Maestría en Sociedad, Cultura y Fronteras) - Universidad del Estado del Oeste del Paraná. Orientador: Eric Gustavo Cardim. Foz do Iguacu, 2022.

## RESUMEN

A pesar de que la actividad maquiladora en Paraguay ha comenzado a desarrollarse desde inicios del presente siglo, aún es una temática poco abordada por la comunidad académica. Ella consiste en una modalidad de inversión extranjera con un régimen impositivo especial, mediante el cual, éste puede importar todos los elementos necesarios para la producción sin el pago de tasas impositivas debiendo exportar, posteriormente, toda la mercancía producida. El presente trabajo se ha orientado a partir de dos objetivos generales, estos son, la caracterización de la maquila en el contexto del desarrollo económico mundial y latinoamericano, por un lado, y, por el otro, el estudio de las condiciones de trabajo en las maquiladoras textiles en el departamento de Alto Paraná – Paraguay. El armazón teórico sobre el cual se sostiene el trabajo es la Teoría Marxista de la Dependencia (TMD), especialmente la propuesta de Ruy Mauro Marini de quien tomamos varios conceptos como el de la superexplotación del trabajo. En la primera parte del trabajo, se ha realizado un breve repaso del desarrollo económico latinoamericano y del contexto internacional donde ha surgido la maquila de tal forma a comprender las articulaciones globales y locales que intervienen en la maquila. En la segunda parte, se da continuidad con una descripción analítica de las condiciones de trabajo a partir de levantamiento de datos de fuente primaria. Se ha realizado un total de 22 entrevistas semiestructuradas en profundidad a trabajadores y otros actores relevantes. La técnica de muestro utilizada fue no probabilística por conveniencia y el tamaño de la muestra ha seguido la orientación de Salgado (2012). El resultado de la investigación ha revelado que, en primer lugar, la maquila forma parte del proceso de reestructuración de la economía mundial en el contexto de la crisis estructural del capitalismo de mediados de la década del 70, en segundo lugar, que las condiciones de trabajo en las maquilas textiles en Alto Paraná son precarias, caracterizadas principalmente por altos niveles de circulación, intensidad y malos tratos. A partir de esto, se concluye que no existe evidencia suficiente para sostener que la maquila pueda generar un proceso de desarrollo industrial integral y que la clase trabajadora se reproduce en condiciones de súperexplotación del trabajo.

**Palabras llaves:** capitalismo dependiente, maquila, condiciones de trabajo, superexplotación.

## **LISTA DE SIGLAS**

BCP – Banco Central del Paraguay

CDE – Ciudad del Este

CNIME – Consejo Nacional de la Industria Maquiladora de Exportación

IPC – Índice de precio al consumidor

IPS – Instituto de Previsión Social

INE – Instituto Nacional de Estadística

SMLV – Salario Mínimo Legal Vigente

TMD – Teoría Marxista de la Dependencia

## LISTA DE ILUSTRACIONES

Figura 1 – Ubicación de Alto Paraná -----	19
Figura 2 - Ubicación de Ciudad del Este -----	19
Figura 3 – Distribución de las maquilas en el territorio nacional -----	78
Figura 4 – Circulación de un trabajador de maquila -----	117

## LISTA DE TABLAS

Tabla 1 – Lista de plantas textiles visitadas en Alto Paraná -----	20
Tabla 2 - Crecimiento de exportaciones por año en porcentajes -----	69
Tabla 3: Cantidad de proyectos aprobados por rubro y año hasta 2020 -----	71
Tabla 4 – exportaciones según rubros, enero a diciembre 2021 (en millones de USD) -----	73
Tabla 5 – Cantidad de plantas por país de matriz -----	82
Tabla 6 - Plantas textiles, cantidad, país de la matriz y ubicación geográfica -----	83
Tabla 7 - Indicadores por departamento (datos acumulados de 2001 al 2022) -----	84

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- exportaciones anuales de las maquilas, en USD -----	68
Gráfico 3 – Exportación de la maquila respecto al total de las exportaciones de manufacturas (en porcentajes) -----	75
Gráfico 4- población ocupada 2do trimestre 2021 -----	76
Gráfico 5 – Cantidad de trabajadores en las maquiladoras (en miles) -----	77
Gráfico 6 – empleo de trabajadores por rubro (octubre 2021) -----	77
Gráfico 7 – Tipos de plantas maquiladoras en la región central -----	80
Gráfico 8 – Tipos de plantas maquiladoras en la región este -----	81
Gráfico 9 – Pérdida de valor monetario del salario por inflación según IPC del BCP. Junio 1989 a diciembre 2016 -----	132

## SUMARIO

INTRODUCCIÓN .....	16
TRABAJO DE CAMPO Y SITUACIÓN DE PESQUISA .....	18
<b>CAPÍTULO 1 - ¿QUÉ SON LAS MAQUILAS Y DE DÓNDE VIENEN?.....</b>	<b>23</b>
1.1 CRISIS CAPITALISTA Y REESTRUCTURACIÓN PRODUCTIVA .....	23
1.2 SURGIMIENTO DE LA TMD.....	24
<b>1.2.1 Principales categorías .....</b>	<b>25</b>
<b>1.2.2 Leyes tendenciales del capitalismo dependiente .....</b>	<b>26</b>
1.3 AMÉRICA LATINA Y UNA INTEGRACIÓN DEPENDIENTE.....	30
1.4 MANIFESTACIÓN DE LAS LEYES TENDENCIALES ESPECÍFICAS DEL CAPITALISMO DEPENDIENTE .....	31
<b>1.4.1 La economía de exportación.....</b>	<b>31</b>
<b>1.4.2 Una industrialización dependiente .....</b>	<b>34</b>
1.5 LA ECONOMÍA GLOBALIZADA .....	45
<b>1.5.1 Toyotismo y deslocalización productiva.....</b>	<b>49</b>
<b>CAPÍTULO 2 – LA MAQUILA: el caso mexicano y el paraguay.....</b>	<b>53</b>
2.1 LA MAQUILA MEXICANA .....	53
<b>2.1.1 Surgimiento de las maquilas .....</b>	<b>54</b>
<b>2.1.2 Generaciones en las maquilas .....</b>	<b>55</b>
<b>2.1.3 Limitaciones del desarrollo de la maquila en México .....</b>	<b>60</b>
2.2 MAQUILA EN PARAGUAY .....	65
<b>2.2.1 Estado del arte de estudios sobre maquilas en Paraguay .....</b>	<b>65</b>
<b>2.2.3 Marco legal .....</b>	<b>66</b>
<b>2.2.4 Rubros y proyectos.....</b>	<b>69</b>
<b>2.2.5 Exportaciones por rubro .....</b>	<b>72</b>
<b>2.2.6 Importancia en relación al consumo de la fuerza de trabajo.....</b>	<b>75</b>
<b>2.2.7 Ubicación de las maquilas .....</b>	<b>78</b>
<b>2.2.8 País de la matriz.....</b>	<b>82</b>
<b>2.2.9 Sector textil.....</b>	<b>83</b>
<b>2.2.10 Alto Paraná.....</b>	<b>84</b>
<b>CAPÍTULO 3 – CLASE TRABAJADORA EN LAS MAQUILAS TEXTILES.....</b>	<b>85</b>
3.1 CONTEXTO MARCADO POR LA PRECARIEDAD.....	85
<b>3.1.2 Circulación de trabajadores.....</b>	<b>86</b>
<b>3.1.3 El fenómeno migratorio.....</b>	<b>96</b>
<b>3.1.4 No todos ganaban salario mínimo .....</b>	<b>98</b>

3.2 EL TRABAJO EN LAS MAQUILAS TEXTILES .....	100
<b>3.2.1 Una primera aproximación</b> .....	100
<b>3.2.2 “Como perros y máquinas”</b> .....	104
<b>3.2.3 Extensiones de la jornada del trabajo</b> .....	111
<b>3.2.4 Circulación de trabajadores inter maquilas textiles</b> .....	114
<b>CAPÍTULO 4 – SUPEREXPLOTACIÓN DEL TRABAJO</b> .....	121
4.1 FUNDAMENTOS .....	121
<b>4.1.2 Pago por debajo del valor de la fuerza de trabajo</b> .....	123
<b>4.1.3 Extensión de la jornada de trabajo</b> .....	124
<b>4.1.4 Intensificación de trabajo</b> .....	126
<b>4.1.5 Conexiones internas</b> .....	127
4.2 SUPEREXPLOTACIÓN DE LOS TRABAJADORES DE LAS MAQUILAS TEXTILES DEL ALTO PARANÁ .....	129
<b>4.2.1 Salarios</b> .....	129
<b>4.2.2 Extensión e intensidad de la jornada de trabajo</b> .....	134
<b>4.2.3 Ejército industrial de reserva</b> .....	136
<b>CONCLUSIÓN</b> .....	139
<b>REFERENCIAS</b> .....	141

## INTRODUCCIÓN

Materiales periodísticos que relatan manifestaciones de trabajadores denunciando despidos masivos, jornadas de trabajo intensas, malos tratos, por un lado, y, por el otro, noticias de que, nuevamente, se ha superado la cantidad de las exportaciones del año anterior, forman parte del conjunto de noticias que circulan sobre las maquilas en Alto Paraná. La región Este del país es, con la región Central, uno de los dos polos donde se asientan la mayoría de las maquilas en todo el País. Más allá de los buenos augurios profetizados por miembros del gobierno, las condiciones precarias de trabajo ya forman parte del imaginario colectivo de segmentos importantes de la sociedad. El presente trabajo pretende echar luz sobre esta cuestión y conocer, verdaderamente, cómo son las condiciones de trabajo de trabajadores de las maquilas, específicamente, las textiles.

En términos formales, la maquila es un esquema jurídico-legal que permite el ingreso de capitales extranjeros -en condiciones de exenciones impositivas- para producir bienes o servicios para su posterior reexportación y, según el decreto presidencial que reglamenta su funcionamiento, con ella se pretende el estímulo de la economía nacional, transmisión de tecnología, generación de empleos y capacitación de la fuerza de trabajo, así como el ingreso de divisas (PARAGUAY, 2000). Desde el año 2001 hasta el 2020, las maquilas en general han mantenido un ritmo constante de crecimiento en las exportaciones anuales, manteniendo un promedio de crecimiento anual del 53%, llegando a constituir el 70% de las exportaciones de manufacturas del país en el año 2021 (CNIME, diciembre, 2021).

La maquila, sin embargo, forma parte de un proceso más amplio de subcontratación internacional, donde capitales provenientes de países industrializados pasan a concentrarse en las partes de mayor exigencia tecnológica-técnica de la producción dejando, de esta manera, las partes de menor complejidad a fábricas o empresas ubicadas en países generalmente no industrializado donde el costo del salario es inferior. En general, hemos visto que, dada estas características, este proceso de tercerización internacional ha traído consigo precarias condiciones de trabajo para la clase trabajadora.

Sin embargo, con más de 20 años de existencia en la economía paraguaya, pocos son los estudios que han buscado comprenderla más allá de los materiales periodísticos o los ecos de rumores que resuenan de boca en boca. Concretamente, no tenemos conocimiento de trabajos de investigación que aborden puntualmente las condiciones de trabajo dentro de las plantas textiles. Este hecho ha fungido como una de las motivaciones para el presente estudio y, al

mismo tiempo, como una dificultad, ya que, la nula producción académica sobre el punto concreto de las condiciones de trabajo aumenta las complejidades de la labor investigativa.

En nuestro caso, partimos desde la experiencia de un estudio de caso realizado previamente (Jara, 2019) en donde estudiamos las condiciones de trabajo de una sola planta textil. De esta suerte, la presente investigación pretende ampliar el objeto de estudio e incluir a todo el sector textil en Alto Paraná. La hipótesis central es que los trabajadores de las maquilas textiles en Alto Paraná son superexplotados.

El trabajo se divide en dos partes fundamentales, las cuales son desdoblamiento de los dos objetivos centrales del trabajo, estos son: 1) Caracterizar a la maquila en el contexto del desarrollo económico mundial y; 2) Investigar las condiciones de trabajo de trabajadores de maquilas textiles en Alto Paraná.

Los capítulos 1 y 2 buscan reconstruir todo el contexto general y específico de las maquilas hasta llegar a los trabajadores. En el primer capítulo, se busca caracterizar a la maquila en cuanto fenómeno articulado al desarrollo de la economía mundial, para lo cual, partimos desde un breve repaso de la historia del desarrollo económico latinoamericano, pasamos por un análisis de los principales procesos en la economía mundial que dieron cabida a la Maquila. En el segundo capítulo llegamos específicamente a la maquila mexicana y a la paraguaya, a la primera, la abordamos como experiencia más desarrollada de la maquila en Latinoamérica a partir de un repaso de sus principales generaciones y lo que ha representado y representa para la economía mexicana, y a la segunda, la abordamos a partir del marco jurídico que la sostiene, así como de sus principales características en cuanto a rubros, cantidad de trabajadores, cantidades exportadas, etc.

En la segunda parte de la investigación, integrada por los capítulos 3 y 4, se abordó específicamente las condiciones de trabajo. En el capítulo 3 se presentan las principales evidencias levantadas a lo largo de todo el trabajo de campo y en el capítulo 4 se aborda al concepto de superexplotación del trabajo y se analiza en qué medida los trabajadores entrevistados cumplen, o no, los indicadores del concepto.

Seleccionamos el sector textil porque éste es uno de los rubros que más proyectos aprobados tiene en la región Este del país, así como el que más consume fuerza de trabajo en esta región. La base teórica utilizada para analizar a la maquila es la Teoría Marxista de la Dependencia, en ella descansa todo el armazón teórico y analítico de la investigación.

## TRABAJO DE CAMPO Y SITUACIÓN DE PESQUISA

El trabajo de investigación se dividió principalmente en dos momentos. En un primer momento, buscamos realizar una caracterización completa de la maquila en cuanto fenómeno histórico y económico a escala mundial y sus manifestaciones en la economía latinoamericana y paraguaya. Para ello, en primera instancia, hicimos un levantamiento bibliográfico en el marco de autores de la TMD para comprender su ubicación en el contexto de la economía mundial y, especialmente, en la economía dependiente latinoamericana, posteriormente, continuamos con un levantamiento bibliográfico de artículos referentes a la historia de la maquila en México ya que, es en este país donde la maquila ha logrado mayor relevancia económica y social -al menos, en la economía latinoamericana. Finalmente, concluimos esta primera parte de la investigación con un levantamiento de datos sobre el desarrollo de las maquilas en Paraguay. Nuestra principal fuente de datos fue el Consejo Nacional de la Industria Maquiladora de Exportación (CNIME) a través del Portal Unificado de Información Pública<sup>1</sup>.

El segundo momento de la investigación se centró en el trabajo de campo. Éste fue realizado en el Departamento de Alto Paraná, y, principalmente, en su capital Ciudad del Este. En primer lugar, se realizó un mapeo de todas las plantas maquiladoras textiles de Alto Paraná. Según la lista del CNIME actualizada hasta noviembre del 2020, en Alto Paraná se había aprobado un total de 40 proyectos de maquiladoras textiles, sin embargo, solo puede tener informaciones de localización de 18 de ellas. Según la respuesta del CNIME a una consulta realizada a través del Portal de acceso a Información pública “Existen aproximadamente 35 empresas con programas textiles vigentes.” (CNIME, 2021), sin embargo, no fue provista la información relacionada a la dirección de las mismas, por lo que, para realizar el mapeo, recurrí a informaciones de las municipalidades de las ciudades de Ciudad del Este, Hernandarias y Minga Guazú -a través del portal de acceso a información pública<sup>2</sup>- y, también, recurrí a las imágenes satelitales del mapa de Google (ver cuadro 1). De esta manera, me encontré con que las informaciones de las municipalidades no se encuentran efectivamente actualizadas.

---

<sup>1</sup> Disponible en el siguiente enlace:

[https://informacionpublica.paraguay.gov.py/portal/#!/buscar\\_informacion#busqueda](https://informacionpublica.paraguay.gov.py/portal/#!/buscar_informacion#busqueda)

<sup>2</sup> No recibí respuestas de la Municipalidad de Minga Guazú

Figura 1- Ubicación de Alto Paraná



Fuente: Wikipedia

Figura 2 - Ubicación de Ciudad Del Este



Fuente: Wikipedia

A su vez, de las 18 plantas que obtuve información de localización, solo logré localizar efectivamente a 10 de ellas. En cada una de las plantas localizadas tuve la oportunidad de conversar con trabajadores, guardias de seguridad, o bien, con vecinos del lugar, quienes brindaron informaciones relevantes.

Tabla 1 – Lista de plantas textiles visitadas en Alto Paraná

	Nombre	Ubicación	Lista Municipalidad	Google maps	Situación	Observación
1	Qin Yi	Barrio Pablo Rojas - CDE*	No	Sí	Econtré	-
2	Hoahi	Barrio Don Bosco - CDE	Sí	Sí	Econtré	-
3	Iguazú	Barrio Villa Sofia - CDE	No	Sí	Econtré	-
4	Prevemax SA	Parque Industrial Mercosur	No	Sí	No encontré	-
5	CTV Textiles	Barrio El Pinas - CDE	No	Sí	No encontré	Según testimonio de vecinos, la planta se mudó
6	Soft dream	Barrio El Pinas - CDE	No	Sí	Econtré	-
7	Avenpar S.A	Barrio Las Palmeras - CDE	No	Sí	No encontré	-
8	MMKM	Barrio Las Palmeras - CDE	Sí	Sí	No encontré	-
9	Porto Franco	Barrio Las Palmeras - CDE	No	Sí	Econtré	-
10	Asturias Tejidos	Parque Industrial Algesa	No	Sí	Econtré	Según guardia de seguridad, casi ya no tienen actividades
11	Hogar Texti	Parque Industrial Algesa	Sí	Sí	Econtré	-
12	Guaraní Textil	Almacenes Gical	No	Sí	Econtré	Según guardia de seguridad, casi ya no tienen actividades
13	Sican	Parque Industrial San Juan	No	Sí	No encontré	-
14	Feiyan Textil S.A	Barrio Villa Sofia - CDE	No	Sí	No encontré	-
15	Lunelli	Parque Industrial San Juan	Sí	Sí	No encontré	Se mudó a un local propio
16	Lunelli	Ciudad Minga Guazú	-	Sí	Econtré	Planta de gran tamaño
17	Brigton	Ciudad Minga Guazú	-	sí	No encontré	-
18	Corteinerías del Py	Barrio Las Palmeras - CDE	No	Sí	Econtré	-
	Fuente: elaboración propia					
	*Ciudad del Este					

El acercamiento a los trabajadores fue principalmente en los horarios de almuerzo ya que, en algunas plantas, parte importante de los trabajadores sale a almorzar en locales gastronómicos en la periferia de la planta. Las entrevistas fueron realizadas en los lugares de almuerzo, en lugares fuera de la planta -como en plazas públicas- o en el domicilio de los mismos. También realizamos recorridos por el centro de Ciudad del Este, donde pude entrevistar a vendedores de mantas (uno de los principales productos de las plantas textiles).

Tres fueron las principales dificultades en los momentos del abordaje, en primer lugar, el miedo que los trabajadores manifestaban, en segundo lugar, el poco tiempo de almuerzo con el que contaban y, finalmente, que la salida de campo se realizó entre los meses de enero y diciembre del 2021, tiempo donde aún existían medidas de aislamientos y algunas restricciones de circulación debido a la pandemia por Covid-19, es un dato no menor que el investigador ha recibido la primera dosis de la vacuna recién en julio del 2021, por lo que se realizó varias entrevistas sin contar con ninguna dosis. Un dato relevante para agregar es que, durante el trabajo de campo, me he presentado en algunas plantas solicitando trabajo. La intención fue

entrar como trabajador y, una vez dentro, conocer con mayor detalle tanto las condiciones de trabajo como a los trabajadores, sin embargo, solo una planta me recibió para una entrevista, en las demás tomaron mis papeles o simplemente me rechazaron<sup>3</sup>.

De esta manera, en total fueron realizadas 27 entrevistas, de los cuales, 21 fueron trabajadores, 2 vendedores de mantas, 3 dueños de locales gastronómicos y 1 trabajador de un estudio jurídico. A su vez, 11 fueron entrevistas grabadas, 5 mediante medios virtuales (4 por llamadas y 1 por medio escrito) y las demás se realizaron con apuntes escritos.

Las entrevistas fueron semiestructuradas en profundidad, con un cuestionario temático guía. Dadas las características del escenario de la investigación, así como de los mismos trabajadores, la técnica de muestro utilizada fue no probabilística por conveniencia combinado con bola de nieve. Según Casal y Mateu (2003), un muestreo no probabilístico consiste en la elección de la muestra a partir de la accesibilidad de los sujetos o bien, de acuerdo a la posibilidad de obtener mayor información. Para Salgado (2012), en un muestreo no probabilístico, el informante “(...) es cuidadosa e intencionalmente seleccionado por su posibilidad de ofrecer información profunda y detallada sobre el asunto de interés para la investigación.” (614-615), ya que la intención aquí no es medir las variables sino, más bien, la comprensión de los fenómenos y hechos sociales estudiados en toda su complejidad. La técnica “bola de nieve” se refiere al acceso a los sujetos a partir de recomendaciones realizadas por otros sujetos contactados.

En lo que se refiere al tamaño de la muestra, según Salgado (2012), en la investigación cualitativa no existen reglas que delimiten tamaños de la muestra, según la autora “lo decisivo aquí no es el tamaño de la muestra, sino la riqueza de los datos provistos por los participantes y las habilidades de observación y análisis del investigador” (p. 617). Usualmente, el criterio utilizado para delimitar el tamaño de la muestra es el de la “saturación”, esto se da cuando en el proceso de levantamiento de información ya se ha dejado de encontrar informaciones nuevas, por lo que se concluye que se ha levantado toda la información relevante y se procede al cierre de la muestra. Sin embargo, objeciones a este criterio evidencian la imposibilidad de llegar a un punto de saturación dada la enorme complejidad de las relaciones sociales y de la gran variabilidad de los individuos, por lo que la autora concluye que “el investigador debe continuar indagando no hasta el punto de una quizá inalcanzable saturación, sino hasta el momento en el

---

<sup>3</sup> Estos puntos serán analizados más al frente.

que considere que puede decir algo importante y novedoso sobre el fenómeno que lo ocupa.” (ídem), de esta suerte, la investigación cualitativa no pretende construir leyes de validez universal, a-temporales y a-espaciales, similares a las leyes de la física, sino, más bien, aportar a la comprensión de la enorme complejidad de los fenómenos subjetivos -y sus conexiones con la materialidad externa al individuo- que, en este caso, constituye no un sesgo sino el origen mismo de la inventiva y creatividad humana.

Es importante agregar que, si bien, no hemos podido entrevistar a trabajadores de todas las plantas textiles de Alto Paraná, dado el grado de circulación inter maquilas, pudimos tener acceso, a través de las entrevistas con los trabajadores, a mucha información relacionada a otras plantas textiles, lo que nos permitió tener una imagen del escenario general en el que se reproduce la fuerza de trabajo de las maquilas textiles de Alto Paraná. Por otro lado, no hemos utilizado los nombres reales de los entrevistados ni de las plantas maquiladoras de tal forma a resguardar la seguridad de los trabajadores.

## CAPÍTULO 1 - ¿QUÉ SON LAS MAQUILAS Y DE DÓNDE VIENEN?

### 1.1 CRISIS CAPITALISTA Y REESTRUCTURACIÓN PRODUCTIVA

Para comprender a cabalidad qué son las maquilas y de dónde vienen, se torna fundamental repasar, aunque sea brevemente, la historia del desarrollo económico-social latinoamericano y del capitalismo global. Esto es así dado que el surgimiento de la maquila es un fenómeno articulado al desarrollo del capitalismo mundial y no puede ser entendido correctamente fuera de estos márgenes. El modo de producción capitalista, aunque en su desarrollo manifieste especificidades regionales, constituye, ante todo, una “totalidad integrada e diferenciada” (LUCE, 2018, p. 9). Las especificidades regionales que asumen los diferentes países a lo largo del globo, son relativas al papel que cumplen en el proceso global de acumulación del capital. Para el caso de los países del capitalismo dependiente latinoamericano dirá Marini que “(...) *a raíz de las condiciones mismas de su formación y desarrollo histórico, [se] agrava hasta el límite las contradicciones inherentes a la producción capitalista.*” (MARINI 2008, p. 227-228)<sup>4</sup>

El argumento que defiende el presente capítulo es que la maquila forma parte del proceso de reestructuración productiva por el que pasó el capital mundial en el marco de la crisis estructural de la década del 70 del siglo pasado, resultado, a su vez, de la caída tendencial de la tasa de ganancia (tanto en los países del capitalismo avanzado como en los dependientes). Todas las manifestaciones de este proceso de reestructuración productiva -incluida la maquila-, con el objetivo de paliar la mencionada caída de la ganancia, aumentaron la explotación y precarización de las condiciones de trabajo de la clase trabajadora en escala planetaria (VALENCIA, 1998), afectando incluso a la clase trabajadora de los países del capitalismo avanzado, quienes, entre el fin de la segunda guerra mundial y la década del 70, habían conquistado importantes reivindicaciones que permitieron condiciones de trabajo y de vida estables (FELIX, 2018, p. 127).

Realizaremos un breve repaso del proceso histórico a través del cual las economías latinoamericanas se articulan a la economía mundial. Nuestra base teórica para encarar esta caracterización es la Teoría Marxista de la Dependencia (TMD), y en particular, los argumentos desarrollados por Ruy Maro Marini en su clásico libro “Dialéctica de la dependencia” (MARINI, 2008) que, según Traspadini y Stedile (2011, p. 30), “foi o texto mais importante

---

<sup>4</sup> Resaltado del original.

gerado no debate da Escola da Dependência”. Para ello, en un primer momento, realizaremos una breve presentación de la TMD: el contexto histórico donde surge, sus principales intelectuales y principales categorías, para luego, en un segundo momento, abordar de forma específica el proceso histórico de vinculación con la economía mundial.

## 1.2 SURGIMIENTO DE LA TMD

La TMD es una vertiente del marxismo que analiza el desarrollo de la economía mundial y las manifestaciones de éste en las economías con escaso desarrollo industrial, a la cual ha llamado de “dependientes”, en oposición a las economías del capitalismo central. Según Matías Luce, la TMD se enfoca en responder a los problemas del

(...) estudo do capitalismo enquanto economia mundial e das tendências particulares que se impõem nas formações econômico-sociais subordinadas ao imperialismo, sob a égide da divisão internacional do trabalho e do desenvolvimento desigual da lei do valor. (LUCE, 2018, p. 19)

Entre los principales intelectuales de esta vertiente del marxismo están Vania Bambirra, Theotonio Dos Santos y el ya citado Ruy Mauro Marini<sup>5</sup>. El espacio que sirvió de base material para su desarrollo fue el Centro de Estudios Socio-Económicos (CESO) de la Facultad de Economía de la Universidad de Chile. Una intensa vida política y académica se vivía en Chile en esos momentos (década del 60 del siglo pasado) como resultado del proceso político que llevó al poder a la Unidad Popular, por un lado, y por el otro, por una gran cantidad de intelectuales latinoamericanos, así como europeos y norteamericanos, que habían llegado huyendo de las dictaduras de la región. (BAMBIRRA, 1978, p. 23). Según Marini,

O Cesó foi, em seu momento, um dos principais centros intelectuais da América Latina. A maioria da intelectualidade latino-americana, europeia e estadunidense, principalmente de esquerda, passou por ali. (MARINI, 2011, p. 84)

Si bien, como reconoce Bambirra, el origen de la TMD, o bien, su móvil inmediato, “(...) debe ser buscado en el intento de superación de dos grandes vertientes de la interpretación del proceso de desarrollo en el continente” (BAMBIRRA, 1978, p. 16), estos son los

---

<sup>5</sup> Es importante aclarar que, dentro de la Escuela de la dependencia, existieron dos posturas encontradas, una vertiente marxista y por el otro, una weberiana, schumpeteriana, capitalista: “Pela vertente marxista, Ruy Mauro Marini, Andre Gunder Frank, Theotonio Dos Santos, Vania Bambirra e Agustín Cueva debatem criticamente o porquê do desenvolvimento proposto pela Cepal não ter condições de gerar, nas economias latinas, um outro processo de desenvolvimento menos desigual. Por outro lado, o da vertente weberiana, schumpeteriana, capitalista, Fernando Henrique Cardoso, José Serra e Enzo Faletto argumentavam o porquê da permanência no atraso e da possibilidade, ainda viável, de se lograr um desenvolvimento diferente, moderno, de capitalismo avançado.” (TRASPADINI e STEDILE, 2011, p. 28) Los primeros colocando a la revolución socialista como única alternativa para superar la dependencia, los segundos, abogando por una mejor administración interna de recursos y una reorientación de la burguesía local.

provenientes de los partidos comunistas, por un lado, y los de la CEPAL, por el otro. Es por eso que, no debe ser considerada la TMD como un “(...) subproducto e alternativa acadêmica a teoria desenvolvimentista da Cepal, a teoria da dependência tem suas raízes nas concepções que a “nova esquerda” elaborou para fazer frente a ideologia dos partidos comunistas. (MARINI, 2011, p. 66)

En ese sentido, conviene dejar en claro cuáles son las fuentes de la TMD, que, si bien nace siendo interlocutora de la CEPAL y de los partidos comunistas, sus fuentes teóricas se encuentran en la misma teoría marxista. Sobre las fuentes teóricas de la Teoría Marxista de la Dependencia, sostiene Luce que

A TMD tem como fontes a teoria do valor de Marx e a teoria marxista do imperialismo e trabalha com as categorias marxistas de *O capital*; com a categoria marxista de formação econômico-social; com o conceito de economia mundial desenvolvido por ela mesma (pela TMD), além das categorias descobertas para pensar a realidade regida pelas relações de dependência -caso da *transferência de valor como intercambio desigual*, da superexploração, da cisão no ciclo do capital e outras mais, como padrão de reprodução do capital. (2018, p. 202)

De esta forma, la TMD es una corriente del pensamiento marxista dedicada a comprender el funcionamiento del capitalismo mundial y, específicamente, sus manifestaciones en las economías dependientes. En cuanto a sus fuentes, es resultado no solo del debate sobre la dependencia y el desarrollo que se dio en América Latina a mediados del siglo pasado sino, principalmente, de la lectura creativa y crítica del pensamiento marxista aplicado como método de investigación.

### **1.2.1 Principales categorías**

Uno de los principales argumentos refutados por la TMD es aquel que sostenía la existencia de relaciones feudales como causantes del subdesarrollo latinoamericano. Este subdesarrollo era entendido como un desarrollo “insuficiente”, o bien, deformado (MARINI, 2008, p. 132) de las relaciones capitalistas, (o sea, “faltaba capitalismo”) por lo que la estrategia para lograr el ansiado desarrollo se sostenía en una supuesta “vocación revolucionaria” de la burguesía local que, al igual de lo ocurrió en el capitalismo clásico, podría generar una revolución industrial y, consecuentemente, la eliminación de los rezagos feudales.

La industrialización llegó a América Latina, sin embargo, esta no logró “reencausar” las “deformaciones” e “insuficiencias” del sistema económico, sino, más bien, agravó la situación de dependencia, la superexplotación y la concentración de recursos (MARINI, 2008, p. 167), dice Marini que

O que deveria ser dito é que, ainda quando se trate realmente de um desenvolvimento insuficiente das relações capitalistas, essa noção se refere a aspectos de uma realidade que, por sua estrutura global e seu funcionamento, *não poderá se desenvolver jamais da mesma forma como se desenvolvem as economias capitalistas chamadas avançadas. É por isso que, mais do que um pré-capitalismo, o que se tem é um capitalismo sui generis*, que só adquire sentido se o contemplamos na perspectiva do sistema em seu conjunto, tanto em nível nacional, quanto, e principalmente, em nível internacional. (ibidem, p. 132)<sup>6</sup>

Una vez las principales economías latinoamericanas transitaron el camino hacia la industrialización, se constató que no fueron superados los escollos de la sociedad dependiente no por un desarrollo insuficiente de los procesos industriales, sino por las características estructurales del desarrollo del capitalismo a escala mundial que, a su vez, manifiesta peculiaridades en sus “periferias”, esto es, las economías dependientes. Como bien resaltó Marini en la cita anterior, más que un pre capitalismo, lo que tenemos, en verdad, es un capitalismo *sui generis*, como no podría haber sido de otra forma.

El desarrollo de estos procesos industriales no hizo sino más que reforzar la validez de las *leyes tendenciales propias del capitalismo dependiente* que reafirman las contradicciones y limitaciones estructurales de la economía latinoamericana en cuanto siga formando parte del esquema del capitalismo mundial, esto es, que siga formando parte de las cadenas de valor, circulación y acumulación de la economía mundial gobernada por la búsqueda del lucro y la ganancia<sup>7</sup>.

### 1.2.2 Leyes tendenciales del capitalismo dependiente

Ahora bien ¿qué son estas “leyes tendenciales propias del capitalismo dependiente”? ¿en qué se diferencian de las leyes que analizó Marx su clásica obra “El Capital”? ¿A caso estas “nuevas leyes” son “superadoras”, o bien, la negación de las anteriores? La respuesta a esta última pregunta es: no.

---

<sup>6</sup> El resaltado me pertenece.

<sup>7</sup> Los autores de la TMD sostienen que solo con la revolución socialista, al encaminar el desarrollo económico sobre bases diferentes a las de la búsqueda del lucro, es posible reencauzar el desarrollo de las fuerzas productivas y lograr la eliminación de la explotación que permita una vida digna y justa. La revolución cubana fue, en su momento, una importante demostración de la equivocada tesis de la revolución democrático burguesa (BAMBIRRA, 1978, p. 19). Para evitar equívocos, conviene aclarar que, generar un proceso revolucionario que pauté su desarrollo interno fuera de la lógica capitalista no implica, necesariamente, “salir” de la influencia de las relaciones de producción capitalistas: más allá del proceso largo que impone el desarrollo de una nueva sociedad con Pedro ideológicos, culturales y subjetivos diferentes -superestructura- (tema abordado por EL Che Guevara en su clásico texto “El hombre nuevo” (GUEVARA, 1965)), siempre que las relaciones de producción capitalistas sean hegemónicas en escala planetaria, el desarrollo de las propuestas socialistas deberán enfrentar las limitaciones y hostigamientos que, sin duda, éste les imprimirá, como lo revela el actual proceso de los países socialistas, especialmente el de la revolución cubana.

El capitalismo, como modo de producción dominante, es una *totalidad integrada y diferenciada* en donde los fenómenos y procesos se dan en distintas escalas y con variaciones regionales, todas estas coherentes con la acumulación del capital y las leyes tendenciales que rigen su funcionamiento a escala planetaria. Constituye un conjunto heterogéneo y contradictorio de fenómenos que, sin embargo, no anula la idea de la unidad. El capitalismo es, en suma, un modo de producción que reproduce sus leyes y tendencias -y contratendencias- de forma diferenciada dada la posición que se ocupe en la división internacional del trabajo<sup>8</sup>.

Según Félix, “Os fenômenos pelos quais se distingue [la economía latino-americana dependiente] nada mais são do que manifestações da maneira particular de como incide nessa formação a lei geral da acumulação de capital” (2019, p. 307), o sea, estas leyes tendenciales específicas son desdoblamientos de las leyes descritas por Marx -que dirigen el desarrollo del capitalismo a escala mundial- y, en ninguna medida, niegan la validez o vigencia de estas, muy por el contrario, se afirman con mayor solidez la vigencia de las mismas al comprender las peculiaridades que asume en las economías dependientes, en donde, por lo general, tiende a manifestar sus peores facetas.

Según Luce son resultado de la “agudización” de estas leyes generales, por eso sostiene que la

(...) agudização das leis gerais do capitalismo põs em movimento leis específicas -não desvinculadas das tendencias mais gerais do capitalismo, repetimos mais uma vez-, mas como um desdobramento histórico específico que são leis de tendencia próprias a este conjunto de formações económico-sociais em consideração, as do capitalismo dependente. (2018, p. 224)

Estas leyes tendenciales propias de la economía dependiente son, según Luce (íbidem, p. 229-230), “(...) *a transferência de valor como intercambio desigual, a superexploração da força de trabalho e a cisão no ciclo do capital (ou divórcio entre a estrutura produtiva e as necessidades das massas)*”<sup>9</sup>. Estas leyes tendenciales específicas se han manifestado en todo el proceso histórico del desarrollo del capitalismo en América Latina (desde la economía de exportación de mediados del siglo XIX hasta la etapa de la industrialización dada entre las dos guerras mundiales, primero, y su nueva faceta posterior a la segunda guerra mundial) y lo siguen haciendo hoy con las nuevas formas que asume el capitalismo mundial en el marco del proceso

---

<sup>8</sup> Para referirse a la realidad latinoamericana, Luce (2018) toma de Lukács la expresión de “complejos de complejos” en donde “O capitalismo dependente, com suas leis específicas, é, pois, um complexo social que integra o complexo maior, onde atuam as leis gerais de seu movimento.” (p. 228)

<sup>9</sup> Resaltado del original.

de reestructuración productiva y del nuevo patrón exportador de especialización productiva<sup>10</sup> que han asumido las economías dependientes latinoamericanas.

Luce argumenta que, para Marx, la única ley “natural”, la cual nunca puede ser superada y que es válida en cuanto exista el modo de producción capitalista -porque esta forma parte de su esencia- es la ley del valor (2018, p. 226), en ese sentido

“(…) Todas as demais leis da economia, sem prejuízo de sua legalidade, que todavia tem caráter tendencial, já que são leis de complexos em movimento, são de natureza histórica, pois sua entrada e sua conservação em vigor dependem de circunstancias histórico-sociais determinadas, cuja presença ou ausência não é produzida, ou pelo menos não diretamente, pela própria lei (LUKÁCS, 2012, p. 359-390), citado por Luce (2018, p. 225)

De esta forma, concluye Luce que en nada se contradice a la ley del valor cuando se sostiene que el “desdoblamiento histórico da lei do valor engendra leis específicas a certas realidades (...)” (ibidem, p. 226) formando, sin embargo, parte de una totalidad mayor.

### 1.2.3 La situación dependiente

La cuestión de la dependencia es, sin duda, uno de puntos más criticados a la TMD, sin embargo, la mayoría de estas críticas no han conseguido captar su esencia ya que han dirigido la crítica afuera del armazón teórico que lo sostiene<sup>11</sup>.

La dependencia es, sobre todo, una síntesis de múltiples determinaciones que se manifiesta como consecuencia ineludible en las leyes tendenciales propias de la economía dependiente. Según Marini, la dependencia debe ser

(...) entendida como uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo marco as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência. A consequência da dependência não pode ser, portanto, nada mais do que maior dependência, e sua superação supõe necessariamente a superação das relações de produção nela envolvida.” (MARINI, 2008, p. 134-135)

Sin embargo, esta definición ha dado pie a muchas interpretaciones equivocadas, como que la dependencia se circunscribe a una mera dependencia política, o bien, que esta se define exclusivamente a partir del factor externo, lo que desconsideraría las características

---

<sup>10</sup> El concepto de “patrón de especialización productiva” lo analizaremos más al frente.

<sup>11</sup> En su texto denominado “Teoría de la dependencia, una anticrítica” Vania Bambirra (1978) analiza y refuta las críticas más representativas que se han opuesto a la TMD, especialmente al concepto de “dependencia”. Muchas de estas críticas, según la autora, son fruto de confusiones y equívocos.

socioeconómicas de la realidad dependiente<sup>12</sup>. Para agregar más precisión y dejar de lado las posibles malas interpretaciones, dirá más tarde Marini que

(...) a dependência, para nós, nunca se limitou a uma relação de subordinação política entre nações capitalistas. Ela sempre foi entendida como uma forma peculiar de [manifestação] de capitalismo, que surge com base na expansão mundial de um sistema que configura diversas formas de exploração. (MARINI, 1991)

La situación dependiente es, entonces, en palabras de otros de sus fundadores, una “característica intrínseca do sistema socioeconômico de países subdesenvolvidos (...)” (DOS SANTOS, 1978, p. 49) Esta faceta interna no es simplemente una consecuencia de factores externos, sino “sua própria maneira -o modo dependente- de participar desse processo de desenvolvimento da economia mundial capitalista” (idem)

Es resultado de una relación dialéctica entre las características estructurales del desarrollo del capitalismo a escala planetaria y las características estructurales de las economías dependientes, en donde las últimas se modifican (siempre considerando sus características internas) en función a las necesidades de la acumulación global del capital, la única forma posible de integración al mercado mundial. Es una “característica intrínseca”, una forma de manifestación de las relaciones de producción capitalistas, es, en suma, la manifestación de la ley del valor y de sus desdoblamientos históricos en las periferias del desarrollo del capitalismo global. Citaremos, a seguir, la definición realizada por Theotonio Dos Santos citada por Bambirra (1978, p. 82-83) donde se evidencia con claridad la interpretación de la dependencia realizada por la Teoría Marxista de la Dependencia.

A] En primer lugar, debemos caracterizar la dependencia como una situación condicionante.

La dependencia es una situación donde la economía de cierto grupo de países está condicionada por el desarrollo y expansión de otra economía, a la cual se somete aquélla. [...]

Si la dependencia es una situación condicionante, ella establece los límites posibles del desarrollo de estos países y de sus formas. Pero *dos razones hacen que esto no sea definitivo*:

a] Las situaciones concretas de desarrollo están constituidas, no sólo por esas condicionantes generales de la dependencia, sino también por las características

---

<sup>12</sup> Para una revisión más detallada de las interpretaciones equivocadas sobre la dependencia, ver Luce (2018, p. 197). Mencionaremos brevemente alguna de ellas, según Luce (ibidem, 198) “a dependência não é sinônimo de: a) estagnacionismo; b) dependência externa; c) outro modo de produção; d) categoria tautologicamente definida; e) herança colonial; f) insuficiência de capitalismo; g) interdependência; h) fusão com o sistema-mundo; i) reformismo; j) categoria em que a luta de classes é ausente.”

específicas de la situación condicionada, que redefinen y particularizan la situación condicionante general.

b] La situación de dependencia puede modificarse y de hecho se altera, si cambian las estructuras hegemónicas y las propias estructuras dependientes

Esos cambios pueden ocurrir sin romper las relaciones de dependencia, simplemente reorientándolas [...] o rompiéndolas y tratando de consolidar una economía independiente (caso de los países socialistas) [...]

B] Con ello podemos plantear nuestra segunda conclusión general introductoria: la dependencia condiciona cierta estructura interna que la redefine en función de las posibilidades estructurales de las diferentes economías nacionales. (DOS SANTOS, 1973, p. 42,43 y 44)<sup>13</sup>

Una vez presentado el marco teórico general de las discusiones de la TMD, pasaremos a evaluar un poco más detalladamente el proceso de vinculación de la economía latinoamericana al mercado mundial, marcado, principalmente, por la manifestación de las tres leyes tendenciales (son estas: la superexplotación del trabajo, la transferencia del valor como intercambio desigual y la cisión en el ciclo del capital o divorcio entre la estructura productiva y las necesidades de las masas, ya citado previamente) a lo largo y ancho de su desarrollo histórico-económico-social.

### 1.3 AMÉRICA LATINA Y UNA INTEGRACIÓN DEPENDIENTE

Desde su invasión y colonización, América Latina se desarrolló en estrecha conexión con el capitalismo naciente, ella abrió el camino a la creación de la gran industria una vez que permitió un flujo creciente de mercancías y la expansión de los medios de pago, así como permitió el desarrollo del capital bancario y financiero que, a su vez, apuntaló el sistema manufacturero europeo (MARINI, 2008, p. 134).

La articulación de la economía latinoamericana a la economía mundial, que se dio a través de la exportación de materia prima, posibilitó la especialización productiva en el desarrollo de bienes manufacturados en las economías donde se desarrollaba la gran industria<sup>14</sup>. Las importaciones de materia prima satisficieron tanto la demanda de alimentos para la clase trabajadora, como la de materias primas industriales para la creciente industria manufacturera.

---

<sup>13</sup> El resaltado me pertenece.

<sup>14</sup> Sobre este punto, dirá Marini que “A criação da grande indústria moderna seria fortemente obstaculizada se não houvesse contado com os países dependentes e tido que se realizar sobre uma base estritamente nacional. De fato, o desenvolvimento industrial supõe uma grande disponibilidade de produtos agrícolas, que permitia a especialização de parte da sociedade na atividade especificamente industrial” (MARINI, 2008, p. 136)

El efecto de estas exportaciones en el seno de las economías industriales fue el del paso de la plusvalía absoluta a la relativa como eje articulador del desarrollo capitalista<sup>15</sup>, o sea “que a acumulação passe a depender mais do aumento da capacidade produtiva do trabalho do que simplesmente da exploração do trabalhador” (MARINI, 2008, p. 138)<sup>16</sup>. Para América Latina, sin embargo, los efectos de esta situación irán en sentido opuesto, manifestándose las leyes tendenciales del capitalismo dependiente -mencionadas previamente- que, a su vez, configuran la situación dependiente.

#### 1.4 MANIFESTACIÓN DE LAS LEYES TENDENCIALES ESPECÍFICAS DEL CAPITALISMO DEPENDIENTE

Analizaremos ahora cómo se han manifestado las leyes tendenciales específicas del capitalismo dependiente desde su integración al mercado mundial con la economía de exportación, hasta la segunda década del siglo XX, cuando comienza el proceso de industrialización en algunos países.

##### 1.4.1 La economía de exportación

Un fenómeno bastante conocido y discutido a mediados del siglo pasado fue el del progresivo deterioro de los precios de los bienes primarios en el mercado internacional, al tiempo que los bienes manufacturados mantenían estabilidad (FURTADO, 1962, p. 90-91)<sup>17</sup>.

---

<sup>15</sup> En primer lugar, la plusvalía es la cantidad de trabajo dado entre el punto de la jornada laboral en que el trabajador ha producido un equivalente al valor de su fuerza de trabajo (trabajo necesario) y el fin de la jornada de trabajo. Dejando a un lado los conceptos de plusvalía extraordinaria y la intensificación del trabajo -que busca imitar al aumento de productividad-, para los fines de la explicación del fenómeno al cual aludimos, diremos que esta cantidad de trabajo excedente puede darse en dos formas, mediante plusvalía absoluta o relativa. “A extensão da jornada de trabalho além do ponto em que o trabalhador teria produzido apenas um equivalente do valor de sua força de trabalho, acompanhada da apropriação desse mais-trabalho pelo capital -nisto consiste a produção do mais-valor absoluto. Ela forma a base geral do sistema capitalista e o ponto de partida da produção do mais-valor relativo. Nessa última, a jornada de trabalho está dividida em duas partes: o trabalho necessário e mais-trabalho. Para prolongar o mais trabalho, o trabalho necessário é reduzido por meio de métodos que permitem produzir em menos tempo o equivalente do salário. *A produção do mais-valor absoluto gira apenas em torno da duração da jornada de trabalho; a produção do mais-valor relativo revoluciona inteiramente os processos técnicos do trabalho e os agrupamentos sociais.*” (MARX, 2017, p. 578, el resaltado me pertenece), de esta forma, la plusvalía relativa es el resultado de la compresión del valor de la fuerza de trabajo -lo que reduce el tiempo de trabajo necesario- causado por un aumento de productividad en la rama productora de bienes salarios. Es necesario recalcar que, si el aumento de productividad se da por fuera del sector productor de bienes salarios, entonces el valor de la fuerza de trabajo no es alterado y la plusvalía relativa no aparece: “Em contrapartida, nos ramos de produção que não fornecem nem meios de subsistência nem meios de produção para fabricá-los, a força produtiva aumentada deixa intocado o valor da força de trabalho.” (MARX, 2017, p. 390)

<sup>16</sup> Para ver una discusión detallada de cómo los bienes primarios exportados por América Latina a las economías europeas (como el nitrato proveniente de Chile, el café de Brasil y la carne argentina) redujeron el valor de la fuerza de trabajo en estas economías, ver el capítulo 2 de Luce (2018), específicamente entre las páginas 101 y 114.

<sup>17</sup> Citado por Marini (2008, p. 146)

La Comisión Económica para América Latina (CEPAL) denominó este fenómeno de “deterioro progresivo de los términos de intercambio” que, sin embargo, no trascendió de la mera discusión de precios por lo que no llegó a comprender el fenómeno en su totalidad al no incluir el concepto de valor.

Efectivamente, ocurrió un progresivo deterioro en los términos de intercambio una vez que los precios de los bienes primarios (exportados por América Latina) se reducían mientras que los bienes manufacturados (exportados por países industriales) mantenían estabilidad. Lo que ocurrió fue que el precio, al ser una determinación sujeta no solo al valor, sino también a la correlación de fuerzas, se determinó por debajo del valor de lo producido, en el caso de América Latina, y por encima del valor producido, en el caso de los países del centro industrial<sup>18</sup>.

De esta forma, se dio una *transferencia de valor como resultado de un intercambio desigual* en la medida en que los precios de las mercancías se establecieron por encima del valor real de estas, en el caso de los bienes manufacturados, mientras que los precios de las mercancías exportadas por América Latina se establecieron por debajo del valor efectivamente producido. Así, los países industriales, se apropiaron de parte de la plusvalía producida en las economías dependientes.

Esta violación a la ley del valor se da por dos motivos principales, por un lado, por el mayor nivel de productividad de las naciones industriales, para lo que es importante el concepto de intensidad nacional del trabajo que, según Luce (...) “considera a produtividade média do trabalho em cada formação econômico-social (...) (LUCE, 2018, p. 15), y, por el otro lado, el monopolio en la producción de ciertas mercaderías. Sobre este último punto dirá Marini que

(...) o mero fato de que umas produzam bens que as outras não produzem, ou não o fazem com a mesma facilidade, permite que as primeiras iludam a lei do valor, isto é, vendam seus produtos a preços superiores a seu valor, configurando assim uma troca desigual” (2008, p. 145)

---

<sup>18</sup> En este caso, nos referimos al valor de cambio. Marx, en su obra “El capital” (2017, p. 113), explica el doble aspecto de la mercancía: valor de uso y de cambio. El primero sería determinado por la corporeidad física de la mercancía, esto es, por la utilidad práctica que se desprende de sus atributos físicos, por su parte, el valor de cambio es determinado por el trabajo socialmente necesario para su realización, de esta forma “mercadorias em que estão contidas quantidades iguais de trabalho ou que podem ser produzidas no mesmo tempo de trabalho tem a mesma grandeza de valor.” (ibidem, p. 117). El efecto de la productividad, en este caso, es el de reducir el valor individual de la mercancía, ya que, una vez que la cantidad de trabajo se mide con el tiempo, un aumento de productividad permitiría producir mayor cantidad de mercancías en menos tiempo (comparando el momento previo y posterior al aumento de la productividad).

Además de la transferencia de valor, la situación de economía exportadora de bienes primarios generará implicancias importantes al interior de las economías dependientes. Al abocar toda la capacidad productiva principalmente para la exportación, el mercado interno no es relevante para la realización de las mercaderías producidas, lo que genera una *cisión en las fases del ciclo del capital (o divorcio entre la estructura productiva y las necesidades de las masas)*, ya que se separan “(...) dois momentos fundamentais do ciclo do capital -a produção e a circulação de mercadorias (...)” (MARINI, 2008, p. 155). Veamos, a seguir, en qué afecta esto a la clase trabajadora latinoamericana:

Como a circulação se separa da produção e se efetua basicamente no âmbito do mercado externo, o consumo do trabalhador não interfere na realização do produto, ainda que determine a taxa de mais-valia. Em consequência, a tendência natural do sistema será a de explorar ao máximo a força de trabalho do operário, sem se preocupar em criar as condições para que este se reponha, sempre e quando seja possível substituí-lo pela incorporação de novos braços ao processo produtivo. (MARINI, 2008, p. 157)

Y esto se puede ver claramente en las condiciones de vida y de trabajo de la clase trabajadora en las economías de exportación. Sobre esta precariedad, dirá Luce que

Em um momento em que a expectativa de vida ao nascer era em torno de 30 anos para a realidade latino-americana e a taxa de analfabetismo, na maioria dos países da região, oscilava entre 60% e 80% esse contraste denota não apenas a oposição entre consumo popular e consumo de luxo. Denota o abismo provocado pelo divórcio entre a estrutura produtiva e as necessidades das amplas massas. (LUCE, 2018, p. 97)

De esta manera, esta enorme precariedad que recae sobre los hombros de la clase trabajadora, es el reflejo no solo de la posibilidad que tienen el capital de precarizar las condiciones de trabajo -ya que la pauperización del trabajador no pone en riesgo la venta de sus mercaderías porque estos son consumidores-, sino que es una *necesidad misma de la economía capitalista dependiente* que, ante la transferencia de valor utiliza esta *superexplotación del trabajo* como mecanismo de compensación.

La superexplotación del trabajo puede darse a través de tres mecanismos, a saber, la extensión de la jornada de trabajo (plusvalía absoluta), la intensificación de la jornada (que equivale a una mayor explotación del trabajador sin aumento de la capacidad productiva) y la reducción del “consumo do operário mais além do se limite normal, pelo qual “o fundo necessário de consumo do operário se converte de fato, dentro de certos limites, em um fundo de acumulação de capital”” (MARINI, 2008, p. 148). La consecuencia de estos tres mecanismos es que son “(...) negadas ao trabalhador as condições necessárias para repor o desgaste de sua força de trabalho (...)” (ibidem, p. 149), ya sea por un desgaste físico excesivo (extensión e

intensificación de la jornada), o por consumo insuficiente (salario inferior al valor de la fuerza de trabajo).

Por otro lado, si bien la superexplotación del trabajo opera como un mecanismo de compensación ante la transferencia de valor, no es en rigor necesario que exista tal transferencia para que estos tres mecanismos operen en la economía dependiente, el simple vínculo con la economía mundial genera un afán de lucro que, dada las condiciones, puede echar a andar procesos de superexplotación (ibidem, p. 148). En ese sentido, en otro texto, el autor afirma que

La superexplotación del trabajo es acicateada por el intercambio desigual, pero no se deriva de él, sino de la fiebre de ganancia que crea el mercado mundial, y se basa fundamentalmente en la formación de una sobrepoblación relativa. Pero, una vez en marcha un proceso económico sobre la base de la superexplotación, se echa a andar un mecanismo monstruoso, cuya perversidad, lejos de mitigarse, es acentuada al recurrir la economía dependiente al aumento de la productiva, mediante el desarrollo tecnológico. (MARINI, 1978, p. 63-64)

Al desarrollarse la economía latinoamericana en un contexto mundial de progresiva expansión del mercado mundial capitalista, su inserción se realiza, necesariamente, bajo ciertas condiciones, lo que, a su vez, influencia decisivamente su situación interna. Como mostramos previamente, la situación dependiente es, ante todo, una síntesis de la relación entre variables externas e internas que determina una forma de ser, siempre funcional a la acumulación de capital. Esta forma dependiente de ser se encuentra atravesada por estas tres leyes tendenciales específicas -como hemos demostrado proveniente- tanto en la economía de exportación como en la fase de la industrialización. Pasemos ahora, entonces, a ver cómo se manifiestan estas leyes una vez la economía latinoamericana llegó a la etapa de industrialización<sup>19</sup>.

#### **1.4.2 Una industrialización dependiente**

La industrialización en América Latina se da sobre las bases socio-económicas de la economía de exportación. La escisión en el ciclo del capital que aquí se dio y que permitió la utilización de la superexplotación como mecanismos de compensación ante la transferencia de valor, imposibilitó el desarrollo de un mercado interno relevante. Es más, se distinguía con claridad dos esferas internas de consumo bien delimitadas, una esfera alta y otra baja. La esfera alta, correspondiente a los no trabajadores, tenían un consumo ostentoso de bienes superfluos conseguidos principalmente en el mercado externo<sup>20</sup>, mientras que el consumo de la esfera baja

---

<sup>20</sup> Para ver ejemplos del consumo suntuario de la clase dirigente en este momento histórico, ver Luce (2018, p. 96)

se realizaba mediante la producción local, principalmente de bienes de subsistencia (MARINI, 2008, p. 158).

Esta estratificación interna fue relevante para el proceso de industrialización. De esta suerte, es posible dividir el proceso de industrialización en dos momentos a partir del concepto de *patrón de reproducción del capital*. Este concepto es propuesto por Marini (MARINI, 1982), pero desarrollado por Jaime Osorio, en su texto “Padrão de reprodução do capital: uma proposta teórica” (OSORIO, 2012) y busca realizar una caracterización del desarrollo capitalista desde un punto de abstracción intermedio entre conceptos de alcance más general y conceptos más limitados, en palabras del mismo autor:

A categoria de padrão de reprodução do capital estabelece, assim, *mediações* entre os níveis de análise (modo de produção capitalista e sistema mundial) e os níveis menos abstratos ou histórico-concretos (formação econômico-social e conjuntura). Dessa forma, se alimenta dos aportes conceituais e metodológicos presentes nos níveis mais abstratos, mas exige aportes conceituais e metodológicos que lhe são próprios.

A reprodução do capital assume formas diversas em diferentes momentos históricos, devendo se readaptar as mudanças produzidas no sistema mundial e na divisão internacional do trabalho, reorganizando a produção sobre novos eixos de acumulação e/ou novos valores de uso. *Isso permite historicizar a reprodução do capital* e diferenciar os padrões que se estabelecem. (OSORIO, 2012, p. 41)<sup>21</sup>

Esta noción permite realizar un estudio más detallado del proceso histórico de formación socio-económica de América Latina a partir de la comprensión de las implicancias internas de los procesos desarrollados en el mercado internacional. Estos patrones son: patrón agrominero exportador (1850-1920), patrón industrial internalizado y autónomo (1930-1940), patrón industrial de integración al capital extranjero (1950-1980) y patrón exportador de especialización productiva (1980 hasta el presente) (OSORIO, 2012, p. 78)<sup>22</sup>.

#### 1.4.2.1 Patrón industrial internalizado

Esta primera etapa de la industrialización se realiza entre las dos primeras guerras mundiales. Esta coyuntura internacional, marcada además por la crisis de la década del 30, dio

---

<sup>21</sup> Resaltado del original

<sup>22</sup> Así mismo, no todos los países ingresaron a la etapa de industrialización, y los que lo hicieron, tampoco lo hicieron en el mismo momento. Vania Bambirra en su libro “El capitalismo dependiente latinoamericano” (BAMBIRRA, 1999), divide a las economías dependientes latinoamericanas en tres: los países de tipo A, los de tipo B y los de tipo C. Diremos brevemente que estos primeros (integrado por Brasil, Argentina, México, Chile, Colombia y Uruguay) desarrollaron procesos industriales a finales del siglo XIX que, en la coyuntura especial dada entre las dos guerras mundiales y la crisis del 30, les permitió iniciar un proceso de industrialización; los segundos (integrados por Venezuela, Perú, Bolivia y Ecuador en América del Sur) pasarán a la etapa de industrialización posterior a la segunda guerra mundial y los terceros (Haití, Paraguay y Panamá) no experimentarán procesos de industrialización.

paso a un debilitamiento relativo de la dominación extranjera (LUCE, 2018, p. 219) y, ante las dificultades de la importación dada la crisis del mercado mundial, se desarrollaron procesos de industrialización. Sin embargo, como dijimos anteriormente, este proceso de industrialización se desarrollará sobre las bases económico-sociales de la economía de exportación, cual era, principalmente, un mercado interno pauperizado dado el desarrollo de la acumulación basada en la superexplotación del trabajo.

El proceso de industrialización se desarrolla principalmente en la producción de bienes suntuarios para satisfacer la demanda de la esfera alta de circulación. Esto no podría haber sido de otra forma dada la incapacidad objetiva de consumo de este tipo de bienes por parte de la clase trabajadora. Una vez estos bienes no ingresan al consumo de la clase trabajadora, se constituye esta mercancía como bien suntuario, y, lo más importante, no interesa al capital aumentar la capacidad de consumo de los trabajadores ya que éstos no intervienen en la realización de la mercancía, habilitando, entonces -así como en la economía de exportación- la continuidad de la superexplotación del trabajo.

En el caso de las economías capitalistas clásicas, esto se dio de forma distinta. El desarrollo del capital constante acompañó el crecimiento del capital variable, esto es, el aumento de la capacidad técnica y tecnológica de la fuerza productiva, fue aumentando en estrecha consonancia con el aumento de la demanda, “Existe, pois, uma estreita correspondência entre o ritmo de acumulação e o da expansão do mercado” (MARINI, 2008, p. 160)<sup>23</sup>. De esta manera, interesa al capital aumentar la capacidad productiva para así reducir el valor de las manufacturas lo que, a su vez, reduce el valor de la fuerza de trabajo -ya que estos son consumidores de las mercancías producidas- lo que, finalmente, aumenta la plusvalía relativa.

É por isso que a produção industrial, nesse tipo de economia, concentra-se basicamente nos bens de consumo popular e procura barateá-los, uma vez que incidem diretamente no valor de força de trabalho e portanto – à medida que as condições em que se dá a luta entre operários e os patrões tende a aproximar os salários desse valor- na taxa de mais-valia. (MARINI, 2008, p. 161)

El desarrollo industrial en estas economías también generó aumento de la demanda de bienes suntuarios, lo que lleva a que también en las economías del capitalismo clásico se dividan

---

<sup>23</sup> “Na história do capitalismo, não foi a produção de luxo que serviu de arranque para a produção de riqueza sob as relações de produção capitalista- foi a produção de bens de consumo (...). Nas economias centrais, o alvorecer da produção industrial em massa deu-se com os bens de consumo necessário (têxteis etc.), e a indústria do setor de bens de capital surgiu concomitantemente e como função dela (tear a vapor, lançadeira mecânica etc.). (LUCE, 2018, p. 116-117)

dos esferas de consumo, una alta y otra baja, tal cual vimos ocurrió en las economías dependientes, sin embargo, esta situación se ve atenuada por contratendencias que, aunque no eliminan esta separación, tienden a atenuarla.

La necesidad de expansión de la producción de los bienes suntuarios encuentra límites infranqueables en el comercio externo una vez que la demanda de estas mercaderías es limitada por dos factores: por un lado, cuando el comercio se desarrolla entre dos países que producen esta misma mercancía, el avance de una implica el retroceso de la otra, lo que lleva al desarrollo de medidas proteccionistas y, por el otro, cuando este intercambio se desarrolla entre países industrializados y países dependientes, la demanda se restringe a la esfera alta de circulación (o sea, a la clase dirigente que es, como sabemos, cuantitativamente poco importante), lo que plantea la necesidad de encontrar otra salida: esta es la de aumentar la productividad para reducir el valor de estas mercancías para, finalmente convertir a la clase trabajadora en consumidora, ampliando, de esta forma, el mercado. Esta es la característica de una economía que articula su desarrollo en la plusvalía relativa, a diferencia de las economías dependientes que, ante la incapacidad del desarrollo mediante el aumento de la productividad, articulan su desarrollo en la superexplotación del trabajo.

Otro elemento a tener en cuenta es el relacionado al modo de circulación desarrollado cuando se alcanzó esta etapa de industrialización que, si bien modifica el escenario previo, no lo hace sino para mutar en otra forma que afianza aún más la acumulación basada en la superexplotación:

Partindo então do modo de circulação que caracteriza a economia exportadora, a economia industrial dependente reproduz, de forma específica, a acumulação de capital baseada na superexploração do trabalhador. Em consequência, reproduz também o modo de circulação que corresponde a esse tipo de acumulação, ainda que de maneira modificada: *já não é a dissociação entre a produção e a circulação de mercadorias em função do mercado mundial o que opera, mas a separação entre a esfera alta e a esfera baixa da circulação no interior mesmo da economia*, separação que, ao não ser contraposta pelos fatores que atuam na economia capitalista clássica, adquire um caráter muito mais radical. (MARINI, 2008, p. 164)<sup>24</sup>

De esta manera, la ley tendencial que pauta la cisión del ciclo del capital (o divorcio entre la estructura productiva y las necesidades de las masas) se hace evidente ya no en la cisión externa entre producción y circulación, sino en el seno mismo de la economía latinoamericana entre la esfera alta y la esfera baja de circulación.

---

<sup>24</sup> El resaltado nos pertenece

Cuando en la economía industrial latinoamericana se llegó a la necesidad de ampliar la producción -basada en bienes suntuarios-, el mecanismo operado fue diferente al recurrido por las economías del capitalismo clásico.

#### 1.4.2.2 Patrón industrial de integración al capital extranjero

La agudización de la competencia en torno a la apropiación de la plusvalía, empuja a los capitales a una carrera por reducir los costos de producción y poder, así, apropiarse de una mayor cantidad de plusvalía: ya sea a través de la plusvalía, relativa, la plusvalía extraordinaria, o bien, en el caso de las economías dependientes, a través de los mecanismos de la superexplotación del trabajo<sup>25</sup>. En el marco del capitalismo clásico, es la búsqueda de la plusvalía extraordinaria<sup>26</sup> la que empuja el desarrollo tecnológico. En ese sentido, el desarrollo tecnológico en los países del capitalismo avanzado del último siglo ha sido de tal magnitud que resulta casi imposible ser equiparado por países de economías dependientes<sup>27</sup>, lo que genera

---

<sup>25</sup> Si bien, es cierto que en las economías del capitalismo clásico también se desarrollan mecanismos de superexplotación del trabajo, no es éste el elemento medular que pauta su desarrollo, al menos, en lo referido a esta etapa histórica (hasta la década del 70 del siglo pasado). Sobre la posibilidad de la superexplotación como eje articulador también de la economía central, veremos más adelante al analizar el texto de Marini denominado "Proceso y tendencia de la globalización capitalista" (MARINI, 2008b)

<sup>26</sup> El valor de una mercancía se deriva del tiempo de trabajo socialmente necesario para su elaboración (ver nota número 16), de esta forma, el valor es una determinación social resultado del promedio del nivel productividad en determinada rama productiva. Si el aumento de la productividad reduce el valor individual -dado que a mayor productividad, menor tiempo de trabajo necesario y menor costo de producción-, y, si el avance tecnológico o técnico que permitió que un capital alcance mayores niveles de productividad no es generalizado, éste capital podrá producir sus mercancías con un valor individual por debajo del valor social lo que lo lleva a acumular mayores niveles de plusvalía (en este caso, plusvalía extraordinaria), siempre y cuando este crecimiento del capital constate -o sea, de la fuerza productiva- no sea generalizado, caso contrario, el nuevo valor reducido se generaliza y desaparece la plusvalía extraordinaria.

<sup>27</sup> El caso de los países socialistas es interesante para comprender algunas diferencias entre el desarrollo de la fuerza productiva bajo el capitalismo y el pautado por un proceso en transición a otro modo de producción. En algunos casos, sin dejar ser países de escaso recursos, logran desarrollar actividades de investigación y desarrollo (ID) verdaderamente importantes. Cuba, por ejemplo, sin dejar de ser un país con recursos limitados -principalmente por el bloqueo impuesto por Norteamérica-, ha logrado desarrollar importantes avances tecnológicos en el área de la medicina, específicamente en el área de la bio-medicina, ellos es posible dado que, por ejemplo, en "el año 2002 Cuba invirtió aproximadamente el 1% de su PIB en actividades directamente relacionadas con la ciencia y la tecnología. En Cuba existe un total de 218 instituciones dedicadas a la ciencia y la tecnología, de las cuales 118 cuentan con centros de investigación. Más de 31.400 personas trabajan en institutos especializados en la esfera de la investigación y el desarrollo. La cifra total de trabajadores vinculados a las esferas de la ciencia y la tecnología asciende a más de 64 mil, de los cuales el 52% son mujeres. De la población económicamente activa del país, 13,4% trabajan en el sector de la ciencia y la tecnología, cifra comparable con algunos países desarrollados de Europa." (DÍAZ-BALART, 2006, p. 211), así mismo, Cuba es uno de los países que más invierte en educación en relación a su PIB en todo el mundo, con un 12,8 % según datos del Banco Mundial para el 2010 (MUNDIAL, 2010), así como el país con más médicos por cada 1000 habitantes en el mundo, un total de 12,4 según la misma fuente (MUNDIAL, 2018). De esta suerte, Cuba, al ordenar su política económica en función a las necesidades de desarrollo de su fuerza productiva y de las necesidades de las masas, ha podido transitar hacia importantes desarrollos tecnológicos, incluso a pesar del acérrimo bloqueo que padece.

una dependencia tecnológica importante desde los países dependientes hacia los países centrales<sup>28</sup>.

Este ha sido una de las principales características de esta nueva etapa en el desarrollo industrial latinoamericano<sup>29</sup> que, a su vez, genera una nueva manifestación de la crisis del ciclo del capital:

A nova crise em questão é resultado da internalização da produção da esfera alta do consumo que, sob a condição da economia dependente, objetiva-se em um novo fenômeno: o impulso a produção industrial interna de bens de consumo suntuário sem que o Setor I tivesse se complexificado, sob bases próprias, na produção de máquinas para fazer máquinas. (LUCÉ, 2018, p. 115)

En el libro II de *El Capital* (2014), en la tercera sección, Marx caracteriza a los sectores de la producción capitalista en Sector I (productor de medios de producción, o sea, de máquinas que hacen máquinas) y Sector II (productor de bienes de consumo), este último se vuelve a dividir en Sector IIa (bienes salario) y Sector IIb (bienes suntuarios). Es así que la industrialización latinoamericana se concentró en el sector IIb sin del desarrollo del Sector I. Ahora bien, ¿por qué esto se dio de esta forma? ¿por qué América Latina no siguió la misma senda del desarrollo tecnológico por el cual pasaron los países del capitalismo clásico?

El desarrollo de las ciencias sociales en general ha echado por tierra todos los intentos de reproducir fenómenos sociales -de cualquier tipo- a partir de “recetas” inspiradas en fenómenos ocurridos en otras latitudes y otros tiempos. Estos intentos han sido resultado, en principio, de la estrechez propia de los inicios de las ciencias sociales -posterior a la revolución industrial- que buscaban dar el formato de las ciencias de la naturaleza a las nascentes ciencias sociales (PORTANTIERO, 2013). Esto ha sido, en parte, la causa de interpretaciones lineales de la realidad que pronostican desarrollos “ordenados” en una línea jerárquicamente ascendente y que, ante los inevitables fracasos teóricos ante una realidad rebelde a este tipo de categorizaciones, han recurrido a adjetivos como “deformaciones” o “insuficiencias”<sup>30</sup>. Entender esto es fundamental para comprender el desarrollo económico-social de los países dependientes.

---

<sup>28</sup> “El control de la tecnología de punta sigue siendo monopolio de los países desarrollados y la reproducción ampliada del capitalismo dependiente seguirá pasando por el exterior, vale decir, el modelo de reproducción capitalista en estos países seguirá siendo dependiente.” (BAMBIRRA, 1978, p. 96-97)

<sup>29</sup> Vale la pena recordar la clasificación realizada por Bampirra (1999) donde aclara que no todos los países latinoamericanos lograron ingresar a la etapa de la industrialización, así como que los que lo hicieron, no lo hicieron todos al mismo tiempo. Ver nota número 20 del presente capítulo.

<sup>30</sup> Sobre el punto, ver la introducción del texto de Marini, “Dialéctica de la dependencia” *op. cit.*, páginas 131 y 132.

El desarrollo industrial latinoamericano se dio en el contexto de un amplio desarrollo tecnológico de los países que lo precedieron en ese proceso, lo que, sumado a una burguesía local con escaso interés en el desarrollo nacional, generó que la necesidad de capital constante -esto es, de fuerza productiva- sea resuelto con la importación y no con el desarrollo interno<sup>31</sup>. En este nuevo patrón de reproducción del capital, tuvo el capital internacional un papel preponderante<sup>32</sup>:

As facilidades que a América Latina encontra no exterior para recorrer à importação de capital não são acidentais. Devem-se à nova configuração que assume a economia internacional capitalista no período do pós-guerra. Por volta de 1950, ela havia superado a crise que a afetara a partir de 1910, e se encontrava já reorganizada sobe a égide estadunidense. O avanço conseguido pela concentração de capital em escala mundial coloca então nas mãos das grandes corporações imperialistas uma abundância de recursos que necessitam buscar aplicação no exterior. O traço significativo do período é que esse fluxo de capital para a periferia se orienta de forma preferencial para o setor industrial. (MARINI, 2008, p. 166)

Y el elemento que marcará definitivamente este proceso es que

No curso do mesmo período, verifica-se um grande desenvolvimento do setor de bens de capital nas economias centrais. Isso levou, por um lado, a que os equipamentos ali produzidos, sempre mais sofisticados, tivessem de ser aplicados no setor secundário dos países periféricos; surge então, por parte das economias centrais, o interesse de impulsionar nestes o processo de industrialização, com o propósito de criar mercados para sua indústria pesada. Por outro lado, na medida em que o ritmo do progresso técnico reduziu nos países centrais o prazo de reposição do capital fixo praticamente à metade, colocou-se para esses países a necessidade de exportar para a periferia equipamentos e maquinário que já eram obsoletos antes de que tivessem sido amortizados totalmente. (ibidem, p. 166-167)

Que el desarrollo industrial se sostenga en bienes de capital ya obsoletos, trae consigo inevitables consecuencias. En términos de la división internacional del trabajo, se destina a las economías dependientes etapas inferiores de la producción industrial con participación tecnológica y productiva más reducida, mientras se reserva para los centros imperialistas las

---

<sup>31</sup> Esto fue propiciado, como ya mencionamos más arriba, por la escisión del ciclo del capital que “divorcia” las capacidades productivas con las necesidades de las masas, a diferencia de lo ocurrido en las economías clásicas.

<sup>32</sup> “Isto se deve ao fato de que, na medida em que o processo de industrialização nos países dependentes se produz em uma etapa em que esta [a integração monopolista da economia mundial] já alcançou altos níveis de desenvolvimento em outros países, a industrialização não pode seguir um curso natural, gradual e paulatino de desenvolvimento das forças produtivas no nível nacional e prescindir das tecnologias mais avançadas logradas em outras partes [...]. para poder compreender o processo de reprodução dependente é necessário, pois, partir disto que caracteriza sua especificidade, ou seja: do fato de que a acumulação só pode se realizar na medida em que as necessidades de maquinaria e matérias-primas que produzem os produtos do setor II (bens de consumo) sejam satisfeitas pelo setor I (bens de capital) das economias onde este já se desenvolveu [...]. É esta estreita vinculação e dependência da industrialização dos países dependentes da indústria dos países capitalistas avançados a qual define seu caráter limitado, vulnerável e a torna, pela mesma razão, permeável à penetração do capital estrangeiro” (BAMBIRRA, 1999, p. 100-101, el reslatado es nuestro), citado por Luce (2018, p.130)

partes más avanzadas de la producción industrial<sup>33</sup>. En ese sentido, la inserción de tecnología en el mercado latinoamericano ha generado desajustes tanto en relación al menor nivel tecnológico en comparación al centro y, por otro lado, al relacionamiento con los capitales internos.

En su texto “O ciclo do capital na economia dependente” (2012), Marini analiza el fenómeno en detalle y para explicarlo, recurriremos al ejemplo utilizado por el autor en el referido texto (p. 28-29). Supongamos dos capitales en la economía dependiente, uno “A” y otro “B”, ambos ligados a la producción de zapatos. El capital A consigue incorporar tecnología del exterior que le permite producir con menos costos que el capital B, por lo que su mercancía tiene un menor valor en términos individuales, pero como al mercado irá a vender con el precio de mercado -pautado por el nivel de productividad medio-, conseguirá absorber una plusvalía extraordinaria. Como el plusvalor extraordinario absorbido debió ser creado en algún lugar, tenemos que ha ocurrido una transferencia de valor de parte del capital B hacia el capital A debido a su menor nivel de productividad<sup>34</sup>. Esto corresponde a la transferencia intra-sectorial, o sea, dentro del mismo sector. También ocurre transferencias intersectoriales, esto es, entre sectores -o ramas- diferentes. Específicamente entre los sectores de producción de bienes salarios hacia los de bienes suntuarios:

Verifica-se, assim, um aumento da mais-valia relativa no setor de bens luxuosos, obtido em detrimento do setor de composição orgânica mais baixa (o de bens-salário), que sofre perda da mais-valia absoluta, gerada em função de ampliações na produtividade e na concorrência intrassetorial para esse setor específico da produção. Isso conduz a uma situação na qual seus preços são fixados abaixo do valor de suas mercadorias e para a qual a única possibilidade de compensação é a de que os preços da força de trabalho sejam também fixados abaixo de seu valor. Então a perda de mais-valia absoluta no setor produtor de bens-salário só pode ser compensada pela exploração do trabalho justamente por conta dos encadeamentos que se dão a partir dos níveis de concorrência antes expostos, especialmente a concorrência que se dá entre setores distintos de produção. (SILVA AMARAL e DIAS CARCANHOLO, 2012, p. 98)

De esta forma, ante la transferencia de valor interna ocurrida entre los sectores menos productivos hacia los más productivos, la única alternativa para enfrentar esta sangría es a través de la mayor explotación del trabajo, esto es, el mecanismo contratendencial por excelencia de

---

<sup>33</sup> “Por consequência, essa indústria manufatureira é dependente não só em termos materiais, no que se refere aos equipamentos e maquinaria enquanto meios materiais de produção, mas tecnologicamente, ou seja, na medida em que deve importar também o conhecimento para operar esses meios de produção e, eventualmente, fabricá-los. (MARINI, 2012, p. 27-28)

<sup>34</sup> “Sendo assim, se um capital se apropria de um valor superior ao que produz, de um valor maior que a sua contribuição quando da formação da massa total de valor gerada, significa que, por outro lado, há um capital gerando um valor sem se apropriar dele, isto é, há um capital produzindo algo que os outros capitais mais produtivos se apropriem” (SILVA AMARAL e DIAS CARCANHOLO, 2012)

la economía capitalista dependiente y que, como mencionamos arriba, es una ley tendencial en su desarrollo capitalista: la superexplotación del trabajo. Sin embargo, esto no acaba ahí. Como el valor de la fuerza de trabajo es una determinación social -o sea, es el equivalente al tiempo de trabajo *socialmente necesario* para su producción-, la reducción forzosa del salario del trabajador -por debajo de su valor real- en las ramas afectadas, interfiere en esta determinación social, haciendo con que se deprecie el salario en toda la economía -no así su valor-, lo que afecta también a los trabajadores de las empresas ligadas a la producción de bienes lujosos (MARINI, 2012, p. 30). De esta manera, el peso preponderante que ejerce la plusvalía extraordinaria en el sector Iib -o sea, bienes lujosos- se impone como obstáculo infranqueable para el desarrollo de la plusvalía relativa y, así, seguir el camino industrial de las economías clásicas (MARINI, 1979, p. 20-21).

#### 1.4.2.3 Una industrialización no orgánica

Pasaremos a analizar brevemente un concepto fundamental para comprender la industrialización latinoamericana y que será importante, más al frente, para comprender el carácter de la maquila en las economías dependientes, este es el de la industrialización orgánica. En principio, este concepto fue planteado por Marini (MARINI, 2012, p. 27), pero más desarrollado por Luce (2018), según este autor

Por industrialização orgânica entendemos aquela que irradia os avanços de produtividade para o conjunto dos ramos e setores da produção e que desenvolve e complexifica a atividade industrial seja no setor I, seja no setor II. Por consequência, a industrialização que é orgânica proporciona a generalização da mais-valia relativa e o funcionamento da contratendência que é a lei do nivelamento da taxa de lucro -e não fixação da mais-valia extraordinária em um subsetor como o produtor de bens suntuários. (LUCE, 2018, p. 119-120)

Enseguida, aclara el autor que una industrialización no orgánica, no implica necesariamente inexistencia del sector I, o sea, es posible -y este es el caso de las economías dependientes latinoamericanas- el desarrollo de una industrialización con desarrollo incluso del sector I -medios de producción, o máquinas que hacen máquinas- pero que, sin embargo, no pauten su acumulación en la plusvalía relativa.

Una industrialización orgánica “irradia los avances de la productividad para el conjunto de las ramas y sectores de la producción” generando, de esta forma, cambios estructurales en la sociedad donde esta ocurre. Si la plusvalía relativa es hegemónica, la productividad del trabajo permite ingresar al consumo a la clase trabajadora, lo que mejora sus condiciones de vida y le permite, también, tener un mayor acceso al ocio, esparcimiento, etc.

Se desarrolla la ciencia y la investigación con bases sólidas a partir de universidades que reciben recursos y que pueden interactuar con una red de centros de investigación y desarrollo, así como de centros industriales complejos. Esto no implica -y es muy importante que quede claro-, la eliminación de la escisión interna de las esferas de consumo -alta y baja- mencionada por Marini. Según el mismo autor, en el caso de las economías del capitalismo clásico, a esta separación concurren contratendencias que, si bien no son capaces de eliminarlas, consiguen atenuar sus consecuencias<sup>35</sup>.

En el capitalismo dependiente latinoamericano, la acumulación de la plusvalía extraordinaria en el sector IIb impide el paso a la plusvalía relativa, lo que implica transferencia de valor interna y, a su vez, su mecanismo de compensación asociado: la superexplotación del trabajo. La consecuencia de ello es una pauperización generalizada y precarias condiciones de trabajo y de vida de la clase trabajadora<sup>36</sup>.

Bajando un poco el nivel de abstracción ¿de qué hablamos cuando hacemos referencia a bienes suntuarios y bienes salario?

Podemos definirlos, en principio, a partir de la utilidad práctica, del rol que cumplen estas mercancías en la reproducción del valor de la fuerza de trabajo y del acceso, o no, a estos bienes, de tal forma que, una mercancía -un automóvil, por ejemplo- puede ser un bien salario en países capitalistas y al mismo tiempo ser un bien suntuario en las economías dependientes.

Y esto puede cambiar, es decir, un bien suntuario puede devenir en un bien salario si se dan las condiciones que permitan ese paso. De hecho, tanto el automóvil, como el televisor, fueron mercancías que, cuando surgieron en las economías industriales del centro, eran bienes suntuarios dado su poco acceso, sin embargo, en la medida del aumento de la productividad, fueron tornándose más accesibles hasta convertirse en bienes de consumo de masas, o sea, en bienes salario<sup>37</sup>. En la economía industrial dependiente este paso es mucho más lento dada la

---

<sup>35</sup> Si bien, es cierto que una industrialización orgánica consigue irradiar los efectos de la productividad a todos los sectores de la sociedad y, de esta manera, aumentar el consumo de la clase trabajadora, aún siguen operando las leyes generales del capitalismo que apuntan a niveles más elevados de concentración y que, a la larga, como consecuencia de la ley general de acumulación del capital, sufren las consecuencias de la caída tendencial de la tasa de ganancia y todas las crisis que de ello se deriva. En lo que queda del capítulo, abordaremos este asunto.

<sup>36</sup> En el capítulo 3 de su Libro "Teoría Marxista da dependência. Problemas y Categorías" Luce analiza algunas características estructurales que asume esta situación, como, por ejemplo, que en las economías dependientes, las semanas de trabajo contienen más horas que en las economías del capitalismo del centro y, a pesar de ello, reciben una remuneración inferior.

<sup>37</sup> El proceso específico a través del cual un bien suntuario se convierte en un bien salario se encuentra explicado en el subtítulo "patrón industrial internalizado" del presente capítulo.

menor composición orgánica del capital y la estrechez del mercado interno que padece mecanismos de superexplotación del trabajo.

Para graficar mejor la situación, Luce (2018, p. 121-127) recurre a los casos del automóvil y el televisor. En el caso del televisor, cuando esta mercancía es lanzada al mercado norteamericano en 1950, solo el 9% de hogares tenía acceso a ella, tan solo 5 años después, esta cifra trepó al 64,5%, ya en 1960 era de 87,1% para llegar al 98% en 1980. En el caso brasileño el proceso fue mucho más lento. En 1960, el 4,46% de los hogares brasileños contaban con esta mercancía, en 1970 el 24,11%, tan solo en 1980 se pasa de la mitad, con 56,1% y solo en el 2010 se supera el umbral del 90% llegando al 91,5%. El automóvil tiene un recorrido similar. La difusión de la línea de montaje y de la producción en masa, llevando como bandera al Ford T, caracterizó la primera mitad del siglo pasado a la economía norteamericana. En 1912, el 4,2% de los hogares contaban con un automóvil, tan solo 11 años después, en 1923, esta cifra llegó al 50,3% para, finalmente, llegar al 80% en 2014. En el caso brasileño, tenemos que en 1970 el 9,04% de los hogares contaban con esta mercancía, en 1980 el 19,08%, en el 2000 32,66% para llegar al 2010 al 47%.

Após cinco décadas sendo produzido no Brasil, o automóvel segue apresentando, para as condições locais caráter suntuário, assim como nas demais economias do capitalismo dependente em que esse valor de uso é produzido. Enquanto nas economias centrais o automóvel perdeu a condição de bem circunscrito à esfera da realização oriunda da mais-valia não acumulada, nas economias dependentes ele segue apresentando esta condição. (ibidem, p.123)

Si bien, es cierto que en las economías centrales el automóvil ha llegado a constituir un bien salario, la movilidad urbana no depende exclusivamente de ella. El transporte público, al menos en el caso de los trenes, constituye un eje fundamental en la vida diaria de la clase trabajadora en estas economías. Tal es así que, por ejemplo, en Estados Unidos y Canadá, existen 1.500 km de vías de tren, en Europa 2.500 km, mientras que en América Latina 800 km. Concluye el autor que

(...) nas economias dependentes a produção de automóveis provoca, por sua vez, um divórcio em relação às necessidades das massas, moldando parte significativa de sua economia e de suas cidades para assegurar o domínio da indústria do automóvel, em detrimento de uma rede de transporte público minimamente em conformidade com as necessidades sociais. Eis um exemplo da *segunda cisão* verificada no capitalismo dependente. (ibidem, p. 126)

De esta manera, dada las limitaciones de la producción industrial local por los motivos mostrados previamente, el *tiempo de existencia suntuaria de los bienes* es mucho más alto en las economías dependientes que en las del centro capitalista. Con esto no queremos decir que

es deseable el nivel de consumo norteamericano ni siquiera que fuera algo posible (considerando todas las implicancias que tendría para la naturaleza en general replicar este nivel de consumo), sino, mostrar, en un nivel de abstracción más reducido, cómo se manifiesta en el cotidiano una de las principales características de la industrialización dependiente.

Sin embargo, esta configuración desequilibrada marcada por la preponderancia de la industria de bienes suntuarios y la restricción de sus mercados por causa de la superexplotación del trabajo traerá consigo una crisis promediando la década el 70 que abrirá paso a otra etapa en la economía dependiente latinoamericana.

### 1.5 LA ECONOMÍA GLOBALIZADA

Profundos cambios se estaban gestando en la economía mundial al promediar la década del 70 y el elemento que se encontraba por detrás es un fenómeno ya descrito por Marx en el tomo III del Capital, “la caída tendencial de la tasa de ganancia”. Giovanni Alves (2018, p. 75), citando a Roberts (2016), muestra cómo este proceso viene dándose en forma sostenida desde 1855 hasta nuestros días. Un periodo de estabilidad se desarrolló posterior a la segunda guerra mundial para luego desplomarse nuevamente desde la década del 70.

Esta crisis, que tuvo a la subida de precios del petróleo como elemento catalizador, implicó severos cambios en la estructura global tanto de producción, circulación, como también en el aspecto subjetivo y cultural. La crisis fue de orden estructural y se manifestó en el agotamiento de los patrones de dominación y producción vigentes desde mediados del siglo pasado.

Como resposta a sua própria crise, iniciou-se um processo de reorganização do capital e de seu sistema ideológico e político de dominação, cujos contornos mais evidentes foram o advento do neoliberalismo, com a privatização do Estado, a desregulamentação dos direitos do trabalho e a desmontagem do setor produtivo estatal, da qual a era Thatcher-Reagan foi expressão mais forte: a isso se seguiu também um intenso processo de reestruturação da produção e do trabalho, com vistas a dotar o capital do instrumental necessário para tentar repor os patamares de expansão anteriores (ANTUNES, 2009, p. 33).

En este contexto de crisis estructural, donde el agotamiento de los patrones de producción es la expresión de la caída de la tasa de ganancia, la competencia entre capitales se agudiza y la necesidad de reducir el costo productivo lleva a los capitales a buscar la forma de

comprimir el precio pagado por el capital variable, esto es, el salario del trabajador, para, de esta manera, mantener los márgenes de ganancia<sup>38</sup>.

Al proceso productivo concurren el capital constante (medios de producción y materia prima) y capital variable (fuerza de trabajo). Las formas de aumentar la plusvalía en el proceso productivo son a través de la plusvalía relativa (la disminución del valor de la fuerza de trabajo) o la plusvalía extraordinaria (aumento de la fuerza productiva en una empresa, rama o país, siempre y cuando no se generalice)<sup>39</sup>. El hecho de que en el centro capitalista el valor de la fuerza de trabajo era en mayor medida respetado, mientras que en el caso de las economías dependientes este era remunerado por debajo de su valor, llevó a los capitales del centro a trasladar importantes partes del proceso productivo a países donde el trabajo era superexplotado, de esta manera, el costo productivo caía considerablemente al pagar mucho menos al capital variable de lo que debería pagar en los centros capitalistas.

Al comparar la compensación horaria a los trabajadores norteamericanos y mexicanos, con base en datos del Departamento del Trabajo de Estados Unidos, Perol y Choate constatan que en 1980 ésta era de 9,87 dólares para los primeros y de 2,18 dólares para los segundos; de 14,1 y 1,64 dólares en 1990; y de 16,17 y 2,35 dólares, respectivamente, en 1992. (MARINI, 2008b, p. 267)

Este proceso, denominado por Marini de “globalización” (ídem) y que tuvo como una de sus expresiones a la tercerización y la deslocalización productiva (CASTILLO e SOTELO, 2013) solamente fue posible gracias a un enorme aumento tecnológico que permitió el abaratamiento de la circulación, tanto de personas, como de información y, sobre todo, de mercaderías. Dice Marini que

Ello sólo es posible en la medida en que la moderna tecnología imprime un alto grado de estandarización a la producción de partes y componentes, lo que supone la difusión en gran escala de equipos y métodos de producción, así como el uso de insumos de calidad comparable. En otros términos, la producción mundial se caracteriza hoy por una creciente homogeneización en materia de capital constante fijo y circulante. Ésta es su marca distintiva en relación con el proceso de internacionalización del capital industrial que se verificó después de la posguerra y se extendió hasta la década de 1970. Una vez puesto en marcha ese proceso de supresión de las barreras que fragmentaban el mercado mundial y ponían obstáculos al flujo de la reproducción de capital, se abrió una nueva fase en la producción-circulación de

---

<sup>38</sup> Otro aspecto a tener en cuenta en la crisis del 70 es el de la financierización, que creció en forma considerable ante las limitaciones de rendimientos en el sector productivo. Sobre esto Carcanholo (CARCANHOLO, 2008) dice que “No pocos autores que se colocan en el terreno del pensamiento crítico sostienen que la característica principal de esa etapa capitalista es la financierización, es decir, un cierto predominio de las finanzas sobre las actividades realmente sustantivas del capital, sobre las que realmente producen riqueza. Es el caso, por ejemplo de François Chesnais, Gerard Duménil y muchos otros”

<sup>39</sup> La superexplotación también constituye otra forma de aumentar la plusvalía, sin embargo, la excluimos de la explicación solo a los efectos de simplificar demostración.

mercancías, caracterizada por la tendencia al pleno reestablecimiento de la ley del valor.” (2008b, p. 262)

De esta forma, esta nueva etapa histórica “(...) se caracteriza por la superación progresiva de las fronteras nacionales en el marco del mercado mundial, en lo que se refiere a las estructuras de producción, circulación y consumo de bienes y servicios, (...)” (ibidem, p. 247-248) y permite la tendencia a la restauración de la ley del valor en la medida en que tanto la productividad como la intensidad del trabajo se generalizan, que es a lo que se refiere el autor cuando menciona sobre la “homogenización del capital constante”.

La posibilidad de trasladar partes del proceso productivo, generó que las empresas ubicadas en el centro capitalista trasladaran, generalmente, las partes del proceso de producción con menor componente tecnológico, dada la menor formación de la fuerza de trabajo en las economías dependientes. Esto colocó, según Marini, en franca competencia a los trabajadores “rutinarios” del centro capitalista y los de las economías dependientes lo que generó una nueva división internacional del trabajo, sin embargo, esta vez, “*en el plano de la misma fuerza de trabajo* y no, como antes, a través de la posición ubicada en el mercado mundial de la economía nacional en donde el trabajador se desempeña ” (ibidem. 259)<sup>40</sup>

Es importante resaltar que el traslado de partes del proceso productivo no implicó el traslado de la capacidad de desarrollo tecnológico<sup>41</sup>. Es más, según Osorio, “*Nessa vorágine transformadora se põe fim ao projeto de industrialização nas economias latino-americanas*” (2012, p. 103) al tiempo de iniciar un nuevo patrón de reproducción del capital en la economía latinoamericana, denominado “patrón exportador de especialización productiva” que, según Marini “(...) *mutatis mutandis*, tiende a reestablecer, en un plano superior, formas de dependencia que creíamos desaparecidas con el siglo XIX.” (MARINI, 2008b, p. 260) en la medida en que el sector agrominero exportador vuelve a retomar su importancia en las

---

<sup>40</sup> Esto impone, a su vez, la necesidad de aumentar el nivel de formación de la fuerza de trabajo en los países del centro capitalista para hacer frente a la pérdida de trabajos que este proceso genera en su economía (MARINI, 2008b, p. 258)

<sup>41</sup> “Un análisis más detallado nos muestra, empero, que los países desarrollados conservan dos triunfos en la mano. El primero es su inmensa superioridad en materia de investigación y desarrollo, que es lo que hace posible la innovación técnica; existe allí un verdadero monopolio tecnológico que agrava la condición dependiente de los demás países. El segundo es el control que ejercen en la transferencia de actividades industriales a los países más atrasados, tanto por su capacidad tecnológica como de inversión, control que actúa de dos maneras: una, transfiriendo prioritariamente a los países más atrasados industrias menos intensivas en conocimiento; dos, dispersando entre diferentes naciones las etapas de la producción de mercancías; de esa manera impiden el surgimiento de economías nacionalmente integradas.” (MARINI, 2008b, p. 259)

exportaciones latinoamericanas, “restituyendo”, en cierta medida, su rol de exportador de materia prima.

En suma, si este nuevo proceso reestablece formas de dominación del siglo XIX que parecían desaparecidas (dado el hecho del retroceso de la industrialización y el peso ganado, nuevamente, por la exportación de materias primas) ¿en qué se diferencia este nuevo proceso de la situación dependiente de la economía exportadora? en que este proceso de desindustrialización, paradójicamente, alberga una creciente cantidad de procesos fabriles con productividad equivalente al de los centros desarrollados. O sea, se da un proceso de reprimarización de la economía que, al mismo tiempo, alberga procesos industriales con capital constante altamente desarrollado.

El proceso de expansión de la industria y de la homogenización del capital constante es compatible con el proceso en marcha de desindustrialización ¿por qué si acaso no son justamente procesos fabriles los que son expandidos? Ciertamente, son procesos fabriles, pero no todo proceso fabril corresponde con un proceso de industrialización, para que éste sea tal, se requiere que los procesos fabriles tengan arraigo orgánico en la sociedad<sup>42</sup>. Lo que tenemos con el proceso de la globalización es la compartimentación del proceso productivo que va en busca de bajos salarios y precarias condiciones de trabajo que, aunque alberguen procesos tecnológicos (que son bastante pocos los casos), al no tener contacto orgánico con la sociedad, pueden levantar campamento en cualquier momento para migrar a nuevos lugares donde sea posible ahorrar aún más en términos de capital variable, o sea, en donde se “gaste” menos en la fuerza de trabajo<sup>43</sup>.

Según Marini, este proceso abre las puertas a que se generalice a toda la economía - incluyendo a los países del centro capitalista- la superexplotación del trabajo, ya que, como el valor de la fuerza de trabajo es una determinación social, la generalización de la ley del valor permite que los niveles de extensión e intensidad de la jornada, así como de salarios bajos -

---

<sup>42</sup> Ver el concepto de industrialización orgánica en la página 31.

<sup>43</sup> “De esta manera, los países receptores de actividades deslocalizadas se inscriben en una feroz carrera por atraer las inversiones extranjeras que inaugura un proceso degradatorio de las condiciones laborales y humanitarias de su población. Así, los gobiernos disminuyen los niveles de protección laboral y flexibilizan sus reglamentaciones, generando una profunda precarización del empleo, bajos salarios y carencia de seguridad social, a la vez que anulan, en muchas ocasiones, los derechos sindicales y contractuales que provocan, a la vez, una mayor división entre la misma clase obrera.” (CASTILLO F. e SOTELO V., 2013, p. 16)

característicos de las economías dependientes-, tomen parte en la determinación social. De esta manera, se estaría creando un verdadero “ejército industrial globalizado”<sup>44</sup>.

### 1.5.1 Toyotismo y deslocalización productiva

En cuanto al mundo del trabajo, el proceso más visible desencadenado fue el toyotismo. Este surge de la generalización del modelo de gestión productiva utilizada en la empresa japonesa Toyota, a partir de la segunda mitad del siglo (SAYER, 1986), citado por ANTUNES, 2009, p.56). La línea de montaje y la producción estandarizada del fordismo es sustituida por una producción más dinámica, más vinculada a la demanda. El trabajador deja de ser un simple apéndice de la máquina y su aporte subjetivo es utilizado para maximizar la producción, disminuyendo todos los poros del proceso productivo. Esta modalidad “just in time” aumentó considerablemente la intensidad del trabajo, ya que ahora el trabajador cumplía muchas más funciones que antes (ANTUNES, 2009, p.56).

El sistema *just in time* fue desarrollado por el ingeniero de Toyota, Taiichi Ohno. Este sistema proponía, básicamente, la disminución de todos los tiempos muertos del trabajo, utilizando estrictamente lo necesario en el tiempo requerido, y así evitar todo tipo de desperdicio. Esto desarticuló la rígida línea de montaje fordista, donde cada trabajador era poco menos que una extensión de la máquina, reproduciendo una sola tarea monótona de forma invariable. Ahora, cada trabajador es polivalente, capaz de operar varias máquinas y realizar varias funciones. Esto buscó no solo reducir los tiempos muertos del trabajo, sino también, la cantidad de trabajadores empleados.

Otra característica de la política implementada por Ohno, y una de las que más impacto generó en la reproducción capitalista mundial, es la compartimentación del proceso productivo

---

<sup>44</sup> De esta suerte, por ejemplo, es posible apreciar consecuencias en la clase trabajadora de los países del centro capitalista. Según (CASTILLO F. e SOTELO V., 2013, p. 16) en Estados Unidos se dio una reducción salarial desde la década de los 70 “Es así como en 2001 los salarios reales por hora de 80% de los trabajadores norteamericanos retrocedieron al nivel que tenían en 1979, hasta la fecha no parecen recuperarse en los países desarrollados debido a la crisis en curso del capitalismo en los países del capitalismo hegemónico, tanto en Estados Unidos como en la Unión Europea”. En ese mismo sentido, Félix (2018, p. 128-130) corroboró el aumento de la circulación de la fuerza de trabajo -que sería un indicador de pérdida de estabilidad- en países como Francia, Estados Unidos, China, Japón. Sin embargo, Valencia (2018) reconoce que no existe acuerdo en relación a la expansión de la superexplotación al centro capitalista ya que aún no existe evidencia sólida que demuestre su validez o que la descarte definitivamente, según el mismo (...) a compreensão da possibilidade de que o capitalismo estenda a superexploração para suas áreas avançadas, ainda permanece embrionária e restrita a certas expressões teóricas, algumas empíricas, e a um reduzido núcleo de autores que a perceberam a luz das problemáticas do capitalismo contemporâneo.” (idem, p. 25)

a través de la tercerización. Esto llevó a un considerable achicamiento de la fábrica, siendo ahora responsable de solo una parte del proceso productivo. Comparativamente, “Enquanto na fábrica fordista cerca de 75% era produzido no seu interior, na fábrica toyotista somente cerca de 25% é produzido no seu interior” (ANTUNES, 2009, p.226).

Esto permite a la empresa matriz apropiarse de mayor cantidad de trabajo a un costo menor, dejando a las empresas tercerizadas la responsabilidad de someter a los trabajadores a condiciones más intensas y salarios más bajos que los trabajadores de la fábrica matriz.

Quanto mais o trabalho se distancia das empresas principais, maior tende a ser a sua precarização. Por isso os trabalhadores da Toyota trabalham cerca de “2.300 horas por ao enquanto os trabalhadores das empresas subcontratadas chegam a trabalhar 2.800 horas” (ANTUNES, 2009, p.59).<sup>45</sup>

La fragmentación del proceso productivo a escala mundial se dio entonces como estrategia del capital para reducir costos de producción, para así hacer frente a la crisis estructural que se vivía. Su característica principal consiste en la externalización de las partes del proceso productivo con menor componente técnico, reservándose para sí las tareas de mayor competencia y complejidad tecnológica. Esto solo pudo ser posible gracias al gran desarrollo de la fuerza productiva en las áreas de comunicación y transporte, y la posibilidad de la estandarización de la producción, que permitió la externalización, incluso de partes complejas de la producción (BUITELAAR e PADILLA, 2000).

De esta forma, la competencia internacional, pautada por una intensidad global media del trabajo, impuso como premisa la utilización extensiva e intensiva de la fuerza de trabajo de los países con escaso o nulo desarrollo industrial y que ofrecen condiciones propicias para la superexplotación del trabajo. Ricardo Antunes (2020, p. 30), citando a Pun Ngai, Jenny Chan y Marck Selden (2013), menciona que “(...) o triunfo comercial da Apple reside, em grande

---

<sup>45</sup> Esto afecta la correlación de fuerzas en las disputas laborales entre la patronal y la clase trabajadora en los países del centro capitalista en la medida en que con mayor facilidad pueden trasladar sus procesos productivos a los países donde el salario sea más bajo y donde no existan organizaciones sindicales o estas sean muy débiles, “En este entorno, en 2004 la empresa alemana “Siemens” amenazó a sus trabajadores con trasladar parte de su producción a Hungría, donde el salario medio por hora trabajada era de 3.8 euros contra 26.5 euros en Alemania. América Latina, en particular Argentina, México, Brasil y otros países, se han convertido en destino privilegiados de dicha modalidad de empleo (CASTILLO F. e SOTELO V., 2013, p. 19). Así mismo, los autores que “En Estados Unidos empresas globales como Nike y Dell consiguen su producción en países dependientes del tercer mundo; la primera en países como Honduras, China y Filipinas y la segunda en países asiáticos (Outsourcing y Offshoring, s/f).” (ibidem, p. 20). En Japón “la tercerización contribuye a fragilizar un sistema de empleo hasta ahora dominado por la industria... el sistema de empleo óptimo en el sector terciario difiere del de la industria, lo cual confirma la propensión de este sector a desarrollar empleos temporales o de tiempo parcial” (Coriat *et al.*, 1997, p. 75)

parte, na terceirização da produção de seus eletrônicos para a Ásia, (e para Foxconn em particular), (...)"'. Un estudio sugiere que, si el iPhone X se fabricara en los Estados Unidos, su costo sería de \$30 000 por unidad (Tricontinental, 2019, p.4)<sup>46</sup>. De esta forma, la competencia internacional ha impuesto la necesidad de reducir costos en la producción, y encontró en la tercerización internacional una oportunidad para mantener estos niveles competitivos. No obstante, las exigencias de calidad no disminuyeron, sino que aumentaron considerablemente la exigencia en cuanto a calidad y rapidez, lo que precarizó las condiciones de la clase trabajadora.<sup>47</sup>

Nessa forte impulsão a terceirização em escala global, sempre segundo a obra citada de Ngai, Chan e Selden, os fornecedores de eletrônicos são impelidos a competir uns contra os outros visando atender tanto às rigorosas especificações de preço quanto a qualidade do produto e o tempo de produção, o que acaba gerando pressões salariais e riscos à saúde dos trabalhadores (ANTUNES, 2020, p.31).

La experiencia de Foxconn es representativa de este movimiento. Según los mismos autores citados por Antunes (2020, p.30), en los primeros ocho meses del año 2010 "17 jovens trabalhadores entre 17 e 25 anos tentaram suicídio, dos quais 13 morreram.", esto como consecuencia de los elevadísimos niveles de presión, exigencia y bajos salarios de los/as trabajadores/as de la fábrica.<sup>48</sup>

Como vemos, este proceso de deslocalización productiva, en el marco de la globalización, trajo aparejado una enorme precarización de las condiciones de trabajo. Es

---

<sup>46</sup> Esto ha generado que la inversión extranjera norteamericana aumentara, así como sus ganancias provenientes del exterior "This process coincides with the adoption since the mid-1970s of relatively new strategies for promoting capitalization and earnings abroad that have had a noticeable impact on migration (and its restrictions) and the job market. The percentage of U.S. foreign investment rose from 8.6 percent in 1973 to 18.7 percent in 2008. During the same period, it increased from 7.9 percent of the total gross domestic product (GDP) to 15.7 percent, with a slight decline in 2009 as a result of the economic crisis. These strategies have captured the imagination of U.S. society. They seem to promise limited international immigration and better wages (with outside capital) for native workers. However, this is an extremely fragile supposition given that the imperialist country must maintain its position in the international system. In addition, it is possible that concessions will have to be made at the expense of foreign labor to benefit the dominant country." (CASTILLO F. e SOTELO V., 2013, p. 19)

<sup>47</sup> "Com salários menores, jornadas de trabalho prolongadas, vicissitudes cotidianas que decorrem da burla da legislação social protetora do trabalho, a terceirização assume cada vez mais relevo, tanto no processo de corrosão do trabalho e de seus direitos como no incremento e na expansão de novas formas de trabalho produtivo gerador de valor" (ANTUNES, 2020, p.34).

<sup>48</sup> "Los escándalos son rutina en estas plantas manufactureras. Existe ahora un fenómeno conocido como «los suicidios de Foxconn» debido a una serie de muertes de trabajadorxs en protesta por los bajos salarios y las malas condiciones de trabajo en Foxconn City en Shenzhen, China. Los medios de comunicación chinos la llamaron el «expreso del suicidio»" (Tricontinental, 2019, p.20).

justamente la superexplotación del trabajo (que se encuentra asociado con debilidad sindical, menores gastos sociales y Estados cómplices en las violaciones de las leyes laborales) el principal atractivo para los capitales que necesitan reducir el costo productivo de cara a la caída de los niveles de lucro y la agudización de la competencia que de ello se desprende. Datos reveladores que sostienen esta conclusión son citados por Castillo F. y Sotelo V.:

The Harris Interactive survey (HRM Guide, 2010) and Capgemini, a leading provider of outsourcing consulting and technology services, interviewed more than 300 high-ranking corporate executives and found that the three most attractive destinations for offshore activities were India (60 percent), China (27 percent), and Latin America (25 percent). Much of Latin America is characterized by weak and flexible labor laws. The working class has limited power, and labor laws often permit long work hours, few limitations on the length of shifts, short vacations, easy labor turnover, and substandard safety and employment conditions. Other factors that make Latin American countries attractive offshore locations are geographic proximity, low-cost energy, and cheap and abundant raw materials. The wage differential is not the only factor in determining offshore relocations, but it is one of the primary variables. *According to the Harris Interactive study, North American corporations use the following criteria to determine the viability of offshoring in Latin America: labor costs (69 percent), technology and infrastructure (49 percent), the availability of a qualified workforce (48 percent), economic stability (44 percent), and language dominance (41 percent).*(2013, p. 15-16)<sup>49</sup>

Vemos así la gran importancia que tienen el bajo salario como criterio para deslocalizar el proceso productivo. Así mismo, fábricas que concentran menos cantidad de trabajadores implican menor capacidad organizativa. Cuando antes, las fábricas desarrollaban gran parte del proceso productivo dentro de sus instalaciones, albergaban a mayor cantidad de trabajadores que, a su vez, tenían mejores condiciones para organizarse y disputar sus reivindicaciones. Una huelga en la fábrica Ford en la década del 30 podría llegar a ser catastrófica para los intereses de los dueños de los medios de producción. Ahora, con las fábricas más pequeñas y el proceso productivo disperso en diferentes partes del mundo, las organizaciones sindicales se encuentran con menos herramientas de disputa.

En ese sentido, el programa de la maquila forma parte del proceso de deslocalización del proceso productivo y consiste, básicamente, en el desarrollo de actividades de servicios e industriales (ya sean de ensamble o producción) en países de economías dependientes con salarios bajos<sup>50</sup>, vinculadas a cadenas de producción internacionales y destinadas, en última

---

<sup>49</sup> Así mismo, los mismos autores muestran cómo esta clase de trabajo ha crecido en América Latina: "The final results of a 2010 study by the Latin American Network for Research on Multinational Corporations (Puig, 2011) indicate that there are more than 50 million outsourced workers in Latin America and that outsourced workers constitute 30–40 percent of the formal workforce in Argentina, Brazil, Mexico, and Uruguay. In Colombia, Ecuador, and Peru the estimate is even higher, 40–50 percent." (Ibidem. 2013, p.22)

<sup>50</sup> Según Mendoza "Al analizar la evolución de los salarios pagados en la industria maquiladora, se aprecia que han sido un factor clave para atraer inversión extranjera. Al respecto, se puede subrayar que la comparación de

instancia, a mercados extranjeros al lugar de la maquila. De esta forma, la maquila es una especie de burbuja en el seno de la economía nacional ya que, a través de un trato impositivo especial, puede importar todo el capital requerido para la producción y reexportar el producto final libre de impuestos sin interactuar con la economía nacional más allá de los puestos de trabajo que ofrece.

Una vez puesto el escenario general y regional -latinoamericano- del surgimiento de la maquila, analizaremos en el capítulo a seguir a la maquila en el caso mexicano y el paraguayo<sup>51</sup>.

## **CAPÍTULO 2 – LA MAQUILA: el caso mexicano y el paraguay**

### **2.1 LA MAQUILA MEXICANA**

No es posible hoy hablar de la política industrial mexicana sin hablar de las maquilas. Desde su surgimiento en 1965, con enérgicos defensores y retractores, ha marcado indiscutiblemente los debates en torno al desarrollo industrial nacional, y no es de extrañar considerando que las actividades maquiladoras representan, según varios autores (MORALES, 2000) (CARRILLO e KOPINAK, 1999), la actividad más dinámica de la economía nacional, llegando incluso a ser el segundo rubro en exportación solo por detrás de las exportaciones de petróleo (ibidem, p. 8).

---

los sueldos pagados en la maquila muestra que su promedio en dólares constantes de 2002 declinó entre 1993 y 2006 (véase cuadro 3). Al principio del periodo, éstos promediaban 1.89 dólares por hora en la IME, lo que representaba sólo 12.9 por ciento del sector manufacturero de EE UU (14.7 dólares). No obstante, para junio de 2006 los salarios reales habían decrecido hasta llegar a 0.52 dólares por hora pagados aquí, en comparación con los 15.05 en el país vecino.” (2009, p. 151)

<sup>51</sup> En este caso, escogemos al caso mexicano por este el más representativo en la realidad latinoamericana, sin embargo, también en Centroamérica se han desarrollado actividades de maquila. Varios estudios (HABEL e MEJÍA DÍEZ, 2005) (ITRIAGO, 2015) (RODAS, 2009) han encontrado condiciones de trabajo muy precarias y salarios muy bajos. En Honduras se ha llegado incluso a decretar un salario menor al mínimo nacional para las trabajadoras de maquilas textiles: “En febrero de 2007, el gobierno de Honduras emitió el decreto N° STSS 041-0751, mediante el cual aprobó reducir el salario para las obreras y obreros de la industria de la maquila textil y construcción en las zonas que, según nuestros gobernantes y grupos empresariales, son “deprimidas” económicamente: Valle, Olancho, Santa Bárbara, Choluteca y El Paraíso. Las empresas maquiladoras que se instalen en esos departamentos pagaran de 23,45% a 24,86% menos a las personas por diez años” (ibidem, p. 46).

### 2.1.1 Surgimiento de las maquilas

Las maquilas<sup>52</sup> surgen como resultado de la finalización del programa braceros que se desarrolló entre 1942 y 1964. Este programa fue un acuerdo firmado entre Estados Unidos y México, mediante el cual, trabajadores mexicanos migraban a Estados Unidos para trabajar en los campos de cultivo ya que los trabajadores norteamericanos fueron dirigidos, o bien, a los campos de combate de la segunda guerra mundial, o bien, a la producción industrial nacional volcada a la fabricación de vehículos de guerra, armas, etc. Esto generó una acuciante necesidad de trabajadores que fue subsanada con “brazos” mexicanos (VILLEGAS, NORIEGA, *et al.*, 1997, p. 124)<sup>53</sup>. Una vez finalizado el programa, el enorme contingente de trabajadores retornó sin encontrar trabajo, lo que aumentó en gran medida el desempleo en la frontera norte. Es así que surge la maquila con el objetivo principal de paliar esta situación.

Según Buitelaar y Padilla (2000, p. 1628), la maquila, antes que una industria propiamente dicha, es un “esquema de atracción de inversiones y promoción de exportaciones”<sup>54</sup> que se desarrolló en un primer momento con la intención de crear puestos de trabajo. En esta primera etapa, dada la nula vinculación con la economía nacional y la ausencia de trabajos calificados con buenos salarios, fue duramente criticada e incluso denominada como un “mal necesario” por el gobierno mexicano (CARRILLO e KOPINAK, 1999, p. 06). Posteriormente, ante el desarrollo de actividades más complejas en tecnología y un mejoramiento progresivo de salarios, ya no se buscó solamente resolver el problema del empleo, sino también contribuir al desarrollo industrial nacional, convirtiéndose, de esta manera, en un eje fundamental en la política industrial nacional:

In 1989, new legislation to regulate and to promote the maquila program was adopted (Mexico, Government of, 1989). Two new goals of the program were

---

<sup>52</sup> El término “maquila” es muy antiguo. Según el diccionario de la Real Academia Española, proviene del árabe hispánico y quiere decir “Porción de grano, harina o aceite que corresponde al molinero por la molienda.” (RAE, 2014), esto es, la parte que corresponde al molinero por moler la materia prima ajena y, dado que las plantas maquiladoras procesan y consumen materia prima importada, se utilizó esta palabra para denominar al fenómeno el cual es nuestro objeto de estudio en el presente capítulo.

<sup>53</sup> La migración mexicana a Estados Unidos es un fenómeno muy anterior al surgimiento del programa bracero. Un primer acuerdo migratorio se firmó en 1909 entre los presidentes de ambos países, donde se acordaba la “exportación” de 1000 trabajadores mexicanos para trabajar en labores de agricultura. Según Durand (2007, p. 29), las condiciones de trabajo fueron pésimas, sin embargo, a pesar de ser precarias y humillantes, eran mejor que su tierra natal. Una obra de la época citada por el autor retrata la dureza de la situación: “La situación del obrero mexicano es tan precaria que a pesar de las humillaciones que sufren allende el Río Bravo, anualmente emigran para la vecina República millares de nuestros compatriotas, y la verdad es que su suerte es por allá menos triste que en su tierra natal.” (ibidem, p. 29). Según el mismo autor, el programa bracero significó un mejoramiento en estas condiciones de trabajo que, sin embargo, no dejaron de ser precarias con recurrentes violaciones a la legislación laboral e incluso a derechos humanos (ibidem, p. 40)

<sup>54</sup> Cita original en inglés, traducción mía.

added: (a) to contribute to sectoral integration and increase the competitiveness of domestic industries, and (b) to stimulate the development and transfer of technology in the country. (BUITELAAR e PADILLA, 2000, p. 1630)

En sus casi 60 años de desarrollo en suelo mexicano, la maquila ha pasado por diversas etapas, por lo que, para comprender mínimamente su desarrollo, conviene analizarla brevemente en el marco de estas de este proceso. Existe cierto consenso entre los autores especialistas en el área en relación a los principales periodos o etapas de la maquila en México. Morales (2015) ha propuesto que el desarrollo de la maquila puede dividirse en tres periodos principales: “1965-1981, instalación y consolidación; 1982-1993, modernización inicial y desarrollo con el surgimiento de la industria de autopartes y la incorporación masiva de la fuerza de trabajo masculina; y el tercero bajo el TLCAN, a partir de 1994” (p.105). Por su parte, Carrillo (2014), con pequeñas variaciones de fechas, ha propuesto 4 generaciones en las maquilas, estas son: primera generación, dedicada al ensamble, 1965-1985; segunda generación, dedicada a la manufactura 1982-1994; tercera generación, que inició en el año 1995, dedicada al diseño y; la cuarta generación que, iniciada en año 2000, desarrolla actividades inmateriales de coordinación, semejante a las de casas matrices<sup>55</sup>.

### **2.1.2 Generaciones en las maquilas**

La primera generación (1965-1985) se dio desde el inicio del programa de industrialización fronteriza hasta inicios y mediados de la década del 80. Esta primera experiencia tuvo como principal objetivo crear puestos de trabajo para la enorme población desocupada que resultó de la finalización del programa braceros, objetivo que solo pudo cumplirse a medias dado que, en esta primera etapa, se contrataron principalmente a mujeres jóvenes y no a los trabajadores que retornaban de la migración. Las plantas tenían un nulo contacto con la economía nacional, bajo nivel tecnológico, gran componente brazal con trabajos repetitivos y jornadas intensas y extensas además de, incluso, contaminantes y nocivas para la salud<sup>56</sup>. La enorme población desocupada en la frontera norte azuzó y propició el desarrollo de estas condiciones precarias de trabajo. Por su parte, la dependencia de estas plantas hacia las casas matrices era absoluta.

---

<sup>55</sup> Tres son los principales criterios utilizados por el autor para desarrollar esta categorización, estos son: grado tecnológico, autonomía en las decisiones e integración interempresa (CARRILLO e GOMIS, 2005)

<sup>56</sup> Ceceña (1992, p. 161-162) ha señalado que “La legislación sobre el medio ambiente, muy laxa en la sociedad mexicana, lo fue especialmente para las maquiladoras y dio lugar, de esta manera, al traslado de una buena parte de las industrias contaminantes de Estados Unidos a nuestro país sin ninguna restricción. Ni normas ambientales ni normas de seguridad dentro del taller para los trabajadores.”

La crisis de la década del 70 afectó el crecimiento de la maquila lo que llevó al gobierno mexicano a flexibilizar aún más las condiciones de trabajo para mantener la afluencia de las inversiones dado que este es justamente uno de los principales criterios de la deslocalización.

El constante crecimiento de la maquila se detuvo en 1974 debido a la crisis que se produjo por la recesión en Estados Unidos. Durante los dos siguientes años, ocurre una pérdida importante de más de un tercio de los empleos. Ante esto, el gobierno mexicano se apresuró a eximir a las maquilas de algunos requisitos de la Ley Federal del Trabajo (LFT). El período de prueba para los trabajadores se extendió de 30 a 90 días. Las compañías también podían ajustar el tamaño de su fuerza laboral o aumentar las horas de trabajo de acuerdo a sus propias necesidades. Además se permitió el incremento de cláusulas unilaterales (propatronales) en los convenios colectivos que establecieron en forma explícita condiciones inferiores a las establecidas en la LFT. (VILLEGAS, NORIEGA, *et al.*, 1997, p. 125)

De esta manera, se llegó a la segunda generación (1985-1994) que va de inicios de la década del 80 hasta mediados de la siguiente década. En este momento, van apareciendo plantas con mayor componente tecnológico orientadas a la manufactura, una incipiente red de proveedores locales y algunos indicios de toma de decisiones. Así mismo, en esta etapa, los hombres también comienzan a ser contratados. El crecimiento de plantas del rubro automotriz coincide con la crisis de la industria automotriz norteamericana que trasladó partes del proceso productivo a plantas maquiladoras mexicanas<sup>57</sup>.

Es necesario mencionar que la aparición de una nueva generación no implica la desaparición de las plantas de “otras generaciones”, de hecho, la primera generación “En 1990 todavía alcanzaba 82 por ciento de las empresas maquiladoras” (CARRILLO, 2014, p. 88) mientras que la segunda llegaría a ser mayoritaria en el norte recién a fines de la segunda década del presente siglo (*idem*)<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup> El documental denominado “Roger and me” (1989) del cineasta norteamericano Michael Moore muestra uno de los capítulos más importantes de la deslocalización productiva, cuando la General Motors cierra 11 fábricas en Flint, Michigan, para trasladarlas a México, dejando a miles de trabajadores sin empleo. Sobre esta empresa y otras más del ramo, Morales (2000) observa que “La Ford es, por considerable margen, la productora más trasnacional de todas: en 1994 casi 60% de su producción de automóviles de pasajeros estuvo localizada fuera de Estados Unidos. General Motors obtiene la mitad de su producción mundial fuera de su país de origen; Honda, 41%, y Nissan una tercera parte. Dos terceras partes de la producción exterior de la Ford se concentran en Europa, y después se distribuye entre Canadá, Brasil, México y Australia.” (p. 62)

<sup>58</sup> En un texto anterior, el autor aclara que “Por generación no se hacía así referencia a su sentido estrictamente evolucionista excluyente (es decir, que la secuencia supone necesariamente la supresión del antecesor, tanto considerando las trayectorias de las plantas individuales como de la industria en su conjunto), sino a una distinción fundamentada en los alcances propios correspondientes al aprendizaje manufacturero, entendido este concepto como los contenidos de conocimiento necesarios para desempeñarse exitosamente en la manufactura de un producto determinado.” (CARRILLO e GOMIS, 2005, p. 29-30)

Ya para ese entonces, a casi 30 años de existencia en suelo mexicano, Ceceña (1992) evidenciaba la forma que iba tomando la maquila:

A pesar de la insistencia propagandística que nos promete una absorción del desempleo y un mejoramiento en la balanza comercial, lo cierto es que los niveles salariales siguen descendiendo y el crecimiento de las exportaciones mexicanas se debe al incremento en las actividades de maquila a cargo del capital extranjero. (p.165)

La entrada en vigor del Tratado de Libre Comercio de América del Norte (TLCAN), en 1994 (“NAFTA” por sus siglas en inglés), marcará la aparición de la tercera generación en las maquilas. El mencionado tratado “va a generalizar el régimen de liberalización comercial excepcional propio de la maquila fronteriza, bajando los aranceles drásticamente a prácticamente todas las ramas industriales (...)” (MORALES, 2015, p. 107). Según la misma autora, las maquilas vivirán un periodo de auge y expansión a partir de este momento que, sin embargo, acabará abruptamente con una crisis en 2003. Esta nueva generación se caracteriza por el aumento en la composición tecnológica del capital constata, así como una mayor exigencia técnica de la fuerza de trabajo que ahora ya comienza a desarrollar actividades de investigación y desarrollo e incluso se desarrollan algunos *clusters*. Según Carrillo y Lara (2003), para el 2002 esta generación constituye el 28% de las maquiladoras. En cuanto al crecimiento de las actividades industriales, Morales afirma que

Las exportaciones del sector en los primeros siete años del TLCAN crecieron 17,4% anual al pasar de 30.215 millones de dólares a 89.713 millones y el número de establecimiento aumentó 70 por ciento. En estos siete años se consolida la participación de la fuerza de trabajo masculina que llega a representar 47% de los obreros en su conjunto: la tasa anual de crecimiento de todos los trabajadores fue de 13,2% registrando a 1.212.232 personas en el año 2000, que representaron 30% del total de la industria manufacturera. (2015, p. 107)

En esta generación, ya no se trata de trabajos de ensamble y manufactura simplemente, sino que, ya se incluye el diseño, investigación y desarrollo, donde se comienzan a emplear a ingenieros locales. Según Carrillo y Kopinak (1999) “Lo novedoso de esta estrategia, es que se ha “descubierto” las bondades del uso de mano de obra relativamente barata pero altamente calificada: los ingenieros.” (p. 9), de esta manera, los salarios bajos siguen siendo el principal atractivo de las maquilas, más aún, considerando la posibilidad de contratar ya, a partir de este momento, fuerza de trabajo altamente calificada en las economías dependientes con salarios muchas veces menores que en los países del centro capitalista<sup>59</sup>.

---

<sup>59</sup> Esto demuestra la tesis planteada por Marini (2008b), de que la división internacional del trabajo se da en función ya no de la economía, sino del precio y la formación técnica de la fuerza de trabajo. Los trabajadores de

De esta forma, en consonancia con lo planteado por Marini en relación a la homogenización del capital constante en el contexto de la globalización, la maquila comenzó a albergar procesos de desarrollo tecnológico. Según Carrillo (2014, p. 83) “(...) en México un poco más de una cuarta parte de las empresas maquiladoras tienen este tipo de actividades de manera formal. Empresas como General Electric, Honeywell, Lanival y Delphi crearon importantes centros de investigación y desarrollo en el país” lo que lleva al autor a concluir que existe escalamiento industrial en la maquila, definida esta como la capacidad de las empresas de innovar y aumentar el valor agregado (ibidem).

Si bien se han logrado iniciar actividades más complejas, los ingenieros aún constituyen, en este momento, una pequeña minoría, solo 11% en 1998 (CARRILLO e KOPINAK, 1999). El perfil socioeconómico de los trabajadores varió en algunos puntos en relación a las primeras décadas: en general fueron de más edad, probablemente algunos con hijos además del aumento progresivo de los hombres. Sin embargo, otras características se mantenían, como “el bajo nivel de educación formal (escuela primaria o un poco más), el status de soltería de la mayoría de los trabajadores y la esca antigüedad (...)” (ibidem, p. 13). Además, para algunos autores, la maquila, a pesar de comenzar a incubar proceso de desarrollo tecnológico, no se había podido convertir “en un motor de la industrialización del país, ni en un eslabón interno de la producción nacional” (MORALES, 2000, p. 34) por ser la maquila “un eslabón de la cadena industrial trasnacional, no de la industria mexicana” (idem).

En este contexto, México llega a convertirse en el tercer socio económico de Estados Unidos solo detrás de Canadá y Japón. Las importaciones mexicanas representaban el 10,2% del total de las importaciones norteamericanas (Morales, 2015).

Según las estadísticas del Departamento de Comercio de Estados Unidos, las exportaciones de prendas de vestir de México en 1993, representaron 4,4% de sus importaciones de la rama y en 1999 registraron un máximo de 14,8%; en 2001 las exportaciones electrónicas representaron la quinta parte de las importaciones estadounidenses (ibidem, p. 108-109)

Sin embargo, el crecimiento de las maquilas encontrará un límite a partir del 2003 causado por 4 situaciones según Carrillo (2007): primero, la recesión en la economía norteamericana que significó una gran reducción de la actividad maquiladora; segundo, el tratado del TLCAN, al considerar a las maquilas como empresas nacionales, aumentó algunos

---

todo el mundo se encuentran en franca competencia lo que genera un ejército industrial de reserva globalizado y permite la generalización de la superexplotación del trabajo.

impuestos lo que trajo “incertidumbres jurídicas y arancelarias” (ibidem, p. 669); tercero, los costos de producción se elevaron debido a la “estabilidad macroeconómica y la sobrevaluación del peso frente al dólar” (idem) y, finalmente, la variable que consideramos más importante; cuarto, la aparición de China en el escenario global que, con salarios más bajos, atrajo a gran parte de los capitales asentados en México. China llegó a convertirse en el segundo exportador a Estados Unidos desde el 2003 (Morales, 2015). Esto generó el cierre de 900 empresas, el 48% de ellas migraron a países del este de Asia (Carrillo, 2007). En relación a la industria textil, según Morales (2015)

China supera así a México en el mercado estadounidense de esta rama a partir de 2003 donde proporcionó 13,3% de las importaciones de ese país y en 2012 sus exportaciones ya representaban más de 37% del total, las de vietnam 9,5% y México había caído al quinto lugar con exportaciones (...).

Entre octubre de 2000, el punto máximo registrado, y diciembre de 2003, la industria maquiladora pierde más de 800.000 puestos de trabajo, que representaban más de la tercera parte de los creados durante los primeros siete años del TLCAN. (p.110)

Es este contexto de crisis, marcado por una “pérdida estructural de sus ventajas comparativas” (Carrillo y Gomis, 2005), en la maquila se desarrolla una nueva generación: la cuarta. En esta nueva generación, las plantas maquiladoras desarrollan actividades inmateriales de coordinación apoyados en complejos y elaborados software y algoritmos de comunicación, funciones propias de las casas matrices. Es en el rubro vinculado al sector de autopartes y producción de automóviles el que ha desarrollado este tipo de actividades siendo la fábrica Delphi la más importante:

La coordinación de actividades de manufactura, investigación, compras y servicios se convierte en eje central de la nueva y cuarta generación de maquiladoras. Desde las instalaciones del Centro Técnico de Delphi en Juárez (conocido como MTC – Mexican Technical Center) se coordina alrededor de 57 plantas y cerca de 75,000 empleados en México, así como una larga cadena de proveeduría. Actividades similares son realizadas dentro de los conglomerados de firmas transnacionales como es el caso de Lear con 22 plantas y casi 31,000 empleados en México; Yazaki con 14 establecimientos y más de 23,000 personas; Thomson con 6 plantas y 17,425 ocupados; Alcoa Fujikura con 9 establecimientos y casi 14,000 empleados; Sony con 7 plantas y cerca de 13,500 ocupados; o Philips con 12 plantas y más de 9,000 trabajadores. (CARRILLO e LARA, 2003, p. 164)

Según los mismos autores, la empresa Delphi tenía entonces incluso más trabajadores que en Estados Unidos, de esta forma, el MTC pasó de ser un centro de ingeniería al nudo crítico que articulaba todas las actividades de la empresa en México e incluso algunas de otras plantas de la empresa en otros países. En ella se realizan todas las partes de la producción, desde el concepto, la elaboración de prototipos y la manufacturación, tal es así que se han llegado a

producir 100 invenciones y diversas patentes. El MTC es, en suma, el centro más grande del mundo con el que cuenta Delphi (ibidem). Una encuesta realizada por el Colegio de la Frontera Norte encontró que, en el ramo de la electrónica, el 56% de las empresas utilizaban la mejor tecnología disponible en el mundo (CARRILLO, 2007). En ese sentido, el autor afirma que se da un proceso de “derrame de conocimiento de la industria maquiladora hacia las PYME y las instituciones, lo que convierte a estas empresas en fuente de capacidades tecnológicas y de innovación” (p. 675)

Sin embargo, es importante agregar que, si bien el 100% de las compras indirectas son hechas desde México, los insumos principales aún son importados de Estados Unidos “el 90% de las compras directas para Delphi-México son realizadas desde EEUU (...)” (Carrillo y Lara, 2003 p. 167). Por otro lado, se ha llegado al punto, incluso, que desde México se realizaran compras para EEUU. y Canadá. Según el autor, se pueden resumir las 4 generaciones de la siguiente manera: ensamblado en México, hecho en México, creado en México y coordinado en México.

### **2.1.3 Limitaciones del desarrollo de la maquila en México**

Más allá del desarrollo de expresiones con alta complejidad tecnológica e, incluso, de funciones de casas matrices, las maquilas mexicanas aún se sostienen a partir de la variable de la depreciación del precio de la fuerza de trabajo – o sea, el salario. Esto implica una fragilidad estructural en el desarrollo de este tipo de actividades, lo que se pudo ver con enorme claridad cuando del surgimiento de China en el escenario global. Las maquilas, sin más, migraron en masa en busca de esta “ventaja comparativa”, siendo esto posible gracias al gran desarrollo de las redes de transporte y comunicación. A pesar de que la variable geográfica sigue siendo relevante, es bastante ilustrativo que esta -en el caso mexicano- pierda tanta fuerza ante la posibilidad de baratear aún más la inversión en capital variable.

Incluso, es necesario relativizar el alcance de estas expresiones avanzadas en las maquilas mexicanas. El mismo Carrillo (2014) reconoce que existe una heterogeneidad estructural en términos tecnológicos dada la convivencia de expresiones altamente tecnológicas con otras de simple ensamble -trabajo no calificado con alto componente brazal y bajos salarios.

En ese sentido, el autor concluye que una de las limitaciones al escalonamiento industrial es justamente el bajo crecimiento de los salarios<sup>60</sup>:

En primer lugar, los salarios no aumentaban en relación con la productividad ni con la modernización, el proceso de ensamble con mano de obra poco calificada seguía siendo la parte sustantiva de la actividad maquiladora y del empleo, la integración productiva nacional era escasa y los mercados internos dentro de las empresas muy restringidos. (CARRILLO, 2007, p. 679)<sup>61</sup>

Por otro lado, el aumento del capital constante no se dio de forma uniforme en todos los rubros de la maquila, más bien, se concentró en las actividades ligadas a la industria automotriz y electrónica ya que, según el autor, el desarrollo de las generaciones “parece estar asociado con la rama de actividad económica, el tipo de producto y la cadena del producto” (CARRILLO e GOMIS, 2005, p. 30). El sector textil, por ejemplo, se sigue sosteniendo de una estructura basada en un empleo intensivo y extensivo de la fuerza de trabajo<sup>62</sup>, “lo que lleva a que el tiempo de vida laboral de las trabajadoras sea muy corto (se habla de 10 a 15 años)” (MORALES, 2000, p. 49). En relación a la intensidad, Villegas, Noriega y otros (1997) afirman que:

(...) en el proceso laboral de la confección de ropa, junto a operaciones que se realizan con maquinaria computarizada, predominan las operaciones con maquinaria tradicional. En este proceso se requieren hasta 50 operaciones para fabricar una prenda y se encuentran ciclos de trabajo de menos de 20 segundos que involucran varias operaciones. (p.129)

De esta forma, Quintero (2008) observa que la maquiladora es un espacio poco propicio para el desarrollo de un empleo digno enmarcado en el respeto de los derechos laborales. Algunos autores (VILLEGAS, NORIEGA, *et al.*, 1997) han encontrado que las trabajadoras de las maquilas tienen un riesgo 2.8 veces mayor, respecto de otros grupos de

---

<sup>60</sup> Otro elemento apuntado por el autor es la escasa antigüedad de los trabajadores y el hecho llamativo de que son los mismos trabajadores quienes renuncian a sus puestos de trabajo dado que no consideran a la maquila un trabajo estable a partir del cual proyectar sus vidas, esto es así por las características intensivas del trabajo y la poca estabilidad que proyecta en los mismos. (CARRILLO e KOPINAK, 1999)

<sup>61</sup> Otros autores han constatado lo mismo “(...) los salarios reales en el país no han aumentado -tampoco se han expandido- a la velocidad de las exportaciones manufactureras y maquiladoras, estas últimas sin la participación en la generación del PIB ni del empleo totales. Conviene preguntarse: ¿estos resultados son una aberración de la teoría económica o lo que se nos ofreció carecía de fundamento sólido?” (PUYANA e ROMERO, 2005, p. 158)

<sup>62</sup> “(...) la actividad del vestido tiene un patrón distinto, ya que mantiene de manera más nítida su característica de fuerza de trabajo intensiva. Los trabajadores directos representaron el 89% en 1980 y sólo disminuirá este porcentaje dos puntos en el año 2002. Los técnicos pasarán de 7% al 9% en ese período de 22 años, y los administrativos del 3% al 4% (...)” (CARRILLO e KOPINAK, 1999, p. 12). En ese mismo sentido Morales (2000) afirma que “al promediar las cifras se encuentra que la remuneración media que los trabajadores de la división textil, donde predomina la confección, recibían en 1990 era equivalente a 57,9% de la nacional, mientras que la división de producción metálicos, maquinaria y equipo equivalía a 97%, hay que tener presente que en la confección predominan mujeres” (p. 45)

trabajadores, de que sus hijos nazcan con bajo peso, en ese sentido, la comparación apunta a que la tasa de morbilidad general es “al menos dos, y hasta cuatro veces más alta en los trabajadores de la maquila” (ibidem, p. 130).

Para las trabajadoras de la maquila de mariscos, los trastornos psíquicos y psicosomáticos representan casi el 50% de la morbilidad reportada a través de los expedientes de la seguridad social. En la maquila electrónica, predominan los trastornos relacionados con exigencias mentales, tales como la neurosis, cefalea tensional, gastritis, colitis, hipertensión, mialgias y neuralgias. (ídem)

También se han reportado problemas de tipo músculo-esquelético relacionados a las actividades en la jornada de trabajo “en ello intervienen problemas de tipo ergonómico como el diseño de los puestos y las herramientas, pero también los elevados ritmos de trabajo y las largas jornadas.” (ibidem, p. 131). En otro estudio, donde participó el mismo autor y que buscó analizar la relación entre el estrés, el sistema inmune y el trabajo en las maquiladoras hondureñas, encontraron que, en una encuesta a 199 trabajadoras, 83% prestaron niveles altos de estrés (PULIDO, LEDESMA e VILLEGAS, 2012). Entre los hallazgos de este estudio, resalta que

Entre los malestares más reportados por las obreras estaban: la fatiga crónica (tasa de 75); la depresión (tasa de 58,3); rinoфарингитis de repetición o crónica (tasa de 55,8); ansiedad (55,8); cefalea tensional (tasa de 55,8); trastornos del sueño (tasa de 46,7); amigdalitis de repetición o crónica (tasa de 39,7)”.

Se observaron diversas asociaciones estadísticamente significativas entre condiciones de trabajo potencialmente estresantes y los daños a la salud de las obreras, mismos que la literatura científica asocia con el estrés; entre ellas resaltó la asociación de los trastornos psicosomáticos digestivos, tales como, el estreñimiento, diarrea, náuseas, vómitos, indigestión, dolores de estómago, meteorismo, flatulencia, dispepsia, gastritis, úlcera, con la exposición a ruido” (ibidem, p. 197-198).

La situación sindical es otro capítulo relevante en las maquiladoras mexicanas, “a su llegada a territorio nacional, las maquiladoras tuvieron que interactuar con los sindicatos locales de cada región” (QUINTERO, 2002, p. 19), esta interacción no fue homogénea y varió en relación al rubro industrial, así como en función a la fuerza sindical presente en la región. Los trabajadores, a través de sindicatos, exigieron principalmente contratos colectivos que, en algunos casos fue totalmente rechazado y en otros parcialmente aceptado. Según la misma autora, en los primeros años, las plantas textiles y electrónicas se distinguieron por el total rechazo a los sindicatos, mientras que hubo una relativa tolerancia en las plantas automotrices.

En términos generales, con excepción de ciertas regiones del norte con una fuerte tradición sindical previa, la organización sindical fue débil, (Morales, 2015)<sup>63</sup>. Un fenómeno común es la presencia de sindicatos fantasmas, conocido en México como “*el charrismo sindical*” (ibidem, p. 104), que consiste en la creación de sindicatos totalmente subordinados por la patronal, o bien, incluso, en sindicatos meramente de papel, creados por la patronal sin el conocimiento de los trabajadores (QUINTERO, 2002). En ese sentido Cho (2002) ha evidenciado la vehemente política antisindical de las maquiladoras coreanas en suelo mexicano.

En las empresas maquiladoras coreanas, los sindicatos fantasmas y las prácticas empresariales para evitar la organización de los sindicatos independientes parecen ser comunes. Además de Hanyong, Daewon y Hyundai, las empresas encuestadas en este estudio, tales como las Y, S, K, y L, se involucraron en todos los intentos de los trabajadores para formar sindicatos. Aquellos intentos eventualmente fallidos muestran la extensión de las actividades anti-sindicales por parte de la administración de las maquiladoras coreanas. A efecto de prevenir la formación de sindicatos independientes, las administraciones de las maquiladoras coreanas recurren a varias tácticas, incluyendo el apaciguamiento y represión. (p. 42-43)<sup>64</sup>

Según varios autores (MORALES, 2000; 2015), (CUERO, 2017), (PUYANA e ROMERO, 2005) (OSORIO, 2012), (VALENCIA, 1998) el desarrollo y crecimiento de la maquila se dio en detrimento de la propia industria nacional ya que, al apostarse por la maquila como estrategia de industrialización, se dejó de lado el proyecto de industrialización por sustitución de importaciones y el estímulo a la burguesía local. El desarrollo industrial se ha dejado en manos del capital trasnacional que, en la modalidad de maquila, más allá de algunos casos que han sido aislados, se ha mostrado poco eficaz en generalizar procesos de complejidad tecnológica y crear efectivos circuitos nacionales de aprovisionamiento, es así que, por ejemplo, el enorme crecimiento de las exportaciones no ha tenido un impacto significativo en el resto de la economía (PUYANA e ROMERO, 2005).

Al finalizar el año 2000, el aporte de la maquila a la generación del PIB mexicano apenas superó 1.58%, lo cual corresponde un avance de 0.04% del PIB al año, asumiendo que al inicio la maquila no aportaba nada al PIB. A partir de 1994 se

---

<sup>63</sup> Lo mismo se observa en países de Centroamérica “Según datos del cuarto Encuentro Sindical de Nuestra América celebrado en Nicaragua, en el cual participaron 34 países y 320 delegados de América Latina, la tercerización es la principal problemática que enfrentan 300 mil trabajadores nicaragüenses en lo que va del año, y las maquilas son la fuente de empleo precario que más sindicatos ha eliminado, con 100 en los últimos cuatro años. A nivel macro, los países identificados de mayor inestabilidad laboral fueron México, Guatemala y Honduras.” (CASTILLO F. e SOTELO V., 2013, p. 23)

<sup>64</sup> “Primero, la administración selecciona una de las ramas regionales de los sindicatos oficiales, se firma el contrato colectivo manteniendo a los trabajadores ignorantes, y realizan el registro de los sindicatos y contratos colectivos ante la Junta Laboral. Esto se realiza de tal manera que el sindicato estará bajo el control de la empresa: pésele a quien le pese, el sindicato será fantasma. Una vez que los sindicatos están registrados de esta manera, la compañía usualmente conserva su existencia en secreto, hasta que son detectados intentos serios para la formación de sindicatos independientes, como en Hanyong.” (CHO, 2002, p. 43)

registra un crecimiento importante de esta participación, que decae en 1999 y aún no se recupera (La Jornada, 7 de marzo de 2005). Así, la relación entre el incremento de las exportaciones de la maquila y su contribución al PIB mexicano es débil y se ha calculado que 1% de este crecimiento se ve reflejado en un aumento de 0.3% de su participación en el PIB (Puyama y Romero, 2005c). La escasa incorporación de valor agregado nacional indica que no se han efectuado los encadenamientos ni creado los nexos entre la industria no maquiladora y la maquila; por esta razón, no hay vínculos entre la expansión de las exportaciones manufactureras y el peso de este sector en la generación del PIB. (ibidem, p. 176)

A partir de esto, los autores han concluido que no hay fundamentos para sostener que la fragmentación de los procesos productivos -y la maquila como parte de ella- ayudaría a elevar los salarios y a reducir el precio de la renta del capital. En ese sentido, Quintero (2008) asegura que el desarrollo de actividades complejas en el seno de la maquila, incluso de *clusters*, son fenómenos aislados, que no se han generalizado, ligado a capitales transnacionales y donde el trabajo manual aún sigue siendo mayoritario. El objetivo de que las maquilas estimulen el tejido industrial nacional no ha alcanzado nunca, Cuero (2017) asegura que “la participación de empresas mexicanas proveedoras ha sido marginal en 40 años de presencia de la industria maquiladora en el país” (p. 151). Las empresas maquiladoras, por más que desarrollen funciones propias de casas matrices, aún fundamentan sus actividades en el bajo precio del capital variable, tratando siempre de minimizar los costos de producción a costas de la clase trabajadora.

En suma, a partir de lo expuesto hasta acá, vemos que la maquila es una de las expresiones que asume la reestructuración productiva a partir de la crisis estructural de la década del 70 que busca mantener los niveles de lucro a partir de la superexplotación del trabajo. Así mismo, en casi 50 años de presencia en suelo mexicano, esta no ha generado el desarrollo de la industria local dada la esencia transnacional de este tipo de actividad: al no ser el mercado nacional relevante en la realización de las mercancías producidas, el desarrollo industrial no es orgánico. Vemos en la maquila la reafirmación y profundización de un proyecto de desarrollo dependiente, donde se manifiestan con especial claridad las tres leyes tendenciales propias del desarrollo de este tipo de economías: la total escisión de las capacidades productivas con las necesidades de las masas es la esencia misma de este proceso; la transferencia de valor como intercambio desigual se comienza a manifestar desde el momento de la generalización del régimen de liberalización comercial excepcional propio de la maquila a partir del TLCAN que, al introducir tecnología de punta en procesos productivos destinados al mercado interno, genera una transferencia de valor interna en dirección a los rubros más productivos<sup>65</sup>, y, finalmente; la

---

<sup>65</sup> Ver explicación de la transferencia interna en la página 30.

superexplotación del trabajo es la consecuencia inevitable de los fenómenos mencionados previamente y el pilar sobre el cual se sostiene tanto la maquila como el proceso de deslocalización productiva. En ese sentido, la tesis de que actividades de maquila den pie o desencadenen un proceso de industrialización no parecen tener solidez.

## 2.2 MAQUILA EN PARAGUAY

### 2.2.1 Estado del arte de estudios sobre maquilas en Paraguay

A pesar de contar con más de 20 años de vigencia, la maquila en general no ha suscitado muchos trabajos de investigación que evalúen su desempeño en la economía paraguaya, y entre los trabajos que efectivamente se han desarrollado, no existen acuerdos sobre sus efectos positivos o negativos para el desarrollo económico nacional y el mejoramiento de las condiciones de vida de la población paraguaya. En ese sentido, es posible dividir a la literatura relacionada en dos grupos principales, por un lado, aquella que sostiene que la maquila cuanta con un potencial de industrialización y desarrollo de la economía nacional, y, por el otro, la que sostiene que esto último no es posible dada sus características y que, incluso, llega a ser perjudicial a la consecución de estos objetivos.

Para GARAYO (2018, p. 20), la maquila es “un instrumento de generación de nuevas oportunidades de negocios sumamente atractivo y de gran potencial por los beneficios bilaterales”, en este caso, refiriéndose al Brasil, ya que de este país proviene la mayor parte de los capitales maquiladores. En esa misma línea, MAIA (2021) y FIGUEIRA (2019) entienden a la maquila como parte de un proceso de industrialización de la economía paraguaya, por ser esta una “ferramenta capaz de contribuir para o desenvolvimento econômico e social” (MACIEL, 2017). Por su parte, Sa (2019) destaca la generación de empleos y el crecimiento económico generado, así como el interés creciente de capitales brasileños. Esto último debido a ventajas comparativas que presenta la economía nacional en relación a la brasileña, como ser las exenciones impositivas, el costo laboral inferior, legislación laboral más simple y acceso a recursos energéticos baratos (DE LA CUEVA, 2012) (BARTHOLOMEU, 2021). Por su parte, SILVEIRA (2021) afirma que la maquila ha generado un importante estímulo al sector inmobiliario e, incluso, ha promovido la calificación de los trabajadores y ha generado transferencia de tecnología en los procesos productivos.

Otros autores, como MOREL (2020) y COSTA (2018) han sido un poco más conservadores en sus evaluaciones positivas, resaltando que la maquila ha sido poco relevante en la economía nacional además de le hecho de representar, principalmente, trabajos poco

calificados e intensivos en mano de obra. Sin embargo, ambos concuerdan con el potencial industrializador de las maquilas.

En oposición a estas evaluaciones, MAGALHAES (2017) propone que las maquilas paraguayas reproducen las contradicciones estructurales de las maquilas mexicana por lo que sus posibilidades de absorción de tecnología son limitadas y el principal beneficio son los puestos de trabajo que, a su vez, suelen ser precarios. En esa misma línea, FRETEZ (2020) sostiene que la maquila constituye una forma dependiente de inserción en las cadenas de valor internacional y que, dada sus características, impide regímenes impositivos más juntos y el aumento de los salarios y de la formalización del trabajo, además del hecho de constituir una forma de subsidio a capitales extranjeros, principalmente en el caso de fábricas electro-intensivas, por lo que concluye que la maquila no puede generar procesos de industrialización y que, aunque desarrolle actividades tecnológicas, las transferencias efectivas son bastante limitadas. En cuanto a las condiciones de trabajo, JARA (2021) ha encontrado que, pesar de que la mayoría de las maquilas presenten mayores grados de formalidad, éstas ofrecen condiciones de trabajo marcadas por los malos tratos, jornadas superiores al máximo legal, mucha intensidad, inestabilidad y poca calificación en las labores, así como una fuerte persecución sindical.

### **2.2.3 Marco legal**

La historia de la maquila en Paraguay comienza en 1997 con la promulgación de la ley N°. 1.064/97 “DE LA INDUSTRIA MAQUILADORA DE EXPORTACIÓN”, sin embargo, recién entrará en vigor con su reglamentación través del decreto presidencial N° 9.585 del 17 de julio del 2000. Según el artículo primero de la mencionada ley, esta

(...) tiene por objeto promover el establecimiento y regular las operaciones de empresas industriales maquiladoras que se dediquen total o parcialmente a realizar procesos industriales o de servicios incorporando mano de obra y otros recursos nacionales destinados a la transformación, elaboración, reparación o ensamblaje de mercaderías de procedencia extranjera importadas temporalmente a dicho efecto para su reexportación posterior, en ejecución de un contrato suscrito con una empresa domiciliada en el extranjero. (PARAGUAY, 1997)

El régimen de maquila permite la instalación de empresas en el territorio nacional que realicen procesos industriales -sean estos de producción, ensamble, reparación o servicios- con mercaderías importadas para luego reexportarlas en marco de un trato impositivo especial. La mercancía resultante del proceso industrial debe ser necesariamente exportada, pudiendo ser

ver vendida en el mercado nacional hasta un 10% de la producción total. Este último caso, recibe un tratamiento impositivo distinto al régimen de maquila<sup>66</sup>.

Según el Art. 30 de la citada ley, las actividades industriales realizadas bajo el régimen de la maquila se encuentran exonerada de cualquier tipo de impuesto nacional, departamental o municipal, debiendo abonar un único tributo equivalente al 1% sobre el valor agregado en territorio nacional. Según el artículo 29, por valor agregado en territorio nacional se entiende: “a. Los bienes adquiridos en el país para cumplir con el Contrato de Maquila y sub-Maquila.” y “b. Los servicios contratados y los salarios pagados en el país para el mismo propósito de lo dispuesto en el inciso anterior.”

Según el decreto presidencial (Paraguay, 2000) los tipos de maquila son: maquila, maquila de servicio, maquila de servicio intangible, sub maquila. Así mismo, las formas de operación son: planta gemela, maquila pura, maquila por capacidad ociosa, subcontrato, *shelter* o programa albergue.

Nora Ruoti, sobre el procedimiento legal para la implantación de la maquila, menciona lo siguiente:

Mediante un “Contrato de Maquila”, una empresa domiciliada en el exterior “Matriz” contrata los servicios de una empresa domiciliada en el Paraguay “Empresa Maquiladora”, para que ésta realice procesos industriales, totales o parciales o prestación de servicios, destinados a la transformación, reparación o ensamblaje de mercaderías de procedencia extranjera. La modalidad legal es denominada Sub-contratación internacional. (Ruotti, 200-, p. 1)

La ley también crea al Consejo Nacional de Industrias Maquiladoras de Exportación (CNIME), quien es el principal organismo encargado de aplicar el marco jurídico especial y de controlar a todas las actividades industriales bajo el régimen de la maquila, así como de aprobar y/o rechazar los proyectos de maquila presentados y elaborar y dirigir políticas encaminadas a, por un lado, el fomento de las actividades maquiladoras y, por el otro, lograr el efectivo vínculo con la economía nacional. Éste se encuentra precedido por el ministro de Industria y Comercio y es integrado por un representante del: Ministerio de Industria y Comercio, Ministerio de Hacienda, Banco Central del Paraguay, Secretaría Técnica de Planificación para el Desarrollo Económico y Social, Ministerio de Relaciones Exteriores. Así mismo, se crea también la figura

---

<sup>66</sup> “Las Empresas Maquiladoras que deseen vender en el Mercado Interno Bienes ingresados al país, al amparo del Régimen de Importación Temporal Maquila deberán solicitar la sustitución del Régimen, por otro de Importación Definitiva.” (PARAGUAY, Art. 76, 2000)

de la Secretaría Ejecutiva del CNIME, que será ejercida por un representante del Ministerio de Hacienda y quién tendrá a su cargo el cumplimiento de todas las obligaciones del referido Consejo. La ley no prevé ningún tratamiento especial ni excepciones en cuanto las normas laborales, debiendo regirse por el marco legal vigente en el país<sup>67</sup>.

Es en el decreto presidencial de reglamentación de la ley donde se enuncian los objetivos a los cuales se apunta con la maquila además de evidenciarse el marco ideológico sobre el cual descansa la interpretación estatal del referido fenómeno. Según el mismo, la maquila “(...) lleva implícita una gran capacidad integradora, a nivel regional y global (...)” (PARAGUAY, 2000). Cuatro son los principales beneficios esperados: primero, el estímulo a la economía nacional principalmente a través de la figura de la “subcontratación”; segundo, la transmisión de tecnología “(...) que posibiliten elevar la competitividad de nuestra base industrial nacional”; tercero, generación de empleos y capacitación técnica de la fuerza de trabajo y; cuarto, el ingreso neto de divisas al país (ibidem). Evidentemente, la propuesta de la maquila paraguaya tiene una conexión estrecha con la experiencia mexicana. A diferencia de ésta última, que en un principio sólo había propuesto a la maquila como estrategia para generar puestos de trabajo y solo posteriormente incluiría los objetivos de la transmisión de tecnología y desarrollo de la industria local, la propuesta paraguaya ya incluye estos objetivos desde el principio.

El régimen de maquila otorga amplias libertades a los capitales que se abriguen en él, en lo referente a las limitaciones, según el artículo 15 del mencionado decreto presidencial

No será necesario que las Empresas que deseen ampararse en la Ley cumplan con requisitos de operaciones máximas y mínimas, valores determinados, contratación de mano de obra, inversión fija o cualquier otra circunstancia. Bastará con que cumplan los requisitos establecidos en la Ley, este Reglamento y las correspondientes Resoluciones. (PARAGUAY, 2000)

De esta manera, la propuesta de la maquila paraguaya es casi una réplica de la propuesta mexicana, al menos en cuanto a lo enunciativo, ya que existen diferencias relevantes en cuanto a los capitales instalados y los ciclos de capital asociados. Ambos países son vecinos de enormes economías con un parque industrial más desarrollado, sin embargo, mientras México comparte la frontera con la principal economía imperialista del mundo, Paraguay lo hace con una “potencia intermedia”, caracterizado como “subimperialista” por la TMD<sup>68</sup>. Otra

---

<sup>67</sup> A diferencia de lo que ocurre en algunos países de Centroamérica, como pudimos ver en el capítulo anterior.

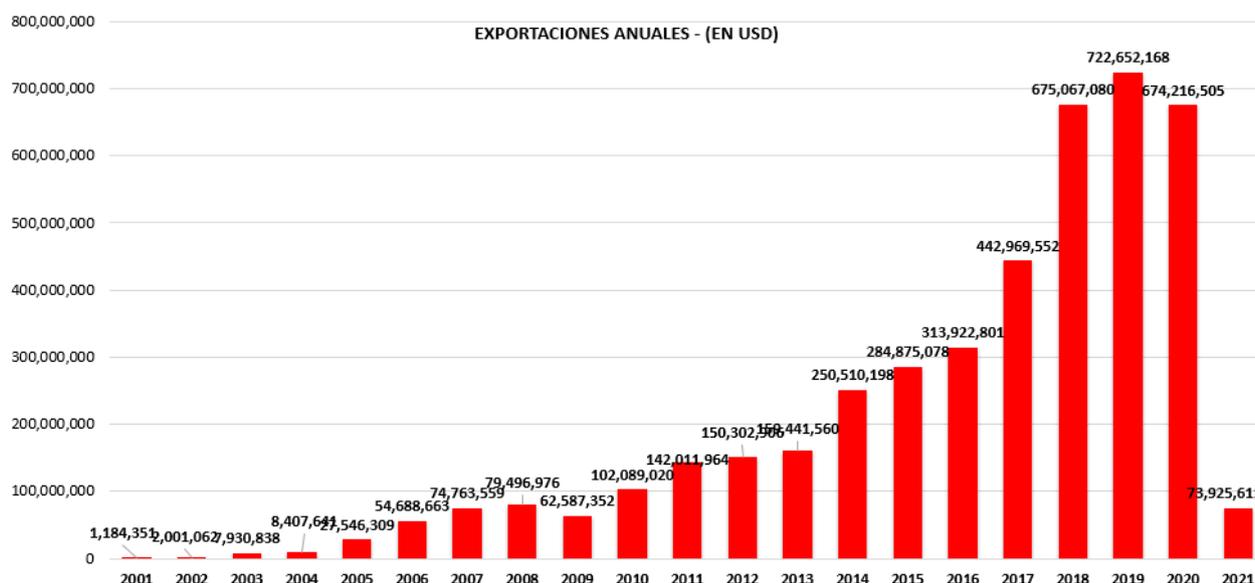
<sup>68</sup> Sobre la tesis del Subimperialismo, ver Valencia (2018), Luce (2007). Para un estudio específico sobre la relación subimperialista entre Brasil y Paraguay ver Baumgratz (2019) y Vuyk (2013).

diferencia es el hecho de que, en un principio, las maquilas en México solo podían instalarse en la región fronteriza, mientras que, en el caso paraguayo, ya desde el inicio de la propuesta no existen limitación geográfica alguna. Pasemos ahora a ver las principales características de la maquila en Paraguay.

### 2.2.4 Rubros y proyectos

Los primeros proyectos de maquila aprobados por el CNIME se dieron en el 2001, de ahí en más, la actividad maquiladora presentó un sostenido crecimiento. En ese primer año, las exportaciones maquiladoras se realizaron por el valor de 1.184.351 USD, en el siguiente año, las exportaciones fueron por valor de 2.001.062 USD, lo que significó un crecimiento del 69% en relación al año anterior (CNIME, enero 2021). Al menos hasta el 2021, el promedio de crecimiento de las maquilas fue de 53% por año (tabla 2). La pandemia impactó principalmente en los meses de abril y mayo del 2020, en donde las exportaciones se redujeron drásticamente, ya para fines del 2020 la tendencia de crecimiento recuperó el ritmo superando el valor de las exportaciones pre pandémicas. Según la siguiente gráfica<sup>69</sup>, solamente los años 2009 y 2020 mostraron un decrecimiento en el valor de las exportaciones.

Gráfico 1- exportaciones anuales de las maquilas, en USD.



<sup>69</sup> Las exportaciones del 2021 en esta gráfica corresponden solamente al mes de enero de ese año.

Tabla 2– Crecimiento de exportaciones por año en porcentajes

Año	Exportado por año (en USD)	Porcentaje de crecimiento
2001	1,184,351	
2002	2,001,062	69%
2003	7,930,838	296%
2004	8,407,341	6%
2005	27,546,309	228%
2006	54,688,663	99%
2007	74,763,559	37%
2008	79,496,976	6%
2009	62,584,352	-21%
2010	102,089,020	63%
2011	142,011,964	39%
2012	150,302,906	6%
2013	159,441,560	6%
2014	250,510,198	57%
2015	284,875,078	14%
2016	313,922,801	10%
2017	442,969,552	41%
2018	675,067,080	52%
2019	722,652,168	7%
2020	674,216,505	-7%
Promedio		53%

Fuente: Elaboración propia con datos de CNIME (enero 2021)

Los principales rubros en cuanto a cantidad de proyectos aprobados, al menos hasta noviembre de 2020, son: confección y textiles (72), plásticos y sus manufacturas (35), manufacturas diversas (25), autopartes (21), metalúrgicos y sus manufacturas (15) y servicios intangibles (12). Estos 6 rubros juntos suman 180 proyectos aprobados, lo que representan el 74 % de todos los rubros presentes hasta esa fecha (ver tabla 3), el resto de los rubros (28) suman un total de 64 proyectos aprobados, representado el 26% del total. De esta manera, vemos que las maquilas instaladas en territorio nacional, al menos en cuanto a cantidad de proyectos, se concentran principalmente en estos 6 primeros rubros. En cuanto a las exportaciones y consumo de fuerza de trabajo por rubros existen algunas diferencias, como veremos más adelante.

Al menos hasta el 2007, no existía una tendencia marcada en cuanto los principales rubros. En el 2008, de los 6 proyectos de maquilas aprobados, 5 fueron del sector textil, lo que posicionó a este rubro como el más importante hasta ese entonces. De

Tabla N°3: Cantidad de proyectos aprobados por rubro y año hasta 2020

Rubros	2001	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	Total
Confecciones y textiles	1	1	.....	.....	1	.....	.....	5	2	.....	2	5	6	6	7	4	8	6	9	9	72
Plásticos y sus manufact.	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	.....	.....	1	1	.....	3	3	5	6	2	4	3	6	35
Manufacturas diversas	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	2	3	1	.....	4	5	4	3	3	.....	25
Autopartes	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	1	2	3	2	1	4	2	4	1	21
Metalurgicos y sus manufact.	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	1	4	.....	3	2	3	.....	1	15
Servicios intangibles	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	1	.....	.....	1	1	2	1	.....	.....	.....	3	2	12
Calzados y sus partes	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	.....	1	2	.....	.....	.....	.....	.....	5	.....	.....	9
Pigmento, pinturas colorantes	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	.....	1	.....	.....	1	1	.....	1	.....	1	.....	6
Productos alimenticios	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	1	1	.....	2	6
Cueros	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	2	.....	1	.....	.....	5
Maderas y sus manufact.	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	2	.....	.....	.....	1	.....	.....	4
Productos farmaceuticos	1	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	3
Alimentos para mascotas	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	2
Aluminio	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	1	2
Muebles	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	1	2
Papelería	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	.....	1
Caucho y sus manufact.	1	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1
Fabricacion de yates	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1
Motopartes	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	.....	.....	.....	1
Electromecánicos, electrónicos, eléc	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	1
Químicos	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	.....	.....	.....	1
Cosméticos	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	.....	.....	1
Lubricantes y sus derivados	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	.....	1
Tabaco	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	1
Productos deportivos y afines	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	1
Producción de piano digital y órgano	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	1
Gráficos	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	.....	1
Productos de higiene	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	1
Cables	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	1
Velas	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	1
Juguetes	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	.....	1
Maquinarias	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	1	1
No especificados	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	.....	6	2	8
<b>Total</b>	<b>3</b>	<b>1</b>	.....	.....	<b>5</b>	.....	<b>2</b>	<b>6</b>	<b>4</b>	<b>2</b>	<b>8</b>	<b>13</b>	<b>14</b>	<b>24</b>	<b>22</b>	<b>22</b>	<b>24</b>	<b>32</b>	<b>33</b>	<b>29</b>	<b>244</b>

Fuente: Elaboración propia con base a datos de Secretaria Técnica de Planificación de Desarrollo Económico y Social (STP) (2017) y Consejo Nacional de Industrias Maquiladoras de Exportación (CNIME) (noviembre 2020).

ahí en más, exceptuando el 2010, todos los años fueron aprobados proyectos de maquilas textiles, a un ritmo de 5.3 proyectos aprobados por año.

A partir del 2011 comienzan a marcarse más nítidamente la presencia de los demás rubros y su respectiva importancia entre las maquilas en general. El sector plástico comienza a tener más relevancia desde el 2013. Desde el 2011 hasta el 2012 tenía tres proyectos aprobados, desde el 2013 hasta el 2020 acumuló un total de 32, con un ritmo de 4 proyectos aprobados por año.

Tanto “manufacturas diversas” como autopartes, comienzan a operar desde el 2011, el primero con un ritmo de 2,5 proyectos aprobados por año y el segundo con un ritmo de 2,1.

### **2.2.5 Exportaciones por rubro**

En cuanto las exportaciones individualizadas por rubro, encontramos que, al menos al cierre del 2021, el peso de los rubros varía. De esta forma, el rubro de auto partes es el más importante, al representar el 27% del total de las exportaciones; 10 puntos por abajo, le sigue el rubro textil, que representa el 17%; productos alimenticios, que se encontraba en el noveno lugar en cuanto a cantidad de proyectos aprobados, se encuentra en el tercero de las exportaciones al representar el 14 %; aluminio y sus manufacturas también el 14% y, finalmente, entre los principales rubros en relación a la exportación, plásticos y sus manufacturas representa 11% del total (ver cuadro 3). De esta forma, los cinco rubros mencionados representan el 83% de todas las exportaciones entre enero y diciembre del 2021 (CNIME, diciembre 2021).

Tabla 4 – exportaciones según rubros, enero a diciembre 2021 (en millones de USD)

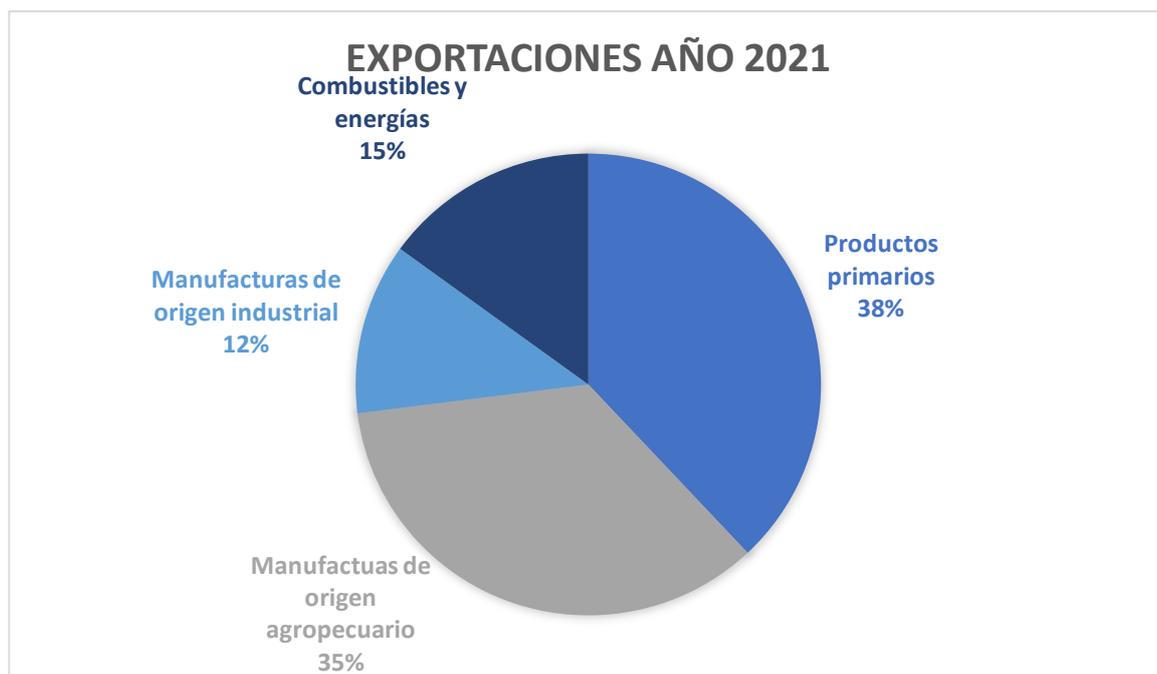
Rubros	Ene.	Feb.	Mar.	Abr.	May.	Jun.	Jul.	Ago.	Sep.	Oct.	Nov.	Dic	Total general	Part. %
Autopartes	19,6	18,2	19,3	19,5	20,7	20,3	17,5	20,9	21,4	20,4	19,0	19,7	236,5	27%
Confecciones y Textiles	11,8	13,6	10,4	8,4	13,6	11,7	15,3	14,1	13,4	11,0	13,1	12,4	148,7	17%
Productos alimenticios	11,5	8,9	12,8	12,1	10,7	10,2	12,7	0,8	2,2	16,0	16,5	10,4	124,8	14%
Aluminio y sus manufacturas	6,6	4,8	12,9	10,8	10,8	13,1	13,2	12,2	7,2	10,3	10,5	10,2	122,9	14%
Plásticos y sus manufacturas	6,9	8,0	9,0	9,5	8,2	8,7	8,5	8,7	8,8	8,6	7,9	8,4	101,0	11%
Productos farmacéuticos	2,1	2,2	2,0	2,6	2,7	2,8	3,7	3,3	3,5	2,9	3,1	2,8	34,0	4%
Servicios Intangibles	2,4	4,8	3,5	1,6	1,7	2,3	3,0	2,4	2,8	2,6	2,7	2,7	32,4	4%
Alimentos para mascotas	1,3	1,0	1,3	1,4	1,0	1,4	1,7	1,8	1,7	1,6	2,0	1,5	17,6	2%
Manufacturas diversas	1,1	1,1	0,6	1,2	1,2	1,2	1,4	1,8	1,7	1,6	2,1	1,4	16,4	2%
Cueros y sus manufacturas	0,8	0,7	0,9	1,3	1,1	1,5	1,0	1,6	1,0	1,1	1,2	1,1	13,4	2%
Calzados y sus partes	0,8	0,9	1,2	1,2	1,2	1,3	1,1	0,7	0,6	0,5	0,6	0,9	11,0	1%
Tabaco	1,0	0,8	1,1	1,2	0,4	0,2	0,1	0,0	0,1	0,0	0,2	0,5	5,7	1%
Metalúrgico y sus manufacturas	0,1	0,2	0,1	0,4	0,1	0,1	0,2	0,6	0,2	0,8	1,1	0,4	4,3	0%
Madera y sus manufacturas	0,2	0,2	0,2	0,3	0,1	0,3	0,1	0,3	0,1	0,1	0,1	0,2	2,3	0%
Pigmento, pintura y colorantes	0,2	0,2	0,1	0,1	0,2	0,1	0,1	0,1	0,1	0,2	0,1	0,1	1,6	0%
Los demas rubros	0,8	0,7	1,0	3,4	0,2	0,2	0,2	0,0	0,3	0,1	0,1	0,6	8,5	1%
<b>Total general</b>	<b>67,3</b>	<b>66,3</b>	<b>76,6</b>	<b>75,0</b>	<b>73,9</b>	<b>75,5</b>	<b>79,7</b>	<b>69,5</b>	<b>65,0</b>	<b>77,7</b>	<b>80,5</b>	<b>73,4</b>	<b>881,1</b>	<b>100%</b>

Fuente: CNIME (diciembre 2021)

Para dimensionar mejor el tamaño de las exportaciones maquiladoras, es necesario contextualizarlas en el marco de las exportaciones nacionales. Según el informe económico del Banco Central del Paraguay (BCP) (Setiembre 2022), en el año 2021, el valor de todas las exportaciones del país fue de 10.560.352.000 millones de USD, de este total, corresponde a las exportaciones de productos primarios 3.984.578.000 millones de USD (38%); a las manufacturas de origen agropecuario 3.670.034.000 millones de USD (35%); a las exportaciones de combustibles y energías 1.618.781.000 millones de USD (15%)<sup>70</sup> y; a las manufacturas de origen industrial 1.286.958.000 millones de USD (12%). Vemos que el rubro de productos primarios es el más importante en cuanto a las exportaciones nacionales, a su vez, sumado con las manufacturas de origen agropecuario, representan el 73% de las exportaciones totales del país. Las manufacturas de origen industrial representan tan solo el 12% de las exportaciones totales, lo que da cuenta de las características generales de la economía paraguaya.

Gráfico 2 – Exportaciones totales del año 2021

<sup>70</sup> Este rubro está compuesto básicamente por exportación de energía eléctrica.



Fuente: elaboración propia con datos del BCP (Setiembre 2022)

Según el mismo informe del BCP, las exportaciones de maquila en el año 2021 fueron por valor de 868.288.000 millones de USD, si comparamos las exportaciones de maquila con las de, por ejemplo, exportaciones de productos primarios, vemos que en el 2021 las exportaciones de maquila representan el 22% de las exportaciones primarias, o bien, comparada con las exportaciones de la soja (el más importante entre los productos primarios) que alcanzó en el mismo año el valor de 2.975.124.000 millones de USD, la maquila representa el 29% de este valor, lo que habla de una presencia relevante entre las exportaciones totales.

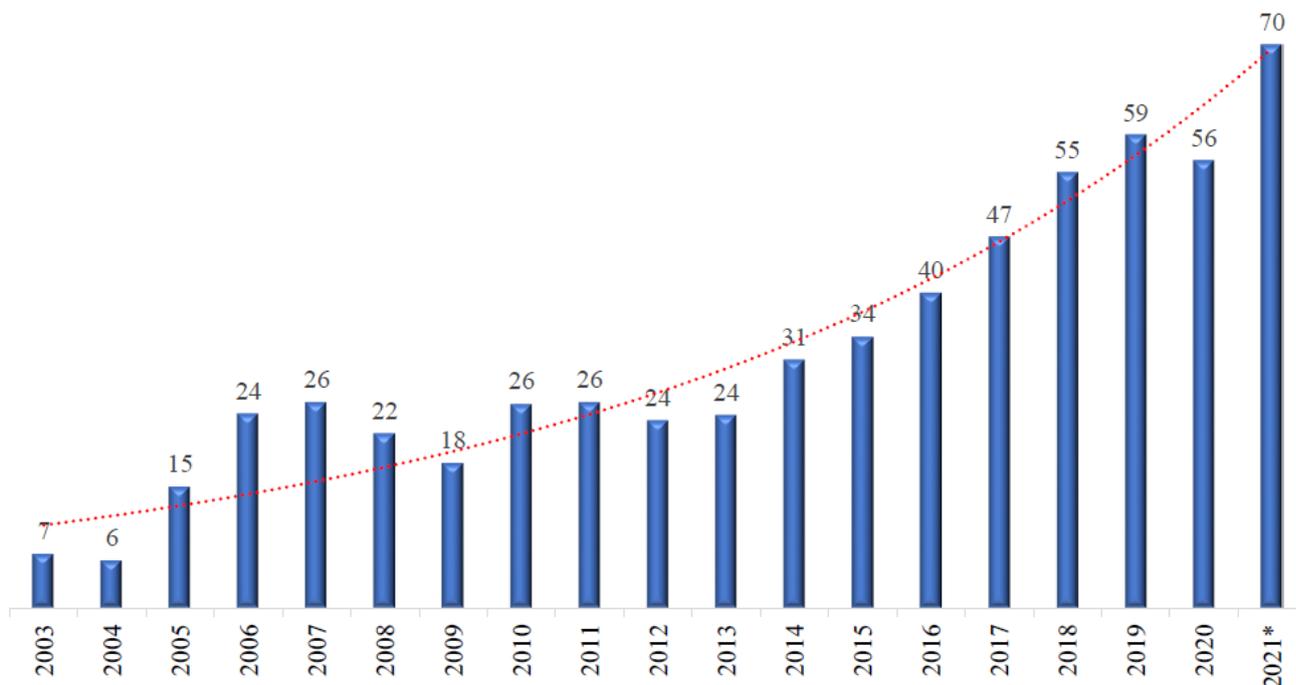
A su vez, la composición de las exportaciones de manufactura de origen industrial se encuentra marcada por las exportaciones maquiladoras. Según el CNIME (diciembre 2021), las exportaciones de maquila representan el 70 % de las exportaciones de manufactura para el año 2021, valor que fue creciendo paulatinamente con el aumento de las plantas maquiladoras (ver gráfico 3).

La relación entre exportaciones por régimen aduanero es la siguiente: en el año 2021, las exportaciones por régimen general de exportación<sup>71</sup> fue por el valor de 9.678.916.000 millones de USD (92%), las de la maquila fue de 868.288.000 millones de USD (8%), las de zonas francas fue de 11.709.000 millones de USD y las de leasing fue de 1.417.000 millones

<sup>71</sup> Incluyen las exportaciones de productos como: carnes, cereales, granos de soja y sus derivados, electricidad, entre otros.

de USD<sup>72</sup>. De esta forma, las maquilas representaron en el año 2021 el 8% de las exportaciones totales del país (BCP, Setiembre 2022).

Gráfico 3 – Exportación de la maquila respecto al total de las exportaciones de manufacturas (en porcentajes)



Fuente: CNIME (diciembre 2021)

### 2.2.6 Importancia en relación al consumo de la fuerza de trabajo

Según el Instituto Nacional de Estadística (INE, 2do. trimestre 2022), el total de personas ocupadas<sup>73</sup> para el cuarto trimestre del 2021 fue de 3.513.422, de los cuales, corresponde al sector primario 662.743 personas (18,86%), al sector secundario 681.237 personas (19,38%), y el sector terciario 2.166.924 personas (61,67%)<sup>74</sup>. A su vez, dentro del sector secundario (compuesto por industrias manufactureras y construcción), al sector de industrias manufactureras corresponde 373.627 personas, mientras que a construcción 307.610 personas. Para el mismo periodo temporal, la cantidad de personas empleadas en las maquilas textiles fue de 19.200 personas (CNIME, diciembre 2021), lo que representa apenas el 5,1%

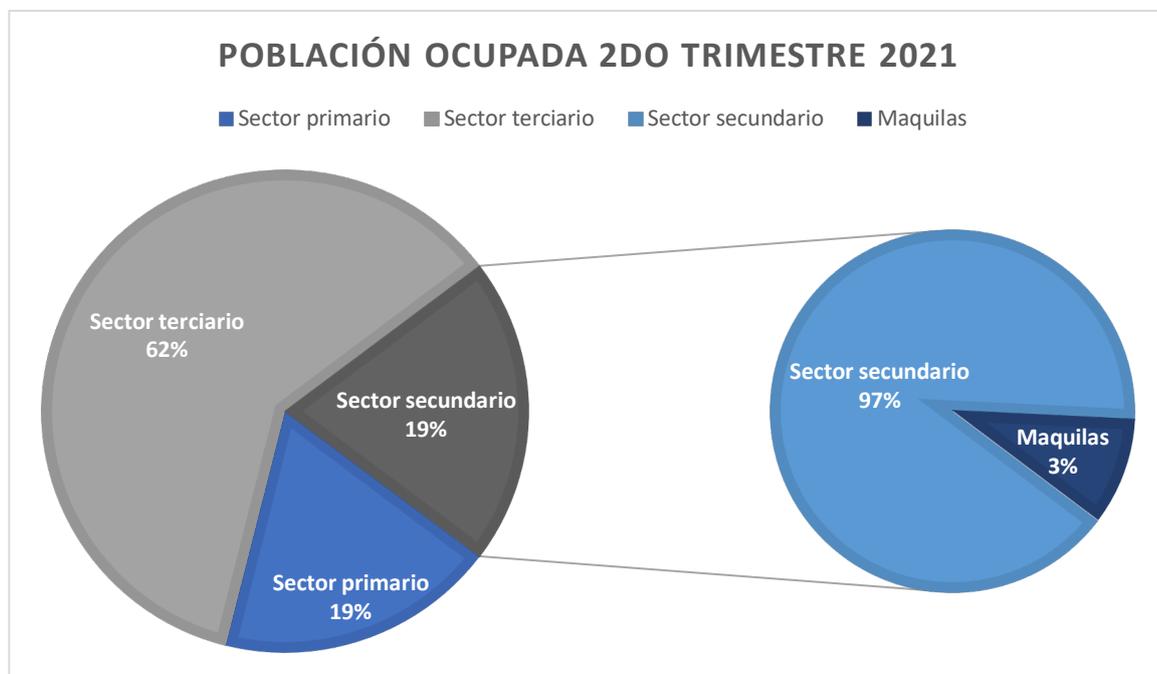
<sup>72</sup> El valor de zonas francas y leasing es muy bajo, motivo por el cual no es representado en términos porcentuales.

<sup>73</sup> El INE considera “personas ocupadas” a aquellas que trabajaron por lo menos 1 hora en alguna actividad económica en los últimos 7 días anteriores al día de la entrevista.

<sup>74</sup> El sector primario está compuesto por agricultura, ganadería, caza y pesca, el secundario por industrias manufactureras y construcción, y el terciario por comercio, restaurantes, hoteles, servicios comunales, sociales, personales y otros.

del total de los trabajadores de industrias manufactureras, el 2,8% del total del sector secundario y el 0,54% del total de la población ocupada a nivel nacional<sup>75</sup>.

Gráfico 4- población ocupada 2do trimestre 2021



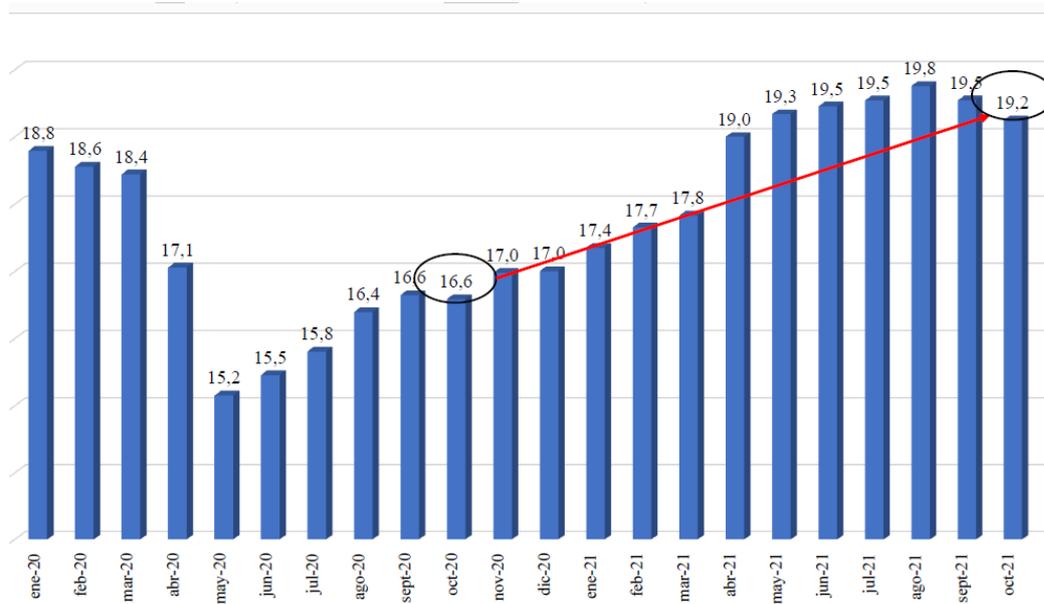
Fuente: elaboración propia con datos de INE (2do. Trimestre 2022) y CNIME (diciembre 2021)

A pesar del sostenido crecimiento de la industria maquiladora en términos de exportación, aún se encuentra muy lejos representar un porcentaje importante dentro de la fuerza de trabajo ocupada en el sector secundario. En el gráfico 5, es posible ver la evolución de la cantidad de personas empleadas desde enero del 2020 hasta octubre del 2021. En abril y mayo del 2020 es donde más se resintió el impacto del paro generado por la pandemia, ya en junio se muestra un leve crecimiento para finalmente superar a los niveles pre pandémicos en abril del 2021.

En cuanto al empleo de trabajadores por rubro en las maquilas, son los sectores de autopartes y confección y textiles los que más personas emplean, el sector de autopartes emplea a 5.748 personas, y el de confección y textiles emplea a 5.527 personas, juntos emplean al 58,5 % de todos los empleos en las maquiladoras (ver gráfico 6) (CNIME, diciembre 2021). Los demás 16 rubros que aparecen en el gráfico emplean a 7.974 personas, 41,4 % del total.

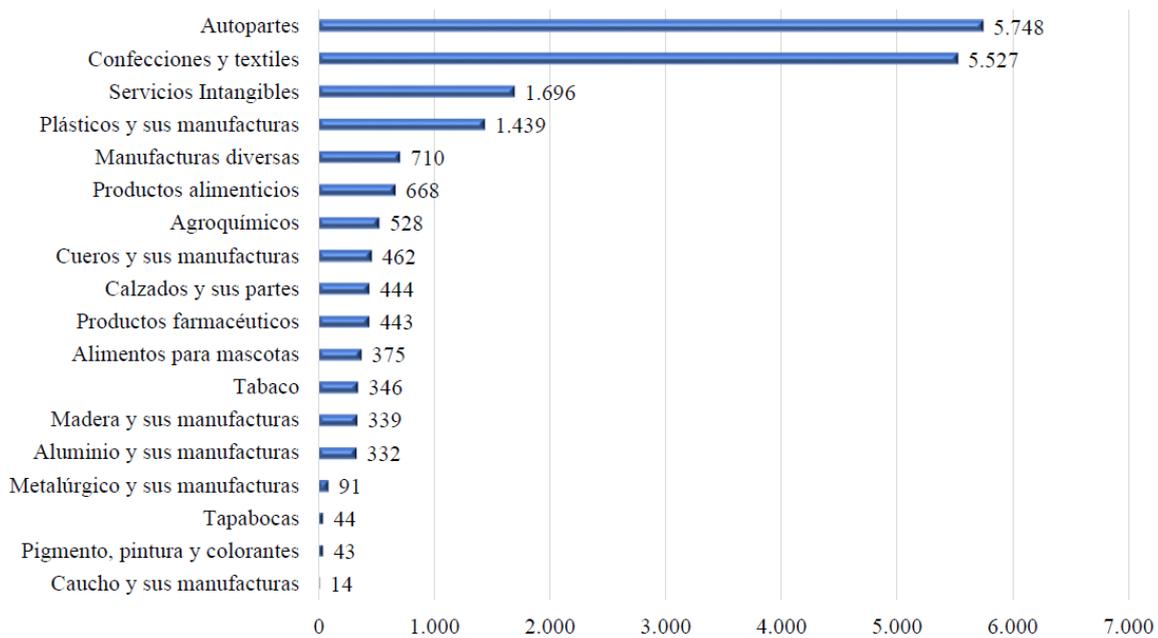
<sup>75</sup> Los datos del INE (2do. trimestre 2022) no incluyen a los departamentos de Boquerón y Alto Paraguay.

Gráfico 5 – Cantidad de trabajadores en las maquiladoras (en miles)



Fuente: CNIME (diciembre 2021)

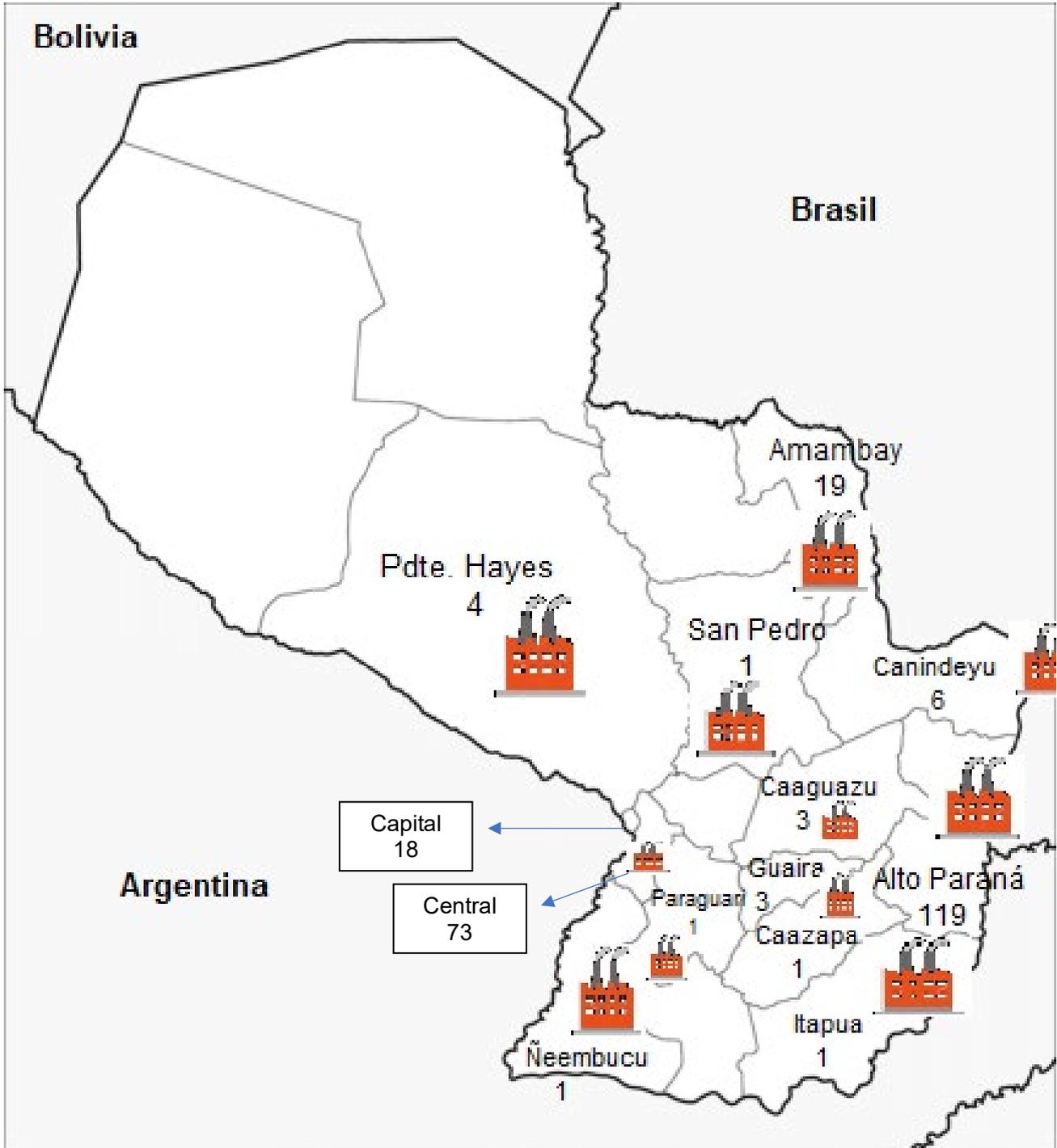
Gráfico 6 – empleo de trabajadores por rubro (octubre 2021)



Fuente: CNIME (diciembre 2021)

### 2.2.7 Ubicación de las maquilas

Figura 3- Distribución de las maquilas en el territorio nacional



Fuente: elaboración propia con datos de CNIME (junio 2022)

Como mencionado previamente, el marco legal de las maquilas en Paraguay no impone ningún tipo de restricción en cuanto a la ubicación geográfica, por lo que las maquilas tienen entera libertad para instalarse en cualquier parte del territorio nacional. En ese sentido,

es posible apreciar ciertas características y tendencias. En primer lugar, encontramos que existen dos polos centrales de atracción de las maquilas, por un lado, la región del este del país, con frontera brasileña, y por el otro, la región central, con frontera argentina. El primero, con los departamentos de Alto Paraná, Canindeyu y Amambay, agrupan un total de 144 plantas maquiladoras, el 57,6 % del total; el segundo, con el departamento central y ciudad capital agrupan 91 plantas maquiladoras, el 36,4% (CNIME, junio 2022).

En relación a la generación de empleos, la región Este generó, en principio, 9.130 puestos de trabajo (según los programas aprobados por el CNIME<sup>76</sup>), sin embargo, según la planilla de IPS<sup>77</sup>, hasta junio del 2022 concentraba a 7.613 personas, el 36% del total, una reducción del 16%. La región Central, según los proyectos aprobados, generó 8.199 puestos de trabajo, sin embargo, según la planilla de IPS, emplea actualmente a 12.446 personas, el 59% del total, lo que significó un aumento de 51%. De esta forma, mientras que la región Este concentra el 57,6 % de las plantas maquiladoras y el 36% de la fuerza de trabajo, la región Central concentra el 36,4% de las plantas maquiladoras y el 59% de la fuerza de trabajo.

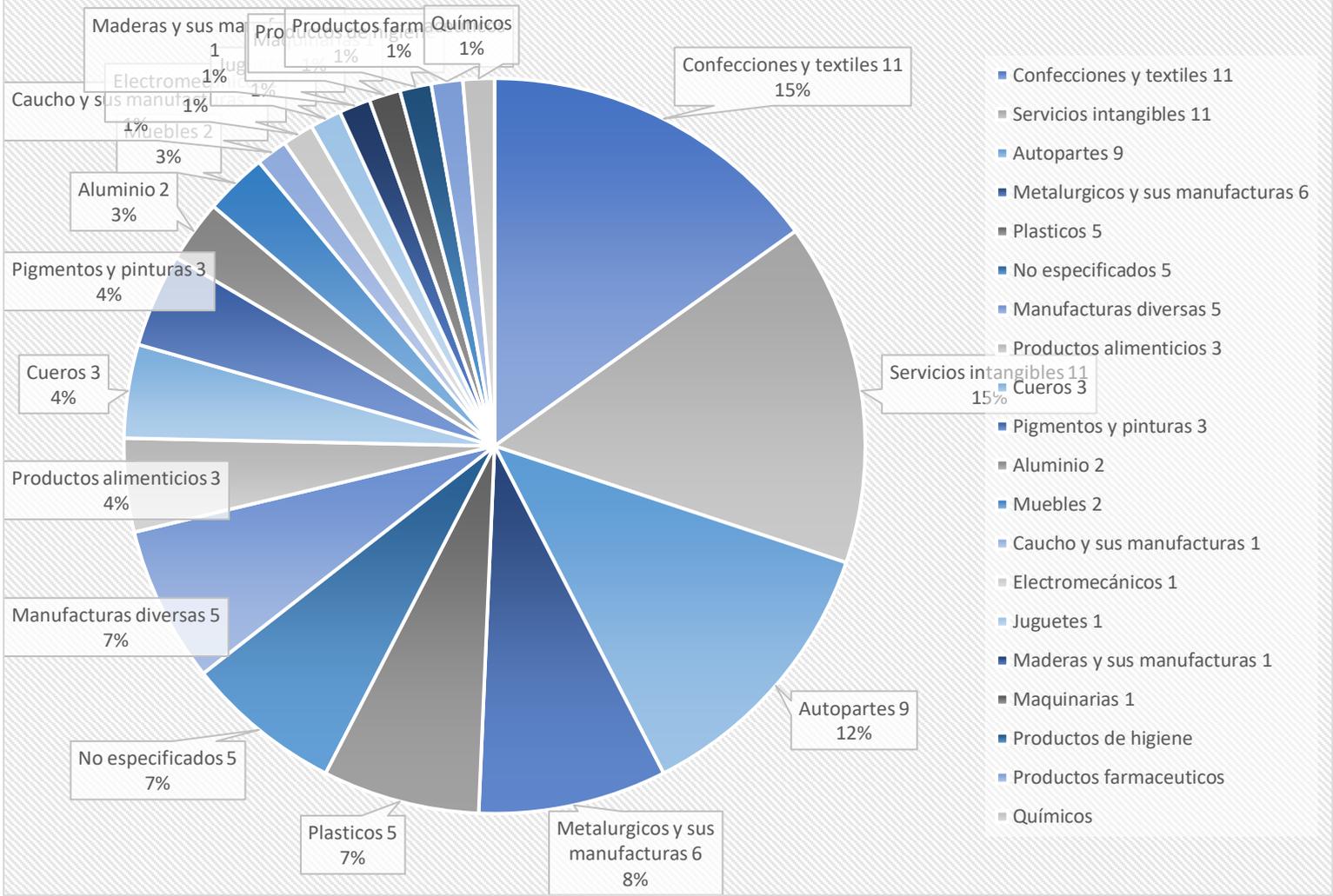
Según los gráficos N° 7 y 8, podemos ver que los rubros de textil y plásticos se han instalado principalmente en la región este del país. Autopartes se ha instalado casi en la misma cantidad tanto en el este como en la región central mientras que el rubro de servicios intangibles se ha instalado solamente en la región central, específicamente en la capital del país.

---

<sup>76</sup> Las empresas que desean instalar una planta maquiladora, deben presentar una solicitud que incluya datos como el monto de la inversión, origen del capital, país de la matriz, cantidad de empleos a generar, etc. por lo que la cantidad actual de trabajadores de la maquila solo es posible saber a partir de los datos del Instituto de Previsión Social (IPS).

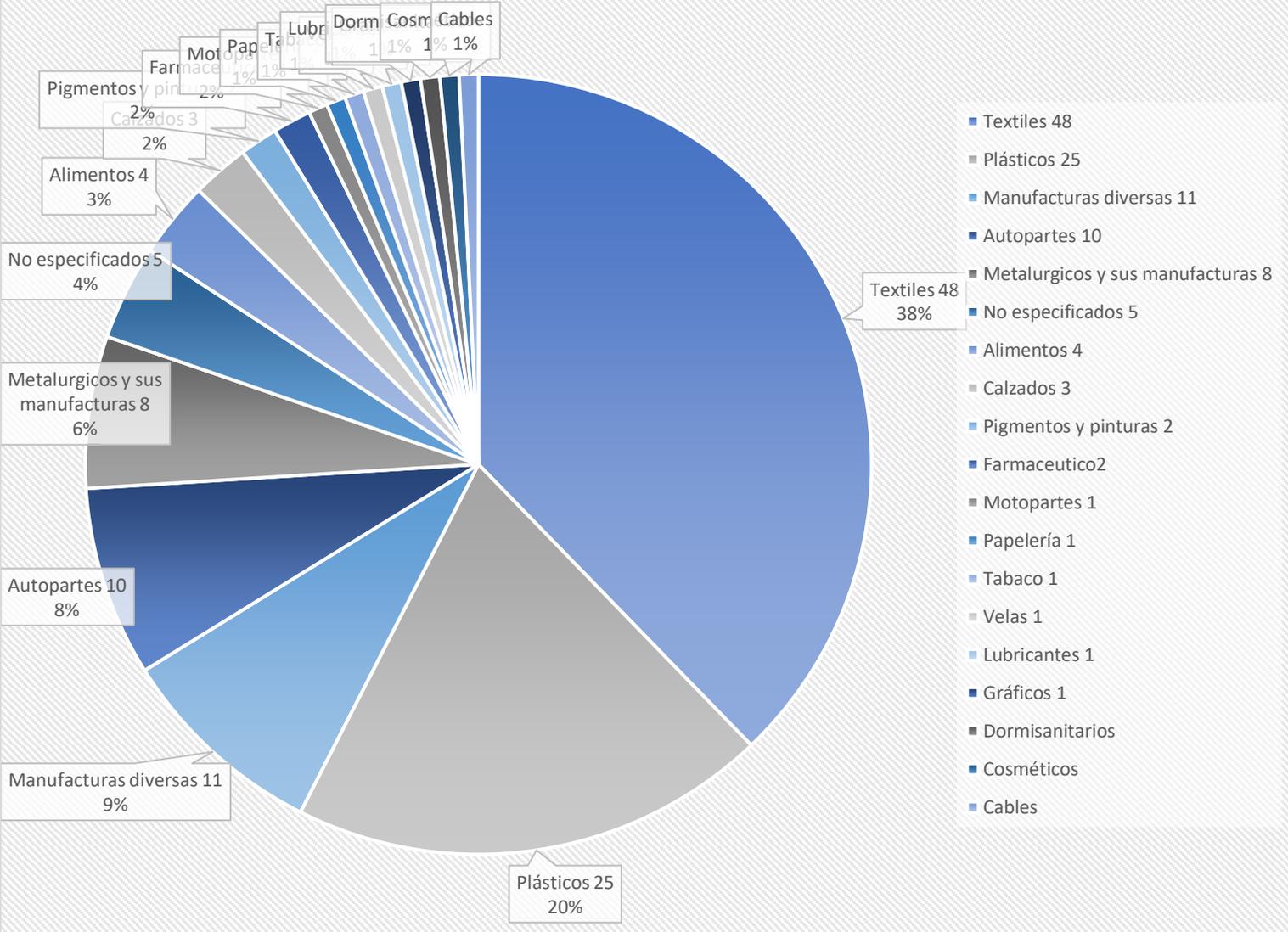
<sup>77</sup> El Instituto de Previsión Social (IPS) es el seguro social de los trabajadores. Es obligación de la patronal asegurar a todos los funcionarios.

Gráfico 7 - Tipos de plantas maquiladoras en la región central



Fuente: elaboración propia con datos del CNIME (setiembre 2020)

Gráfico - 8 Tipos de plantas maquiladoras en la región este



Fuente: elaboración propia con datos de CNIME (setiembre 2020)

### 2.2.8 País de la matriz

Según datos del CNIME (noviembre 2020), de las 220 maquiladoras que había hasta esa fecha, 162 tenían a Brasil como país de la matriz, esto es el 73,6% del total. A su vez, la mayoría de estas plantas están asentadas en la región este del país, específicamente 113, el 70%, en otras palabras, una gran parte de las plantas maquiladoras instaladas en territorio nacional tienen la matriz en Brasil y, a su vez, la mayoría de estas se encuentran instaladas en la región Este del país (la que tiene frontera justamente con Brasil). Los otros países importantes en cuanto a país matriz son Uruguay (16) y Argentina (11) con una cantidad muy inferior a la brasileña (ver tabla N°5).

Tabla 5 – Cantidad de plantas por país de matriz

<b>País de la matriz</b>	<b>Cantidad de plantas</b>
Brasil	162
Uruguay	16
Argentina	11
EEUU	9
China	3
Chile	2
España	2
Hong Kong	2
Paraguay	2
Bolivia	1
Islas Vírgenes británicas	1
Italia	1
Líbano	1
Luxemburgo	1
Malasia	1
Panamá	1
Polonia	1
Portugal	1
Venezuela	1
No especificado	1
<b>Total</b>	<b>220</b>

Fuente: Elaboración propia con datos del CNIME (noviembre 2020)

## 2.2.9 Sector textil

Como mencionado previamente, el rubro textil es el que más plantas maquiladoras tiene en el territorio nacional, 72 hasta noviembre del 2020 (CNIME, noviembre 2020). Entre los años 2001 y 2007 se aprobaron 3 proyectos de maquilas textiles, desde el 2008 hasta noviembre del 2020 un total de 69, a un ritmo de 5.3 proyectos aprobados por año. A su vez, del total de las maquilas textiles, el 86% tiene en Brasil su país matriz y el 72% se encuentra instalado en la región del este del país<sup>78</sup> (ver tabla N° 6)

Tabla 6 - Plantas textiles, cantidad, país de la matriz y ubicación geográfica

Año	Cantidad		Matriz						Ubicación						
	Total de proyectos de maquilas aprobados	Textil	BRA	URY	CHN	I. V.*	USA	ARG	A.P.**	Central	Ñeembucu	Amambay	Canindeyu	Guaira	Itapua
2001	3	1	....	1	....	....	....	....	.....	1	....	....	....	....	....
2002	1	1	....	1	....	....	....	....	.....	1	....	....	....	....	....
2005	5	1	....	1	....	....	....	....	.....	1	....	....	....	....	....
2007	2	....	....	....	....	....	....	....	.....	....	....	....	....	....	....
2008	6	5	3	1	....	1	....	....	4	1	....	....	....	....	....
2009	4	2	....	1	....	....	1	....	1	1	....	....	....	....	....
2010	2	....	....	....	....	....	....	....	.....	....	....	....	....	....	....
2011	8	2	2	....	....	....	....	....	1	.....	1	....	....	....	....
2012	13	5	4	....	1	....	....	....	3	2	....	....	....	....	....
2013	14	6	6	....	....	....	....	....	3	3	....	....	....	....	....
2014	24	6	6	....	....	....	....	....	4	2	....	....	.....	....	....
2015	22	7	7	....	....	....	....	....	3	.....	....	2	2	....	....
2016	22	4	4	....	....	....	....	....	4	.....	....	....	....	....	....
2017	24	8	7	....	....	....	....	1	3	2	....	2	....	1	....
2018	32	6	6	....	....	....	....	....	6	.....	....	....	....	....	....
2019	33	9	8	....	....	....	....	1	6	1	....	1	.....	....	1
2020	29	9	9	....	....	....	....	....	7	....	....	.....	2	....	....
<b>Total</b>	<b>244</b>	<b>72</b>	<b>62</b>	<b>5</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>45</b>	<b>15</b>	<b>1</b>	<b>5</b>	<b>4</b>	<b>1</b>	<b>1</b>

Fuente: Elaboración propia con base a datos de Secretaria Técnica de Planificación de Desarrollo Económico y Social (STP) (2017) y el Consejo Nacional de Industrias Maquiladoras de Exportación (CNIME noviembre 2020)

\* Islas Vírgenes Británicas

\*\* Alto Paraná

Vemos, de esta manera, que el sector textil se encuentra ligado fuertemente al mercado brasileño y se encuentran instalados en su mayoría en la región este del país.

<sup>78</sup> Como ya mencionamos previamente, cuando nos referimos a la región este del país nos referimos a los departamentos de Alto Paraná, Amambay y Canindeyu.

### 2.2.10 Alto Paraná

Como es posible apreciar tanto en la figura 3 como en la tabla 6 es la región de Alto Paraná la más relevante en la región este del país. Alto Paraná es el departamento con mayor cantidad de proyectos de maquila aprobados y el que más puestos de trabajo genera.

Tabla 7 - Indicadores por departamento (datos acumulados de 2001 al 2022)

Departamento	Cantidad de plantas	%	Puestos de trabajo según planilla de IPS	%
Alto Paraná	119	48	6.933	33
Amambay	19	8	610	3
Caaguazú	3	1	56	0
Caazapá	1	0	62	0
Canindeyú	6	2	70	0
Capital	18	7	2.855	14
Central	73	29	9.591	46
Guaira	3	1	35	0
Itapuá	1	0	34	0
Ñeembucú	1	0	5	0
Paraguarí	1	0	134	1
Pdte. Hayes	4	2	126	1
Santo Pedro	1	0	539	3
<b>Total</b>	<b>250</b>	<b>100%</b>	<b>21.050</b>	<b>100%</b>

Fuente: elaboración propia con datos de CNIME (junio 2022)

A diferencia del caso mexicano, no contamos con muchos datos que podrían ser relevantes para comprender mejor el desempeño de la maquila en el mercado nacional, estos son, por ejemplo, la cantidad de bienes consumidos por las maquilas provenientes del mercado nacional, la planilla de salarios de todos los trabajadores, cuántos trabajadores técnicos son movilizados por las maquilas, etc.

## **CAPÍTULO 3 – CLASE TRABAJADORA EN LAS MAQUILAS TEXTILES**

### **3.1 CONTEXTO MARCADO POR LA PRECARIEDAD**

Así como mencionado previamente, el motivo central que anima el presente trabajo - y uno de sus objetivos generales- es el de conocer las condiciones de trabajo de la clase trabajadora de las maquilas textiles en el departamento de Alto Paraná, esto implica no solo conocer las condiciones específicas de sus vidas laborales, sino también, los condicionamientos materiales externos al lugar de trabajo y así, a través de eso, comprender sus categorías de pensamiento y modelos de comportamiento. Esto es así dado que existe una conexión ineludible entre, por un lado, las condiciones materiales y subjetivas de reproducción de la fuerza de trabajo y, por el otro, la actividad laboral.

En ese sentido, las evidencias encontradas y analizadas a lo largo de la presente investigación, han sugerido la necesidad de analizar el marco más general de la reproducción de la fuerza de trabajo empleada en las maquilas. Siguiendo esta línea, en este apartado abordaremos aspectos generales y específicos que han marcado a los trabajadores entrevistados más allá de los muros de las plantas textiles, para ello, recurrimos a una breve presentación de la historia de vida -y circulación- de alguno de ellos y un breve análisis de los principales fenómenos transversales.

Dada las características del mercado laboral en la economía paraguaya en general, marcada por escasas actividades laborales que aportan una estabilidad a largo plazo, la circulación de la fuerza de trabajo es un elemento transversal a la clase trabajadora paraguaya en general, esto es, la itinerancia entre varios puestos de trabajos y el desempleo. Esto también es válido para los trabajadores de las maquilas textiles, quienes se encuentran en constante circulación, ya sea entre las mismas maquiladoras o entre otras actividades laborales y el desempleo. Esta circulación, en algunos casos, ha implicado la migración del campo a la ciudad, así como a otros países de la región.

Otros de los elementos transversales y que tiene relación con la circulación, es que la gran mayoría de las actividades laborales por las cuales los trabajadores han circulado han sido muy precarias, con jornadas laborales superiores al máximo legal vigente sin el pago de las horas extras, salarios por debajo del salario mínimo legal vigente (SMLV), sin seguridad social, intensidad del trabajo, etc.

### 3.1.2 Circulación de trabajadores

Cuando decimos “circulación de trabajadores”, nos estamos refiriendo al tránsito que existe entre un puesto de trabajo y otro, así como los periodos de no-trabajo que intermedian estos pasos<sup>79</sup>. Los periodos donde la fuerza de trabajo no se encuentra ocupada, integra el ejército industrial de reserva o superpoblación relativa (MARX, 2017, p. 716). Si bien, no existen datos en Paraguay que den cuenta de la poca incidencia de puestos de trabajo para toda la vida, o sea, del alto grado de circulación de trabajadores, la historia de vida de los trabajadores entrevistados sugiere fuertemente que esta es una situación generalizada.

En ese sentido, uno de los primeros aspectos llamativos con el cual me deparé en el contacto con los trabajadores de las maquilas textiles es el hecho de su constante circulación. Las maquiladoras textiles no aportan una perspectiva laboral a largo plazo, esto debido a, por un lado, la movilidad misma de la planta maquiladora, que puede cerrar sus puertas en cualquier momento (ya sea para mudarse de lugar, pausar la producción por un tiempo, o bien, cerrar definitivamente sus actividades en el país<sup>80</sup>) y, por el otro, a la política misma de gestión de funcionarios, como veremos más adelante.

De esta manera, entre los trabajadores de las maquiladoras textiles, se encuentra una gran variedad de personas con diversos historiales de trabajos previos a pesar de ser, la gran mayoría de los entrevistados, personas jóvenes. Una de las características evidente a simple vista en los horarios de salida de las maquilas visitadas es, justamente, la juventud de los trabajadores<sup>81</sup>. En regla general, es difícil encontrar a trabajadores con más de 30 años. De los 16 trabajadores entrevistados, doce tienen entre 22 a 24 años, tres tienen entre 30 a 39 años y uno tiene 42 años.

---

<sup>79</sup> Es importante agregar que esta circulación no implica necesariamente una dislocación física. Una mercadería puede circular sin moverse de su lugar, es el caso de, por ejemplo, los inmuebles, que al ser vendido del propietario A al propietario B, ciertamente ha circulado como mercadería, aunque “*não sai para passear*” (MARX, 2014, p. 229). Lo mismo ocurre con otros bienes muebles en donde lo que circula verdaderamente es el título de propiedad sobre el mismo: “Valores-mercadorias móveis, como algodão ou ferro-gusa, jazem no mesmo depósito de mercadorias, ao mesmo tempo que percorrem dezenas de processos de circulação, sendo comprados e vendidos pelos especuladores. O que realmente se move é o título de propriedade sobre a coisa, não a coisa em si.” (*idem*). En ese sentido, al ser la fuerza de trabajo también una mercadería, esta también circula en el mercado de trabajo.

<sup>80</sup> Los datos referentes a mudanza y cierre de las plantas maquiladoras han sido aportados por los mismos trabajadores, ya que las informaciones de las instituciones públicas referentes al tema, en muchas ocasiones, o no son precisas, o no están actualizadas.

<sup>81</sup> Veremos, más al frente, en qué circunstancias las personas de mayor entran a trabajar en las maquilas textiles.

Entre los trabajadores jóvenes de 22 a 24 años, encontramos una gran trayectoria de trabajos previos a pesar de la juventud. Andres, trabajador de Planta A, con tan solo 23 años, ha pasado ya por 5 trabajos distintos. Comenzó a los 16 años, cuando aún era estudiante secundario, razón por la cual asistía al colegio por las noches. Trabajaba en un estudio contable donde su salario era solo el 61% del salario mínimo legal vigente, su jornada regular era de 10 horas y a veces se extendían algunas más. Una vez terminó el colegio, comenzó la universidad que, finalmente, tuvo que dejar, dado que, según él “(...) había mucho trabajo y, yo trabajaba, y a veces no daba tiempo”, agregó más:

(...) a veces solía salir a las 18 y eso, ya no me daba más tiempo, tenía muchísimo trabajo, teníamos mucho cliente y a veces ya no daba tiempo... y yo me iba a la facultad las 19... las 18:30, después ya era difícil, se acumulaba la tarea y ya no había caso de hacer. (Andres)

En esas condiciones trabajó durante 5 años, hasta los 21 años. Posterior a eso, pasó 7 meses sin trabajo para luego trabajar como albañil, donde trabajó durante 5 meses. Su jornada regular era de 11 horas por día y su salario era levemente superior al trabajo anterior, aunque aún inferior al mínimo legal. Como su novia se encontraba trabajando en Planta U, una maquiladora de elaboración de plásticos, fue a entregar sus papeles y fue contratado<sup>82</sup>. En esta maquiladora fue donde por primera vez ganó un salario mínimo, además del seguro social. El trabajo era intenso, sin embargo, se cumplían las 48 horas semanales y no había tratos hostiles<sup>83</sup>, allí trabajó durante 1 año 5 meses, fue despedido cuando la patronal se enteró que él y su novia –también funcionaria- se habían casado, ya que una de las reglas de esta planta maquiladora era la prohibición de que dos personas con conexión familiar cercana trabajen en la misma empresa. Luego de un mes sin trabajo, finalmente llegó a Planta A, la maquiladora textil donde está trabajando actualmente. Posterior al reinicio de actividades, luego del paro ocasionado por la cuarentena por la pandemia del Covid-19, la producción en la maquiladora textil se redujo tanto, que la patronal acortó las horas de trabajo en la semana, lo que también redujo el salario. Mientras duró este proceso, trabajó por las noches en una hamburguesería para intentar paliar

---

<sup>82</sup> Es importante resaltar acá la importancia de los lazos sociales/familiares para conseguir trabajo. Absolutamente todos los trabajadores entrevistados consiguieron sus trabajos a través de algún familiar o amigo. Volveremos a este punto más adelante.

<sup>83</sup> Dos de los trabajadores entrevistados han pasado por esta maquiladora de producción de plásticos. Si bien, ambos reconocen que el trabajo era intenso, los mismos también afirmaron que allí se cumplían las normas laborales. Sin embargo, dirigentes sindicales entrevistados mencionaron que muchos trabajadores habían denunciado que, al momento del paro por la pandemia, habían sido despedidos sin el cobro de los haberes correspondientes. Algo similar le ocurrió a Felipe, actual trabajador de la maquiladora textil Planta A, quien también llegó a trabajar allí unos meses. Él fue despedido antes de la finalización de su contrato sin el pago correspondiente en concepto de liquidación, por lo que tuvo que contratar un abogado. Finalmente llegó a un acuerdo y cobró el 70% de lo que le correspondía.

el problema de los ingresos disminuidos. Le gustaría estudiar veterinaria, pero no puede hacerlo por el costo económico y exigencia de tiempo que implica.

Oscar, trabajador de la maquiladora textil Planta C, con tan solo 20 años, ha pasado por 4 trabajos. Hijo de campesinos, comenzó a trabajar a los 13 años en la chacra familiar en la ciudad de Caaguazú, más tarde, migró a la ciudad en busca de mejores condiciones de trabajo<sup>84</sup>. Fue a trabajar en un taller textil en Ciudad del Este, donde se encontraba su hermana, quien, además de interceder en su favor para ingresar a trabajar en el taller, fue quien le enseñó el oficio de costurero. Una vez llegó la pandemia y el paro por la cuarentena, fue despedido y tuvo que volver a su trabajo en la chacra. Más tarde, a través de un amigo de su ciudad natal, fue a trabajar en talleres textiles en la ciudad de Sao Paulo, Brasil<sup>85</sup>, donde la jornada de trabajo era regularmente de 16 horas por día. Allí trabajó por 4 meses, hasta que llegó a la maquiladora textil Planta C a través de la intervención de su conuñado, funcionario de la planta. Piensa a la maquila como un trabajo temporal, tiene planes de ahorrar y, algún día, ser dueño de una carnicería.

En esa misma línea, Pedro, de 23 años, ya ha pasado por 6 puestos de trabajo. Aun siendo adolescente, comenzó trabajando en la huerta familiar en la ciudad de O'leary. Cuando tenía 15 años, migró con toda la familia a Ciudad del Este en busca de mejores oportunidades de vida. Mientras su madre trabajaba en un puesto gastronómico, él fue pasando por varios puestos de trabajo a la par que continuaba sus estudios de la secundaria. Primero trabajó como ayudante de albañil, donde solo estuvo 3 meses ya que el pago, además de ser muy inferior al mínimo legal vigente, era muy irregular. Luego trabajó con un tío que compraba productos electrónicos en Ciudad del Este y vendía en todo el país, allí también solo trabajó 3 meses, de ahí, pasó a trabajar en un puesto de comidas en el centro de Ciudad del Este, donde trabajó durante 2 años. Buscando un mejor salario, pasó a trabajar en un restaurante, también en el centro de Ciudad del Este, donde trabajó durante 4 años. La jornada de trabajo en ambos lugares excedía regularmente las 48 horas semanales sin pagos compensatorios, así mismo, el salario oscilaba entre el 60% y 65% del mínimo legal vigente. Siguiendo los consejos de un amigo que trabajaba en la maquiladora textil Planta B, fue a presentar sus papeles allí y fue aceptado. Actualmente se encuentra trabajando ahí ya hace 2 años. En sus ratos libres, continúa trabajando con su tío en la venta de aparatos electrónicos. Fue en la maquiladora donde por

---

<sup>84</sup> Más adelante tocaremos más detalladamente el fenómeno de la migración del campo a la ciudad ya que una parte importante de los entrevistados ha pasado por la misma situación.

<sup>85</sup> Más adelante tocaremos más detalladamente este fenómeno.

primera vez ganó un SMLV y accedió al seguro social. Piensa que la maquila donde está trabajando no es un trabajo donde pasará mucho tiempo, su objetivo a largo plazo es criar ganado en el campo y tener una carnicería en la ciudad.

Juan, también de 23 años y actual trabajador de la maquila textil Planta B, ha pasado por 4 trabajos distintos. Comenzó a los 13 años trabajando en la chacra familiar en la ciudad de Mbuyapey, mientras su padre trabajaba como capataz en una estancia. Cuando cumplió 18 años migró a la Argentina para trabajar. Allí se encontraba una hermana y un tío. Trabajó con el tío durante un año en varios rubros, principalmente relacionados a plomería. Como él quería estudiar en la facultad y la situación de sus papeles le impidió hacerlo en el vecino país, volvió a Paraguay, pero ya no a su ciudad de origen, sino a Ciudad del Este, donde estaba otra hermana hacía ya algunos años trabajando. Fue a trabajar en una maquiladora de producción de luminarias a través del contacto de su hermana con una funcionaria de recursos humanos de la maquiladora. Finalmente, sí pudo comenzar a estudiar enfermería, pero tuvo que dejarlo porque la facultad requería mucho más tiempo del que su trabajo le permitía. En la maquiladora de producción de luminaria trabajó por un año y 9 meses, el trabajo allí comenzó a ser irregular debido a la disminución de las ventas y pasaron a trabajar por temporadas hasta que se le informa que la planta cerraba definitivamente y que se les iba a llamar en algún momento si volvía a tener pedidos. El problema fue que la planta no pagó la liquidación a ninguno de los trabajadores además del hecho de que debía 2 meses de salario a todos los trabajadores. Luego de 4 meses de demanda y muchas manifestaciones en lugares públicos y con llamados a la prensa, consiguieron cobrar el 50% de lo que debían cobrar. Mientras él y sus compañeros se organizaban para la demanda colectiva y las manifestaciones, fue a buscar trabajo en la maquiladora textil Planta B, donde finalmente se encuentra trabajando hace dos años. Así como los anteriores, para él, el trabajo en la maquila no es un proyecto a largo plazo, no quiere depender de este salario porque puede perderlo en cualquier momento, por lo que está en sus planes estudiar cursos para trabajar como electricista, algo que le permitiría tener más tiempo y tal vez volver a la universidad.

Helena, de 24 años, ha pasado por tres trabajos distintos. En su primera infancia, luego un intenso recorrido migratorio entre Argentina, Brasil y Paraguay, acabó pasando su infancia y parte de la adolescencia en la ciudad paraguaya de Villarrica, con sus abuelos, mientras su padre trabajaba en Argentina. En el contexto de la crisis económica en la Argentina, su padre regresa a Villarrica para volver a trabajar la chacra y cría de animales, la principal actividad

económica de sus padres. El padre de Helena fue asesinado y ella migró a Ciudad del Este a casa de una tía en busca de mejores horizontes. A los 16 años comienza su primera experiencia laboral como trabajadora doméstica “sin retiro”, esta expresión es utilizada en Paraguay para referir a trabajos donde el trabajador doméstico vive en la casa del empleador y solo puede salir los fines de semana. En este primer trabajo, se encargaba de cuidar a dos niños y de los quehaceres de la casa con la salvedad de que, en muchas ocasiones, no podía salir ni siquiera los fines de semana. Debido a esta situación, no pudo continuar sus estudios de secundaria. Dada las condiciones de trabajo que implicaban una extensión de la jornada mucho más allá de lo legalmente permitido además de la intensidad del trabajo, buscó otro puesto laboral. Consiguió trabajo otra vez como cuidadora doméstica sin retiro, pero, en este caso, podía salir los fines de semana y tenía la oportunidad de continuar sus estudios durante la noche. En ambos trabajos su salario era inferior al mínimo legal vigente, llegando a oscilar entre el 65% y 70% del mismo. Presentó sus papeles en la maquiladora textil Planta B, ya que una amiga le había sugerido, y fue contratada. En este trabajo fue donde por primera vez ganó un SMLV y accedió a seguro social. Trabajó durante 4 años y 8 meses hasta que fue despedida irregularmente mientras se encontraba en proceso de creación de un sindicato, tema al que volveremos más adelante.

La experiencia de Felipe, de 39 años, es peculiarmente interesante porque, dada su edad, muestra en un periodo de tiempo más amplio la gran variedad de trabajos por los cuales pasó, dando, de esta manera, una imagen un poco más amplia de la circulación de los trabajadores. Sus padres provienen de ciudades del campo, migraron a Ciudad del Este en la década del 80. Mientras el padre trabajaba de albañil, la madre se encargaba de cuidar a los 7 hijos. Comenzó a trabajar aún en la niñez, cuando tenía 11 años:

Siempre batallé<sup>86</sup>, desde mita'í<sup>87</sup>, desde los 11 años, por el centro, trabajaba con los compristas, como dicen los brasileros, “moambero” o algo así, con ellos, trabajaba con mi hermano, trabajábamos ahí, después se fue con nosotros mi papá, vio que nosotros ganábamos, ganábamos, entonces él liquidó su trabajo, o renunció, o algo así, y se fue a trabajar con nosotros. Ésta casa es gracias a eso, este, todo esto, todo esto es gracias a eso, porque el tema es que mi papá se fue trabajar con nosotros, él ya era, como se dice, el patrón otra vez entre nosotros, nosotros, los tres trabajábamos, mi hermano mayor, y mi papá, entonces trabajábamos, y lo que ganábamos él juntaba todo y nos daba un porcentaje a nosotros y el resto él guardaba, tengo el privilegio de decir que mi papá no toma, no fuma, es un señor ejemplar. (Felipe)

---

<sup>86</sup> “Batallé”, neologismo popular proveniente de la palabra en español “batalla”, y que se refiere a enfrentar alguna situación de forma dificultosa, con esfuerzo. En este caso, significa que trabajó esforzadamente desde esa edad.

<sup>87</sup> “Mita'í”, palabra en guaraní que significa “niño”.

Felipe comenzó trabajando en el centro comercial de Ciudad del Este de “moambrero” con los “compristas”, -quienes son, en este caso, brasileños que vienen a comprar mercaderías de Ciudad del Este. El trabajo consiste, básicamente, en introducir mercaderías a Brasil de forma irregular, esto es, sin el pago de los aranceles impositivos correspondientes<sup>88</sup>. Su padre, viendo que en este rubro había oportunidades de ingresos más importantes, dejó su trabajo de albañil para armar un equipo de trabajo con sus hijos y, con ello, pudo finalmente construir la casa familiar que fue, justamente, donde fue realizada la entrevista. Debido a las presiones de su madre para que buscara otro trabajo por la peligrosidad que implicaba algunos aspectos de esta actividad, consiguió trabajo en una farmacia, a los 16 años. Allí no trabajó mucho tiempo ya que el horario le impedía llegar a hora al colegio, que siempre lo cursó durante la noche, así que volvió a su trabajo en el centro con su hermano y padre. De esta forma trabajó durante muchos años más. Con el tiempo, la asociación con su padre y hermano se diluyó y cada uno continuó trabajando “con sus patrones” pasando en canoas mercaderías a través del río Paraná al Brasil. Finalmente, dejó este trabajo debido a que sufrió dos asaltos importantes donde su vida corrió peligro. Pasó a trabajar como funcionario en una cancha sintética cerca de su casa. Tanto en la farmacia como en esta cancha sintética, tenía jornadas de trabajo superiores a las 48 horas semanales con salarios inferiores al mínimo legal vigente. Allí trabajó durante 5 años, luego, fue a trabajar a Planta U, una maquiladora de producción de plásticos. Aunque firmó un contrato por 5 meses, fue despedido a los 3 meses. En principio, no le quisieron pagar su último salario y tampoco lo correspondiente a la indemnización. En el siguiente relato vemos la reacción de Felipe ante tal situación y la respuesta que recibió de la patronal que, a su vez, muestra varios elementos que caracterizan al mercado laboral en Alto Paraná:

Después “sin problema le dije” y me fui, le denuncié allá en el Ministerio, y yo le dije así “mira... más o menos 6 millón me tenés que dar” y me miró así [hizo una expresión de asombro] “no, este nomas es tu... vos firmaste un contrato...”, “el contrato vos no cumpliste” le dije, “uno es eso” le dije, “y vos me querés dar mi salario 2 millón 250” creo que era... “y tráeme un bolígrafo y un papel te voy a hacer” le dije, me miró así “qué vos sabés de eso” me dijo, “sé”, le dije, “yo trabajé en varias partes... la vida me enseñó ya muchas cosas”, le dije, “traéme acá un papel y un bolígrafo, te voy a hacer”, le dije, “aguinaldo proporcional, vacación proporcional, todo eso suma, incumplimiento de contrato también otra vez, así”, y 6 millón 200 alcanzó, y en el Ministerio salió 6 millón 250, “y este lo que te alcanza” me dijo, ahí en el ministerio, bueno y después me dijo “enegocia hendivkeuera” [negociá con ellos] me dijo “porque ombopukuta ndehogui hikuai ha nde eimene eitekoteve hina” [porque ellos dilatarán el proceso y seguramente vos estás necesitando el dinero] y se fue, el brasilero me pidió por favor para que me vaya nomas a cobrarle ahí en Planta U, para

---

<sup>88</sup> Este tipo de trabajo es bastante corriente entre las personas que viven y/o trabajan en Ciudad del Este. es frecuente escuchar que personas manifiesten que trabajan “pasando mercaderías”, o bien, directamente, en contrabando, sin que ello acarree algún tipo de valoración social peyorativa. Es, en definitiva, una actividad económica más, entre otras, realizadas abiertamente por trabajadores de Ciudad del Este.

que no me vaya en el Ministerio porque le van a enchufar<sup>89</sup> no sé qué, después, negociamos y, después me dijo “te voy a dar 4 millón y vamos a arreglar” “no”, le dije, “yo quiero todo mi dinero”, “no puedo pagarte toda esa suma” así estuvimos, y me llamó el abogado y me dijo, me sacó afuera y me dijo “enegocia hendive, eacepetá chugui pe 4... 4 y medio mba’ e ya pea ndereperdeveima” [negoció con él, aceptó esos 4 y medio, eso ya no lo perderás] he’i che [me dijo], le pedí 5, me dijo “te voy a dar 4 y medio,” y ya me contenté, con ese ya agarré. (Felipe)

Felipe, que para esa altura de su vida ya había circulado por varios puestos de trabajo, tenía los conocimientos básicos de sus derechos “que la vida le había enseñado”, y realizó la denuncia ante el Ministerio de Trabajo, Empleo y Seguridad Social (MTESS). En este caso, el Ministerio tiene una función mediadora, sin embargo, la respuesta de la patronal deja entrever algo mencionaremos con detalle más adelante: respondió que no recurra al Ministerio porque allá “le van a enchufar”, haciendo referencia a que allí le podrían cobrar más dinero. El funcionario del MTESS le sugirió que llegue a un acuerdo con la patronal y acepte un monto inferior al correspondiente porque, de lo contrario, la situación podría dilatarse mucho. Esta es la respuesta común recibida en esta instancia y, como veremos más adelante, es resultado de la poca capacidad de acción del mismo. Posterior a eso, y a través del direccionamiento de un amigo, trabajó en Cell Shop, una empresa de venta de productos electrónicos en el centro comercial de Ciudad del Este. Allí estuvo durante un año y dos meses hasta que fue despedido. En este lugar, si bien ganaba un poco más que el SMLV, su jornada de trabajo era superior al máximo legal y no recibía las compensaciones por las horas adicionales. Luego, a través de la gerenta, quien fuera una ex compañera de trabajo, llegó a la maquiladora textil Planta A, donde se encuentra trabajando hace dos años. Felipe no culminó sus estudios secundarios y pretende volver a estudiar para luego formarse en alguna profesión que le permita tener estabilidad, quiere tener un taller de motocicleta.

Gonzalo de 32 años, trabajador de la maquila textil Planta C, es otro de los trabajadores que provienen de ciudades rurales. Cuando tenía 21 años migró de Caaguazú a Asunción para estudiar y trabajar. Trabajó durante 3 años en una tienda de ropas. Comenzó la carrera de enfermería, pero la dejó en el segundo año dado que no podía dedicarle el tiempo suficiente que exigía la carrera. Su jornada de trabajo era regularmente superior a las 48 horas semanales y su salario inferior al SMLV. Mientras se encontraba trabajando allí, recibió la propuesta de una persona que había sido su vecino en su ciudad natal para trabajar en talleres textiles en la ciudad de Sao Paulo, Brasil. La aceptó y trabajó allí durante 5 años. Con el tiempo pasó de asistente

---

<sup>89</sup> La expresión “enchufar”, en este contexto quiere decir que le van a cobrar mucho dinero. Generalmente se utiliza en situaciones donde el cobro de dinero es irregular: extorsión o soborno.

de costura a costurero. No tenía un horario fijo de trabajo, pero como su pago se realizaba por prenda costurada, él trabajaba en jornadas de 14 a 15 hora diarias. De esta manera, conseguía ganar un salario superior al SMLV de Paraguay, además del hecho de que vivía y comía en la casa de su empleador sin pagar por el alquiler ni la comida. Su condición migratoria era irregular, por lo que no contaba con *carteira assinada* ni las prestaciones sociales correspondientes. Le gustaba trabajar ahí porque tenía la oportunidad de ganar un salario superior, sin importarle la cantidad de horas al día que debía dedicar<sup>90</sup>. Circuló por varios talleres textiles de características similares hasta que, por fin, decidió regresar a Paraguay ya que había dejado a una esposa y un hijo con los cuales quería volver a vivir. Su primer trabajo luego de su retorno fue en Avenpar, una maquiladora textil, llegó ahí mediante su suegra que vivía cerca de la planta y tenía contactos dentro. En ese lugar, trabajó durante un año y luego renunció debido a que siempre el pago del salario fue muy irregular, llegando al punto de no haber cobrado por tres meses. Además de eso, el trabajo era más intenso debido a que las presiones se imprimían externamente, esto es, dado que el salario y la extensión de la jornada eran fijas, los jefes ejercían constantemente presión para que la meta de producción diaria fuera alcanzada, a veces llegando a los malos tratos. A la pregunta de dónde había mejores condiciones de trabajo, si en los talleres de Sao Paulo o en Avenpar, respondió que en Sao Paulo:

Y porque ahí nadie te presionaba, nadie estaba encima de ti, no había encargado, nada, ahí vos podés tomar .... Lo que vos quieras, para desayunar, para almorzar, si querés tomar tereré tomá, si querés tomar mate tomá, si querés descansar un rato podés descansar. (Gonzalo)

A diferencia de los talleres de Sao Paulo, en las maquiladoras existen presiones y controles constantes para mantener el ritmo de producción lo más alto posible. No está permitido hablar, ni descansar fuera del horario destinado para el almuerzo. Una posible explicación de estas diferencias puede partir de la modalidad del pago (pago por producción) y al hecho de que vivía en el mismo predio del trabajo, lo que facilitaba enormemente la extensión de la jornada de trabajo y, a su vez, hacía innecesaria las presiones por parte de la patronal ya que el mismo trabajador buscaba mantener la producción lo más alto posible.

---

<sup>90</sup> Juliana Guanais (2018), en su libro "Pagamento por produção, intensificação do trabalho e superexploração na agroindústria canavieira brasileira" demostró, para el caso de los trabajadores cortadores de caña de azúcar, la conexión entre el tipo de pago denominado "pago por producción" o "pago por pieza" y la intensificación del trabajo. Este mecanismo de pago da la sensación de libertad al trabajador ya que, a mayor producción, mayor salario, por lo que el mismo trabajador aumenta, sin coacción física externa, el ritmo de trabajo y la extensión de la jornada.

Mientras que varios compañeros de trabajo se organizaron para realizar una demanda colectiva, y así intentar cobrar los tres meses de sueldo pendientes, él decidió seguir su camino y buscar otro trabajo. Consiguió un nuevo puesto en Napoli, una maquiladora de elaboración de calzados. Llegó ahí mediante una ex compañera de trabajo de Avenpar que se encontraba trabajando allí. En esta maquiladora solo trabajó 10 meses debido al paro y reducción de personal generado por el paro de la cuarentena por la pandemia del Covid-19. Estuvo 8 meses sin trabajo hasta que consiguió empleo en otra maquiladora textil. En este nuevo puesto de trabajo estuvo también 10 meses, renunció debido a los malos tratos que recibía. Las características del trabajo eran muy similares a Avenpar, la anterior maquiladora textil donde trabajó, sin embargo, los tratos eran peores. En ese contexto, Gonzalo, en algunas ocasiones, disminuía intencionalmente su ritmo de trabajo para así no llegar a la meta del día, esto como forma de represalia y manifestación de hartazgo ante los malos tratos:

Entrevistador: ¿Alguna vez pasó que vos no llegaste a la meta?

Gonzalo: Sí, algunas veces sí, cuando yo luego me hacía del ñembotavy<sup>91</sup>, porque che kuerai<sup>92</sup>.

Entrevistador: ¿eso quiere decir que vos hacías más despacio?

Gonzalo: Despacio... me levantaba y me iba al baño, no sé, cualquier cosa hacía.

Gonzalo: ¿eso hacías porque te cansaba... porque estabas cansado?

Cansado de ellos.

Un compañero de trabajo de esta maquiladora textil le había recomendado que busque trabajo en Planta C, otra planta textil. Este compañero le pasó el número de la responsable de RRHH, contactó con ella e inmediatamente fue contratado. Al momento de la entrevista, Gonzalo tenía dos meses de trabajo.

Don Esteban de 42 años, trabajador de la maquila textil Planta C, es la persona de mayor edad que hemos encontrado en las maquilas y, según los testimonios de todos los entrevistados y las observaciones realizadas en los puntos de encuentro y locales de salida de trabajadores, una de las pocas personas de esa edad trabajando en el rubro. Proviene de la zona rural de la ciudad de Coronel Oviedo, donde se dedicaba a producir la tierra. No terminó el colegio, según él, porque “(...) en la campaña no hay mucho plata... pobreza (sic). Por eso no

---

<sup>91</sup> “ñembotavy” palabra en guaraní que en español quiere decir “hacerse el tonto”, o bien, realizar algo de forma incorrecta adrede.

<sup>92</sup> “Che Kuerai” palabra en guaraní que en español quiere decir “estoy cansado o harto”.

terminé, además, no hay colegio, tampoco no hay”, agregó más que, para terminar, era necesario trasladarse a la ciudad y que su familia no contaba con las condiciones económicas para ello. A los 26 años migra a la ciudad de Buenos Aires para trabajar como estibador con un tío durante un año. Mediante intervención de familiares, consiguió trabajo en la maquiladora textil PLANTA H S.A. -una de las primeras maquiladoras instaladas en el 2008- y decidió volver a su país natal. En esta maquiladora trabajó durante 8 años, el periodo de trabajo más largo en una maquiladora textil del cual hemos tenido noticia. De esta maquiladora fue despedido con motivo de una progresiva reducción de personal en el marco de un proceso más amplio de decadencia que, finalmente, acabó con la quiebra de la empresa. En esta maquiladora el trabajo era bastante intenso y muchas veces no llegaban a la meta, sin embargo, era un buen trabajo para Don Esteban ya que se pagaban bonificaciones en las ocasiones donde sí se alcanzaban, lo que ayudaba a aumentar los magros ingresos del SMLV con el cual debía mantener su familia, integrada por su esposa y dos hijos menores. Luego, como varios trabajadores también liquidados de esta planta, fue a trabajar en otra maquiladora textil, América 1500, en esta ocasión trabajó durante 7 años. En la nueva planta textil las condiciones de trabajo eran más intensas ya que no solo las metas eran más altas, sino también el trato era muy malo, por un lado, y por el otro, las condiciones de infraestructura no eran las ideales, ya que contaba con un precario sistema de ventilación en una región donde el clima es cálido y húmedo la mayor parte del año. Cuando llegó el paro por la pandemia, los funcionarios de la planta habían trabajado 19 días del mes de marzo hasta que la fábrica cerró sus puertas. Todos los trabajadores quedaron suspendidos y sin el pago por los días trabajados. La patronal prometió pagar. Dos meses pasaron y el silencio tomó el lugar de las explicaciones y promesas. En medio de la acuciante situación, 40 trabajadores iniciaron una demanda ante el Ministerio del Trabajo. Posterior a esto, la patronal efectivizó el pago correspondiente y despidió a los 40 trabajadores una vez las actividades laborales se reiniciaron. Cuatro meses pasaron entre la suspensión de las actividades laborales y el reinicio, tiempo en el que tuvo que sustentar a su familia con las ayudas económicas realizadas por el gobierno y con “changas” (trabajos de muy corta duración), como albañil, entre otras actividades.

Don Esteban no fue parte en la demanda colectiva por lo que no fue despedido, sin embargo, fue liquidado unos 6 meses después por no entender ni hablar portugués. La gerenta de la empresa, una persona de nacionalidad brasileña, mantenía un trato hostil con los trabajadores, especialmente con los que no entendían el portugués. Ella había llegado a la planta hacía no mucho tiempo y los roces se hicieron frecuentes dado que él no podía mantener

conversaciones en portugués. Antes de ser despedido, ya había sido suspendido por dos días. Una vez sin trabajo, consiguió trabajo en la maquiladora textil Planta C, donde hacía dos meses que estaba trabajando en el momento de realizada la entrevista. De esta manera, Don Esteban ha pasado por tres maquiladoras textiles a lo largo de 15 años de trabajo en el rubro. A la pregunta de si su trabajo le gustaba, respondió lo siguiente: “y sí, porque no tengo otra profesión, qué voy a hacer, pero me gusta” (Don Esteban).

### 3.1.3 El fenómeno migratorio

Como vimos, la migración es un fenómeno presente entre trabajadores de las maquilas textiles de Alto Paraná. De los 16 trabajadores entrevistados, 9 provienen de otras ciudades, de los cuales, 6 son de comunidades rurales<sup>93</sup>. En Paraguay, los procesos que intervienen en el fenómeno de la migración del campo a la ciudad son bastante conocidos y estudiados<sup>94</sup>. Dado su volumen y la cantidad de divisas que mueve, el agronegocio es uno de los ejes fundamentales de la economía nacional<sup>95</sup>, en ese sentido, el aumento de la cantidad de tierras destinadas para estas actividades se ha mantenido en un ritmo constante, lo que trae consigo la expulsión de familias campesinas de las zonas rurales. Específicamente en cuanto al sector sojero,

Palau y otros (2009) observó el proceso y la rapidez con que se extendía la soja. Entre 1995-2015 aumentó alrededor de 191% con un crecimiento promedio de 125 mil ha/año, presumiblemente sobre tierras ganaderas y campesinas, calculando que en el periodo de 1995-2006 fueron expulsadas alrededor de 9 mil familias por año. Otro cálculo que se maneja con respecto a la expansión de la soja es de 150 mil ha/año (Riquelme y Vera, 2013), en cálculos realizados posteriormente al estudio de Palau. (ARRÚA, GARCÍA, *et al.*, 2020)

Por su parte, en el marco de la disputa por la tierra y las implicancias socio/ambientales del agronegocio, Irala (2021) muestra que en un lapso de menos de un año (16 de agosto del

---

<sup>93</sup> Don Julio, quien vive a pocos metros de la entrada principal de la maquiladora Planta B, es dueño de un local gastronómico que prepara almuerzos básicamente para los trabajadores de esa maquiladora, manifestó que muchos de los trabajadores de la maquiladora son del interior. Desde que la maquiladora inició sus actividades, ha atraído a un flujo importante de trabajadores, lo que llevó a Don Julio a dejar su trabajo de “pasero” -oficio al que se dedicó más de 20 años y el cual dejó por los riesgos que implicaba- para colocar un puesto de comida para los trabajadores de la maquila. A lo largo de estos últimos años, ha acompañado de cerca todos los ciclos de la planta, marcado por periodos de mucha contratación de trabajadores y otros de muchos despidos. En ese sentido, reconoció que muchas personas vienen de otras ciudades para trabajar en esa maquiladora, principalmente del campo y que este trabajo es para ellos “una bendición”. Los que tienen familiares vienen a quedarse en sus casas, y los que no, alquilan piezas donde vivir “(...) vienen de allá para su prueba y tratan de mudarse hacia acá. Se mudan en alquiler cerca o casa de pariente, así para que pueda sobrar, pero gente del interior bastante hay, y son gente que quiere trabajar.” (Don Julio)

<sup>94</sup> No sería posible en este espacio referenciar a todas las obras relevantes en el tema, por lo que nos limitaremos a citar la obra clásica de Andres Pastore (2008) que con su obra “La lucha por la tierra en Paraguay” da un marco general de la disputa por la tierra; así como otros estudios que tratan de aspectos trasversales como LEVY, COSTA y GONZÁLEZ (2018), KRETSCHMER, ARECO e PALAU (2020) y ARRÚA, GARCÍA, *et al.* (2020)

<sup>95</sup> Ver gráfico 2

2020 y el 31 de julio del 2021), hubo un total de 9 intervenciones violentas en comunidades campesinas en varios departamentos del interior del Paraguay, de los cuales, 7 fueron desalojos por autoridades públicas, un allanamiento y represión por parte de la policía nacional y una intervención con disparos por parte de civiles armados. En total, fueron afectadas 1521 personas y 66 fueron apresadas<sup>96</sup>.

En el marco general de políticas de Estado funcionales al agronegocio y hostiles a la producción campesina, la expulsión de campesinos y campesinas de zonas rurales a las ciudades es un fenómeno sostenido y se muestra relevante al momento de analizar el escenario más general de reproducción de la fuerza de trabajo empleada en las maquilas textiles, en la medida en que muchas de estas personas expulsadas del campo acaban convirtiéndose en trabajadoras de estas plantas maquiladoras. Pedro, quien trabajó en la chacra familiar en la zona rural de O'leary, manifestó que trabajar en el campo ya no es rentable dado que el precio final de lo producido no compensa todo el trabajo invertido, motivo por el cual él y toda su familia migró a Ciudad del Este.

Don Esteban, hoy de 42 años, migró de la zona rural de Coronel Oviedo a los 26 años, manifestó que “ndaipori futuro en el campo”<sup>97</sup> y que por eso tuvo que emigrar. Primero fue a Buenos Aires, como cientos de connacionales en una ya tradicional ruta migratoria<sup>98</sup>, sin embargo, ambos trabajadores entrevistados que habían migrado de zonas rurales a la Argentina, volvieron para trabajar en maquiladoras en Alto Paraná<sup>99</sup>, esto, según los mismos, debido a que la diferencia cambiaria no hacía más atractivo el salario en pesos como sí lo fue en tiempos pasados.

Una ruta migratoria que se ha ido fortaleciendo en los últimos tiempos es la que apunta hacia el Brasil (UH, 2012). Dos de los trabajadores entrevistados habían pasado por talleres textiles en la ciudad brasileña de Sao Paulo. Ambos refirieron las mismas características y condiciones de trabajo, así como las conexiones sociales que mediaron el tránsito hacia el país

---

<sup>96</sup> En el mismo periodo de tiempo, se han registrado un total de 11 intervenciones violentas en comunidades indígenas, de los cuales 9 fueron desalojos por instituciones públicas y 2 fueron intervenciones violentas de civiles armados. En total, se registraron 692 familias indígenas afectadas. En ese sentido, en el marco general de la disputa por la tierra, se han registrado un total de 126 muertes de campesinos y campesinas entre 1989 y 2021 (IRALA, 2021).

<sup>97</sup> Expresión en guaraní que en español significa “no hay futuro en el campo”.

<sup>98</sup> En el país vecino, se encuentra la comunidad paraguaya en el exterior más numerosa, así mismo, para el 2001, ella constituía la mayor colectividad inmigrante en ese país (OIM, 2012).

<sup>99</sup> Juan, el otro trabajador que migró del campo a Buenos Aires, también trabajó un año en el vecino país para luego regresar y trabajar en una maquiladora de luminaria en Ciudad del Este.

vecino. Habían migrado mediante invitaciones de vecinos de sus ciudades natales, así mismo, refirieron que allá fueron a encontrar a varias otras personas de nacionalidad paraguaya provenientes de diversas ciudades del interior de Paraguay.

En el taller donde había ido a trabajar Pedro, había trabajadores paraguayos, bolivianos y peruanos, sin embargo, en el taller donde trabajó Gonzalo, solo había paraguayos, en ambos casos, el dueño del taller era una persona de nacionalidad boliviana. Si bien, el fenómeno específico de migración de personas del campo paraguayo a talleres textiles en ciudades brasileñas no ha sido aún investigado, contamos con evidencias que sugieren que podría existir una ruta de tránsito instalada y mediada por conexiones familiares y de amistad. En el contexto de la cuarentena por la pandemia que paralizó al mundo entero, varios migrantes paraguayos que se encontraban trabajando en Brasil se vieron obligados a retornar al país natal dado que no podían acceder, muchos de ellos, a ningún tipo de ayuda del gobierno brasileño debido a la situación migratoria irregular. En ese contexto, las fronteras paraguayas se cerraron incluso para los connacionales que intentaban, desesperados, regresar para encontrar algún refugio en sus familias, lo que generó que cientos de compatriotas se quedaran estancados en el puente de la amistad. En ese enorme contingente de personas, resaltaron los trabajadores de talleres textiles quienes manifestaron experiencias similares a nuestros entrevistados. Uno de ellos, Nelson, a quién pude entrevistar en el marco de trabajos de asistencia, relató que él, su padre, hermano y un tío, habían migrado de Itapuá Poty (una comunidad rural del sur del país) para trabajar en talleres textiles en Sao Paulo, así mismo, manifestó que su empleador también era de nacionalidad boliviana y que este solo contrataba a paraguayos “porque los paraguayos saben trabajar” (JARA, 2020).

### **3.1.4 No todos ganaban salario mínimo**

Un aspecto fundamental que forma parte del escenario general en el que se reproduce la fuerza de trabajo paraguaya tiene que ver con los bajos ingresos y la ausencia de seguro social. De los 16 trabajadores entrevistados, 13 han manifestado que fue en una maquiladora donde, por primera vez, pasaron a aportar al IPS y a ganar un salario mínimo legal vigente (SMLV). El contexto general de aumento de la frontera de la soja en el campo y la consecuente concentración de recursos en pocas manos y expulsión de campesinos hacia las ciudades, así como los bajos niveles de productividad en general de la industria nacional, crean un escenario marcado por la precariedad, ingresos bajos y altos niveles de informalidad.

Según Montt, Setrini y Arce (2021), 7 de cada 10 trabajadores paraguayos están en la informalidad<sup>100</sup>, lo que coloca a Paraguay como uno de los países en la región con mayor incidencia de esta variable. Esto tiene evidentes implicancias en las condiciones de trabajo y de vida de la fuerza de trabajo en general. En un estudio realizado para la Organización Internacional del Trabajo, denominado “Barreras a la formalización del trabajo en Paraguay” (OIT) Montt, Setrini y Arce (2021) encontraron varios factores que dificultan la formalización del trabajo, entre los varios hallazgos, consideramos a dos de ellos como los más relevantes, estos son: “baja productividad de las empresas y empleos” y “bajos salarios y remuneraciones”. Según el INE (2021) para el año 2021, de la población juvenil ocupada asalariada de entre 15 a 29 años de edad, el 48,8 % gana menos que un salario mínimo, en ese sentido, el promedio de ingreso para la misma población en el mismo periodo de tiempo fue de 1.990.981 guaraníes, cuando el SMLV para ese año estaba en 2.289.324 guaraníes, o sea, el 87% del salario mínimo. En cuanto al aporte a algún sistema de jubilación y seguro médico, el escenario es el mismo, solo el 32,1% aporta al primero y el 20,2% tiene algún seguro médico<sup>101</sup>.

Otro elemento encontrado entre los trabajadores entrevistados es que varios de ellos no habían concluido la enseñanza básica. Del total de entrevistados, 6 no habían culminado el colegio<sup>102</sup>. Todos ellos manifestaron que fue la situación económica la que les impidió culminar sus estudios, sin embargo, mencionaron no haber lamentado mucho el hecho en ese momento, opinión que cambió en aquellos con más edad. Felipe, de 39 años, manifestó lo siguiente:

(...) mirá, con el transcurrir de los años me estoy dando cuenta de que debí haber estudiado, tenía que estudiar porque vos pasás varias humillaciones en tu trabajo, personas insignificantes te falta el respeto, te reta... algunas veces te dice cosas que no querés escuchar y tenés que aceptar, callarte y aceptar nada más, es así en el trabajo ajeno, por esa razón lo que estoy pensando otra vez y estoy batallando con mi hijo también para que vuelva a estudiar, para que siga una carrera. (Felipe)

---

<sup>100</sup> La definición de trabajo informal del Instituto Nacional de Estadística (INE), es la siguiente: “1. Empleados y obreros públicos: que no aportan al Sistema de Jubilación o pensión; 2. Empleados u obreros privados: que no aportan al Sistema de Jubilación o pensión, independiente de la situación de la empresa donde trabaja; 3. Patrones o Empleadores: cuya empresa no está inscrita en el Registro Único de Contribuyentes (RUC) del Ministerio de Hacienda; 4. Trabajadores por cuenta propia: cuya empresa no está inscrita en el Registro Único de Contribuyentes (RUC) del Ministerio de Hacienda; 5. Trabajadores familiares no remunerados: independientemente de que la empresa donde trabaja tenga o no RUC; 6. Empleados domésticos: que no aportan al sistema de jubilación.” **Fuente especificada no válida.**

<sup>101</sup> Puntualizamos a la población en esta franja etaria considerando que es en esta donde se concentra la enorme mayoría de los trabajos en las maquiladoras textiles. De igual modo, el escenario general no varía mucho. Según la misma fuente, entre la población de 15 años y más ocupada, el 35% gana menos de 1 salario mínimo, así mismo, los que ganan menos de 1 SM. hasta menos de 1,5 SM. son el 67%.

<sup>102</sup> Una de las entrevistadas que había culminado sus estudios básicos, manifestó que, en un momento dado, debido a necesidades económicas, tuvo que dejar el colegio y solo pudo culminarlo unos años después.

Mencionó que quiere estudiar mecánica de motocicleta y armar su propio taller, esto debido a que es consciente que, debido a su edad, ya no tendrá mucho tiempo de trabajo dentro de la maquila “(...) porque ya estoy envejeciendo de a poco y dentro de poco ya no me van a querer luego dentro de la empresa, a no ser trabajar de seguridad o algo así, entendés” (Felipe). Por su parte, Julia, de 30 años, mencionó que quiere culminar sus estudios porque quiere tener una profesión “la verdad que yo sí quiero terminar, porque ves que me falta poco, por lo menos eso, y estudiar alguna profesión o algo, verdad. Esa es mi idea” (Julia).

De esta manera, a través de la historia de vida de nuestros entrevistados, pudimos acceder a las condiciones materiales que componen sus realidades y que determina sus vidas y sus proyecciones, en suma, al escenario en el que reproducen sus vidas y que da cuenta del marco más general en el cual se reproduce la fuerza de trabajo paraguaya. El elemento absolutamente transversal a todos es el alto grado de circulación. Este, a su vez, se compone de varios circuitos distintos, por un lado, el que se da previo al ingreso a las maquilas, en ese sentido, tenemos el ejemplo de Pedro, quien, a los 23 años, ya ha pasado por 6 trabajos distintos; así también, la circulación que se da en el marco de la migración del campo a la ciudad, y del campo hacia talleres textiles en Sao Paulo; y, finalmente, el circuito de circulación que se da entre las plantas textiles, punto que abordaremos detalladamente más al frente. A su vez, elementos transversales de esta circulación son las precarias condiciones de trabajo marcadas por bajos salarios (muchas veces menos que el SMLV), jornadas de trabajo por encima de las 48 horas semanales sin los pagos extras correspondientes y, en algunos casos, altos grados de intensidad y malos tratos. Estas son las condiciones en las cuales los trabajadores han llegado a las maquilas textiles a pedir trabajo.

## 3.2 EL TRABAJO EN LAS MAQUILAS TEXTILES

### 3.2.1 Una primera aproximación

El trabajo en las maquilas es, en reglas generales, trabajo sin muchos requerimientos formativos. Sin embargo, existen diferencias relacionadas al mayor o menor grado de formación. Esto es, entre los costureros profesionales y los que no los son.

A partir la experiencia de los trabajadores, es posible decir que existe una variedad de plantas textiles que se diferencian en la diversidad de máquinas de coser que requieren en el proceso productivo, de esta forma, tenemos plantas que requieren una gran variedad de

máquinas y otras que no, lo que tiene ciertas implicancias en las características del trabajo y en los circuitos de circulación tanto inter como intra maquilas textiles<sup>103</sup>. Las principales máquinas utilizadas son overlock, interlock, collareta y recta.

Dado que las prendas de vestir requieren una gran diversidad de costuras, las plantas encargadas de su confección son las que requieren una mayor variedad de máquinas, por lo que se requiere costureros profesionales para esta labor. A esto se suma el hecho de que, de acuerdo a las temporadas, las prendas confeccionadas varían cada cierta cantidad de meses, de esta forma, en las estaciones de calor confeccionan prendas de invierno y en las estaciones frías, las prendas para el verano. A su vez, cada nueva temporada trae consigo prendas diferentes a las temporadas pasadas, teniendo el trabajador que lidiar siempre con prendas nuevas. Por otro lado, existen plantas textiles que confeccionan atuendos médicos, por lo que, a pesar de usar la misma variedad de máquinas de costura, las prendas no varían por temporada.

Por su parte, las plantas dedicadas a la confección de mantas, alfombras, medias, boxer, etc. requieren una menor cantidad de máquinas, además del hecho de que los productos varían muy poco a través del tiempo, esto ocurre solamente cuando la planta pasa a producir para una nueva marca, o bien, incorpora nuevos productos. De esta manera, el trabajador requerido no debe ser necesariamente un costurero profesional, pudiendo ser cualquier persona sin experiencia previa en costura.

(...) en Planta A y en Planta B de hecho te dicen que no necesitás tener conocimientos que ellos te enseñan, pero acá en Planta C no es así, tenés que tener mínimo conocimiento de las máquinas, eso sí o sí, porque como te digo, para montar una prenda, tiene varias fases y de los cuales vos tenés que tener conocimiento de corte para poder montar, porque son diferentes modelos, hacemos shorts, remera, abrigo, campera y todos llevan procesos diferentes y diferentes tipos de máquinas. (Camila).<sup>104</sup>

Efectivamente, todos los trabajadores de la planta textil Planta C -que confecciona prendas de vestir- eran costureros con experiencia, sin embargo, estos habían aprendido el oficio de la costura en lugares distintos. Gonzalo lo aprendió mientras trabajaba como asistente

---

<sup>103</sup> Tanto la circulación interna que se da en las maquilas textiles y la que se da entre ellas se abordará en el apartado "Circulación de los trabajadores inter-maquilas"

<sup>104</sup> En el proceso del trabajo de campo, intenté entrar como trabajador en algunas plantas textiles, por lo que entregué mi curriculum vitae en alguna de las plantas visitadas. No recibí el llamado de ninguna, sin embargo, en una planta de confección de ropas me recibieron para una entrevista. Una de las primeras preguntas realizadas fue dónde estaba mi certificado de costurero, que cómo pretendía trabajar ahí sin tener experiencia en costura. Le respondí que venía por cualquier otro puesto que no sea de costurero, a lo que respondió que sí habían puestos que no requerían conocimientos de costura pero que en ese momento estaban necesitando costureros.

de costura en uno de los talleres en Sao Paulo (Brasil); Oscar fue instruido por su hermana, una costurera profesional; Camila, quién es trabajadora de Planta C, pero con funciones diferentes al de costura, manifestó que quiere aprender el oficio ya que eso le permitiría tener más oportunidades laborales; Don Esteban, quien ya tiene acumulado más de 15 años en el rubro, aprendió en la primera fábrica donde fue a trabajar, ya que, en ese entonces, cuando el rubro textil en la maquiladora comenzaba expandirse, no había en el mercado de trabajo la cantidad de costureros necesarios para la producción, por lo que las mismas plantas ofrecían cursos intensivos de aprendizaje. Así mismo, otra posibilidad importante de formación en ese entonces fue el Servicio Nacional de Formación Profesional (SNPP)<sup>105</sup> (JARA, 2019).

Actualmente, una de las formas más comunes de aprender el oficio es a partir de cursos de algunos meses que pueden ser realizados de forma gratuita en el (SNPP) o bien, en otros talleres textiles más pequeños, generalmente propiedad de ex trabajadores de alguna maquila textil que decidió independizarse abriendo su propio taller.

El trabajo en las maquilas de confección de atuendos se realiza en equipos de trabajo. El tamaño de los equipos varía ampliamente, pudiendo ser de 4 hasta más de 20 personas. Cada trabajador integrante de un equipo, tiene la tarea de realizar una parte de la costura, de tal forma que la prenda va pasando como en una cadena hasta su finalización. Posterior a los trabajos de confección, las prendas son llevadas al sector encargado de planchar para, finalmente, ser empaquetadas. Las telas utilizadas llegan a las plantas, o bien del Brasil, o bien de China.

Por su parte, en las plantas encargadas de la confección de mantas, cubre camas y tapetes, el trabajo de la costura se realiza de forma individual. En estas, la materia prima llega en forma de fardos (grandes rollos de tela), una vez arriba a la fábrica, es llevada al sector de corte, donde aparte de los cortes, se filtran las partes que han llegado con defecto. Más tarde, un trabajador se encarga de llevar las telas cortadas a los respectivos costureros quienes realizan

---

<sup>105</sup> El Servicio Nacional de Promoción Profesional (SNPP) es un organismo dependiente del Ministerio de Trabajo, Empleo y Seguridad Social, que ofrece cursos de formación para la inserción laboral, tiene oficinas en casi todo el país. Uno de los principales cursos es el de costura industrial. En una investigación realizada previamente (JARA, 2019), pude comprobar la centralidad que tuvo el SNPP en el crecimiento de las maquiladoras textiles en el 2008. Un trabajador que había sido parte de una de las plantas en ese año, relató que realizó el curso de costura ya con la promesa de empleo de una planta textil. La mayoría de los egresados eran contratados directamente por plantas textiles que comenzaban sus operaciones en ese año. Tal es así que, en el 2016, el SNPP abrió cursos de capacitación de costura industrial en la zona franca Global, para abastecer de fuerza de trabajo a las maquilas que se encontraban allí **Fuente especificada no válida.**

las terminaciones correspondientes. Finalmente, luego de los filtros de calidad, son llevadas al sector donde pasan por la prensa y el empaquetado.

El caso de la planta maquiladora Planta B es distinto ya que ella se encarga de todo el proceso de producción y terminación de las medias y boxer, o sea, a diferencia de las demás plantas donde la materia prima ya llega en forma de telas y solo deben pasar por la costura, en esta planta la producción se realiza utilizando los hilos como materia prima. Sin embargo, el proceso productivo no requiere de las habilidades de un costurero profesional ya que casi la totalidad del proceso productivo es automatizado.

En esta planta, el proceso inicia en el sector denominado “simple” -el proceso de las medias y del boxer es el mismo-, en ese sector, las medias salen casi completamente terminadas, faltando solo cerrar las puntas. El encargado de este sector debe acompañar el proceso de la máquina ya que constantemente esta requiere ajustes de hilo y cambios de agujas o de hilos cuando estos se rompen. Una vez la media sale de la máquina, se debe evaluar si hubo errores, y si los hubo, averiguar el motivo del error y subsanarlo. Cada trabajador en este sector se encarga del cuidado de 11 máquinas que, a su vez, no paran nunca, ya que las jornadas laborales se dividen en dos de 12 horas, por lo que están activas las 24 horas del día, los 7 días de la semana. El trabajador, durante 12 horas, debe estar pendiente de la producción al ritmo pautado por las máquinas, independiente a él mismo. Una vez las medias hayan pasado la inspección de este trabajador, estas son apiladas y llevadas al sector de “terminación”, donde se realiza la última costura necesaria mediante un proceso de costura simple. Una vez esta costura es realizada, las medias pasan por el sector denominado “volteo”, en donde las medias son puestas en el sentido correcto, ya que del sector de terminación llegan en el sentido contrario. Este es, como veremos más al frente, una de las tareas más exigentes en cuanto intensidad y velocidad.

Esta diversidad en las maquilas textiles no debe llevar a la conclusión equivocada de que el rubro se encuentra marcado por una heterogeneidad irreconciliable, muy por el contrario, los elementos comunes son transversales a todas ellas permitiendo, de esta manera, hablar de un grupo como tal. Es en el marco de este grupo bien definido que encontramos las diferencias que van marcando, así, un escenario complejo de relaciones sociales. Pasemos ahora a ver más detalladamente las características del trabajo realizado en ellas.

### 3.2.2 “Como perros y máquinas”

Un elemento común a todas las maquilas textiles en Alto Paraná es el alto grado de exigencia en la productividad de los trabajadores. Las formas en las que este requerimiento de productividad es ejercido varía en cada puesto de acuerdo a las características de las labores, en algunos puestos existen metas diarias de producción que deben ser alcanzadas ya sea en forma individual o en forma grupal, o bien, en el caso de la producción de medias y bóxer, deben seguir el ritmo constante de la máquina, sin posibilidad de intervención.

El trabajador de Planta C, Oscar, quien ya ha pasado previamente por plantas textiles en Ciudad del Este y en Sao Paulo, refiere que el grado de intensidad en todos los talleres es el mismo, así mismo, Camila, quien anteriormente se encontraba trabajando en Planta B y actualmente lo hace en Planta C, mostró que los grados de intensidad son bastante similares, aunque con diferencias en los mecanismos utilizados por la patronal para imprimirla.

En cuanto a la intensidad, las evidencias levantadas sugieren que ciertas diferencias en las formas de imprimirla podrían deberse a las características del trabajo realizado y, específicamente, al tipo de trabajador requerido: en aquellas donde se requieren a trabajadores con mayor formación técnica las estrategias buscan vincular al trabajador a partir de mecanismos económicos y/o subjetivos de pertenencia, mientras que en aquellas donde se requieren a trabajadores con menor formación técnica las estrategias vehiculan mecanismos de mayor hostilidad, presiones verbales y malos tratos. Sin embargo, estas diferencias no son absolutas, es decir, también las plantas del primer grupo recurren a tratos hostiles y amenazas, aunque en una cierta menor medida.

En el grupo de las plantas que por excelencia recurren a tratos hostiles, presiones verbales y amenazas encontramos a Planta B, Planta A y, según una Jara (2019), también a Planta T. En todas estas plantas, la principal característica referida por los trabajadores y las trabajadoras son los malos tratos, las presiones verbales, amenazas, etc., y en el caso de Planta T, también las malas condiciones de infraestructura.

En todas las plantas, tanto del primer como del segundo grupo, está prohibido hablar durante las horas de trabajo, así como también tener consigo los aparatos celulares. Una vez los trabajadores entran en las instalaciones de las plantas, deben dejar todas sus pertenencias en casilleros personales, si fuera el caso que el trabajador o la trabajadora deba ser contactado por

alguna emergencia, el contacto se realiza con los líderes de cada grupo de trabajo, quienes sí tienen consigo sus aparatos celulares.

En la plana textil Planta A, los principales productos confeccionados son las mantas y los cubre camas, Andres, quien se encarga de la costura de las mantas, mencionó que las metas deben ser alcanzadas sí o sí, de lo contrario, el trabajador recibe represalias por parte de los jefes inmediatos “Se tiene que hacer... 150, 160 edredón por día, si sabés hacer más, 180 (...), ahí sí vos trabajás, acá vos tenés metas, tenés que alcanzar la meta ahí, sí o sí tenés que alcanzar la meta” (Andres), agregó más que, dado que la meta es muy alta, el grado de intensidad para alcanzarla también es muy alto y que es difícil sostenerla durante toda la jornada de trabajo, motivo por el cual, los jefes inmediatos -responsables de la producción-, deben ejercer constatación: “tenés que tener mucha presión para alcanzar la meta, si no tenés mucha presión no vas a alcanzar la meta” (ídem). Oscar, por su parte, quien se desempeñaba como cortador en Planta A, refirió que “(...) vos desde que entrás, hasta que llega tu hora, vos tenés que, tipo como un robot tenés que estar ahí, entendés, y vos tenés que producir a 1000 por hora.”

En términos absolutos, los accidentes de trabajo son menos frecuentes en las maquilas textiles dado que no hay muchos roles que impliquen manejo de maquinaria potencialmente peligrosa, sin embargo, en aquellos roles que sí lo hacen, los accidentes de trabajo suelen ser más comunes en los horarios de la tarde. Según explicaron los trabajadores, esto es así por dos motivos, por un lado, el hecho mismo del cansancio de haber pasado toda una jornada de trabajo que ha requerido un gran esfuerzo físico y de concentración y, por el otro, por el hecho de que los trabajadores que aún no han llegado a la meta del día, suelen aumentar más el ritmo de trabajo para poder alcanzarla antes de que llegue el horario de salida.

En el sector de guata (sic), es una máquina donde se hace la espuma, y que lleva el edredón adentro, es una máquina..., viene así preñado, vos le agarrás y le tirás así, le tirás ahí y le alimentás y se va y sale allá, ancho, como para el edredón y se mete nomás ya adentro, entendés, pero todo con máquina es, y ese un compañero, un compañero perdió la mano ahí, a la tardecita ya era, tenía que apagar para limpiar la máquina y él no apagó había sido y le sacó la mano, quedó más o menos de acá le agarró, la mano, así. (Felipe)

Uno de los trabajadores entrevistados en otra investigación (Jara, 2019, p. 65), refirió que los accidentes suelen ocurrir en el horario de la tarde ya que, en la maquiladora Planta T - donde trabajaba-, los trabajadores solo podían salir una vez hayan alcanzado la meta, lo que hacía con que aumenten su ritmo de trabajo en la tarde para poder salir temprano. Él, que se desempeñaba como cortador, había sufrido un accidente donde había perdido la punta de uno de los dedos:

Entrevistador: ¿Te llegó a quitar la punta del dedo?

Pedro: Sí, la punta del dedo y eso. Algunas veces por apuro, por distracción, por distraído nos pasa eso, pero hay que tener cuidado legalmente cuando trabajas en corte, en ese tema.

Entrevistador: Por apuro puede pasar también entonces.

Pedro: Sí, por apuro, por distracción y eso, viste que te apura mucho cuando querés hacer tu meta y eso, si querés culminar tu meta así para salir temprano.

Julia y María, trabajadoras de empaque de bóxer, deben completar cada una 8 caja de 400 bóxer todos los días, en total, son 3.200 bóxer empaquetados. En promedio, esto es igual a una caja por hora y 6,6 bóxer por minuto, esto implica mantener un ritmo continuo durante todas las horas de trabajo, sin descanso y sin ir al baño.

Entrevistador: ¿Es difícil alcanzar la meta?

Julia: La verdad que es alcanzable, no es así algo imposible, pero como sabemos verdad no todas las personas tienen la misma capacidad, y hay personas que logran alcanzar fácilmente y a otras que le cuesta más, hay persona que tampoco alcanzan.

Entrevistador: Hay gente que no alcanza entonces

Julia: Hay gente que no alcanza. Les cuesta mucho

Entrevistador: Y ¿qué pasa si no alcanzan la meta?

Julia: Y le dan oportunidad hasta un cierto punto y si es que no alcanza, se le liquida a esa persona porque sí o sí tiene que hacer esa meta.<sup>106</sup>

Camila, que trabajaba en el sector de empaque de medias, refirió que la meta en su sector era de 400 docenas de media por día y que, para alcanzarla, ella debía llegar dos horas antes a su puesto de trabajo para poder llegar a la meta al final de día y no recibir las amonestaciones y suspensiones que implicaban en ingresos disminuidos. Ella, con dos hijos que cuidar, no podía permitirse eso:

400 docenas por día, vos no llegás a esa meta ya te vienen con amonestación. Esa amonestación después se va agravando con suspensión y después ya te echan con justificación, supuestamente son justificadas, entonces vos para llegar a tu meta, vos entrás antes, el horario era las 07:45 a 17:00 de la tarde, pero, vos para llegar a esas 400 docenas tenías que llegar muchísimo antes, unas dos horas, ponele,

---

<sup>106</sup> Una trabajadora refirió que puede alcanzar la meta sin mayores dificultades, sin embargo, afirmó que, si la meta esalzada nuevamente (ya que la meta esalzada sistemáticamente), no están seguras si podrán alcanzarla de nuevo. A la pregunta planteada respondieron que: “tal vez sí, tal vez una caja más puede ser, pero va a haber muchas personas que no van a alcanzar más, digo yo, porque ya hay luego pues personas que no alcanzan esa meta que hay, si se sube yo creo que ya va ser difícil para muchos, hasta para mí, porque, si es que yo salgo para merendar y eso ya me va a forzar un poco ya el horario, porque viste que trabajamos 8 horas nomas, y, una caja se termina luego, si sos rápida, vas a terminar en 50, 55 minutos, así una hora luego, y da exacto para hacer 8 cajas nomas luego.” (Julia)

y ellos no te pagan esas dos horas que vos entras antes para hacer tu meta porque es tu obligación, ahí es donde ellos hacen la trampa, vamos a decir, poniéndote metas y que vos entres antes para producir. (Camila)

Esas horas extras no son pagadas ya que ella llegaba “por su voluntad” a trabajar más temprano “no se paga extra... por qué te van a pagar extra si a vos te condicionan a que tu meta es tanto, entonces vos obviamente para alcanzar tu meta tenés que entrar dos horas antes o sino no llegas” (idem) lo que constituye, de hecho, en un mecanismo de la patronal para extender la jornada de trabajo sin la obligación legal de pagar las horas extras trabajadas. Agregó más que, antes, cuando la meta eran 300 docenas, podía trabajar sentada, pero que una vez la meta llegó a las 400 docenas diarias ya le fue imposible: “(...) no te podés sentar, ellos no te prohíben que te sientes, pero qué pasa, producís menos, sos más lento, hay gente que... yo trabajaba sentada antes, con las 300 docenas, pero después ya fueron 400 y ya no había caso, tenía que parame” (idem).

Varios entrevistados manifestaron que hay varias personas que no llegan nunca a la meta. Otro elemento importante en relación a la intensidad, es el hecho de que ésta es constantemente aumentada sin ningún tipo de variación en los instrumentos de trabajo, solo a través de la mayor presión a los trabajadores. Generalmente, la forma de aumentar es a partir de las bonificaciones por productividad. En el sector de volteo, existen bonificaciones para aquellos que superen la meta diaria, generando que los trabajadores aumenten al máximo sus esfuerzos para lograr la bonificación y, de esa manera, aumentar los magros ingresos provenientes del salario mínimo que perciben. Una vez la mayoría pudo superar la meta, esta es alzada nuevamente, lo que exige una vez más de los trabajadores aumentar más la intensidad para recuperar la bonificación que volvió a alejarse de ellos.

Helena: Son metas absurdas, cosas que no pueden... qué pasa, en la ley laboral está que vos no podés comparar la capacidad laboral de este funcionario con este, qué pasa, ellos no, ellos ponen una meta, por ejemplo en aquella época, cuando yo entré, habían... ponele que lo máximo que hacían era 8 mil medias... menos luego, 5 mil nomas luego creo que era la meta anteriormente, después qué pasa, ellos le daban incentivo a la persona que cumplía más, que hacía más de esa cantidad, qué pasa, ellos ven que la gente se esfuerza bastante por el incentivo, y qué pasa, llega un... ponele dos meses están así, aumentan de ellos la meta, porque ellos ya están haciendo 8 mil ponele, bueno, este mes ellos mantienen, hacen otra vez lo más que pueden, llegan a pasar a 9 mil, 9 mil mantiene durante un mes, y ahí ya le alza otra vez, ahora está en 14 mil, doble de lo que se producía en aquella época.

Helena: Ellos 8 horas están ahí y ellos no se van al baño, no toman agua por la cuestión de que ellos tienen que cumplir metas... meta se cumple, si vos no cumplís meta te viene amonestación, uno, dos veces, después te suspenden, te amenazan, de todo hacen.

Entrevistador: ¿se usa algún tipo de máquina ahí en volteo?

No...

Entrevistador: ¿Usan solo la mano?

Lo que hay, un coso que ellos, hay un pequeño hierrito así que ellos fabricaron manualmente, un hierrito así por el cual se mete la media, que es para supuestamente más rápido, porque imposible que vos des la vuelta así, porque está costurado esta parte, en simple por ejemplo nosotros damos la vuelta así nomas porque no está costurado esta parte y vos podés meter toda la mano, estirar y se va ahí, pero en volteo ya está costurado esta parte e imposible va a ser dar la vuelta acá, entonces ellos fabricaron una especie, un hierrito así que está a la altura de acá por ahí y por eso ellos meten la media, así.

De esta forma, en la maquiladora Planta B, las metas en todos los sectores es sistemática alzada a través de las bonificaciones y las presiones realizadas a los trabajadores. María manifestó que las presiones que reciben son constantes, principalmente a las personas que tienen dificultades para alcanzar la meta. La presión es tal, que muchas no lo logran alcanzar la meta por el nerviosismo generado por las presiones, según ella, la encargada del sector “exige mucho y a veces hay personas que por esa misma razón ya no puede hacer porque se les presiona demasiado.” (María), algo similar apuntó Oscar en la maquiladora Planta A:

Oscar: impresionante es como ahí... yo le veía a la gente... se desesperaba todo chera<sup>107</sup>.

Entrevistador: ¿por qué se desesperaban?

Oscar: Porque... se le va a echar, porque se le va a retar y le hace pasar... viste que no es que te dice así “vení un poco, eh... tal cosa” ... ahí, enfrente de la gente luego te hace pasar vergüenza, principalmente a las mujeres le hacía pasar mucho. (Oscar)

De esta manera, los malos tratos es otra de las cosas referidas constantemente por los trabajadores de las maquilas textiles. Una trabajadora refirió que en Planta B, la gerenta sistemáticamente mantenía tratos hostiles con los trabajadores, tratándoles despectivamente “(...) te trataba de campesino, que supuestamente vos tenías que agradecer por el trabajo que te están dando, que vos no tenés por qué reclamar nada, todo así, a las embarazadas le trataban de gorda, de fea (...)” (Helena). Lo mismo refiere Camila, quién había comenzado a trabajar en la maquiladora Planta C ya en el contexto de la pandemia del covid-19 pero antes de que las vacunas hayan llegado a Paraguay:

Acá en Planta C, la que es encargada de empaque que la verdad que trata muy mal a las personas... dios mío... yo entré a trabajar el 16 de octubre, el 23 de octubre falleció mi papá de COVID, fue un viernes. El lunes nuevamente me presenté, como era nueva, ya falleció mi papá, qué voy a hacer... después yo estaba en ese tiempo, yo hacía codificado, verdad, estaba a cargo de ella y estaba lenta, obviamente, falleció mi papá, nadie va a estar bien, entendés, y estaba codificando y viene y me

---

<sup>107</sup> “Chera’a”, palabra en guaraní que en español significa “amigo”.

dice “a mí no me interesa lo que haya pasado, tus problemas de la puerta para afuera, ahora se trabaja, ponéte bien y sé más rápida”, así me dijo... yo quería irme, salir llorando. (Camila)

El ambiente tenso, marcado por todos estos elementos, generaba que los trabajadores midieran con cuidado las veces que iban al baño, ya que, si iban varias veces, se exponían a la posibilidad de no llegar a la meta. Esta es una característica de todas las maquilas textiles. En el caso de Planta B, se suma el hecho de que existen pocos baños para la cantidad de personas, en el sector de Camila, por ejemplo, había tres baños para 150 personas, lo que implicaba siempre un tiempo de espera que consumía minutos de trabajo. Todo esto hacía con que los trabajadores se aguantaran las ganas de ir al baño por varias horas, generando problemas de salud, este fue el caso de Camila:

Yo tuve enfermedad del riñón por eso, porque, obviamente, uno luego por más que vos quieras ir al baño no podés ir al baño porque vos estás con tu producción que tenés que hacer y no sé luego, vos no podés luego ni moverte de ahí, ni tomar agua, nada, porque estás ahí tratando de producir y llegar a esa meta, entendés.

(...) por ejemplo una compañera con la que yo hablo tiene también problema del riñón, porque no consume agua, como te digo, no es porque uno no quiera tomar agua, es para evitar ir al baño porque te saca... el baño, no tenés por ejemplo en tu sector de trabajo, el baño no está ahí, el baño tenés que irte allá. (Camila)<sup>108</sup>

Ante estas circunstancias, también eran generadas estrategias para lidiar con las presiones y el cansancio, así como represalias directamente. Felipe refirió que, si bien no tenían prohibiciones de ir al baño, no podían estar en él más de 10 minutos por vez<sup>109</sup>, eso es así dado que muchos trabajadores iban al baño para descansar, como único lugar donde encontraban un refugio ante las atentas miradas de los líderes de grupo y de las cámaras que, generalmente, están instaladas en todos los sectores. Estos trabajadores a veces decidían no llegar a la meta del día como una manifestación de cansancio, hartazgo o bien, porque buscaban ser despedidos.

---

<sup>108</sup> Todo esto genera un estado de estrés y agotamiento constante: “Estrés, la gente vive estresada ahí, estresada, ese era otro punto también en que, preguntáale nomás a mi marido cómo yo andaba antes, zombie, zombie, yo no quería saber nada, llegaba de mi trabajo, me bañaba y dormía, yo prácticamente no compartía con mi familia porque venía muerta, muerta, muerta. Sábado... domingo, era un día que yo quería dormir nomás, porque el cansancio es metal, físico, todo te agota ahí, la presión encima tuyo.... dios mío, ese que, ponele que es las 2 de la tarde y vos recién tenés tantas cantidades, cómo te empezás a desesperar.... Esa presión psicológica de que “ay dio mío”, porque el que te venga la amonestación, bueno te vino la amonestación, pero después de la amonestación pues ya viene tu suspensión por tres días, y eso es mucha plata para quien necesita realmente.” (Camila)

<sup>109</sup> En varias maquilas, hay una persona encargada -generalmente el líder/encargado del grupo- que controla la cantidad de minutos que cada trabajador está en el baño. Estos minutos se suman durante toda la semana y, si el trabajador pasó de cierta cantidad de minutos, recibía una llamado de atención.

Gonzalo, quien ha pasado por varias maquilas textiles, refiere que en una de ellas algunas veces no llegaba a la meta porque estaba cansado de los malos tratos “yo luego me hacía del ñombotavy, porque che kuerai<sup>110</sup>”, agregó que, en esos casos, trabajaba despacio “me levantaba y me iba al baño, no sé, cualquier cosa hacía”. Camila manifestó que, como los trabajadores en Planta B reciben constantemente malos tratos, ellos suelen tener un trato desinteresado con las maquinarias e insumos de la planta:

Te tratan como si fuera que ellos te dan caridad... no sé, que le debés algo otra vez a cambio, no es pues así, la gente pues se cansa rápido, y como te dije, el trabajador que realmente está agradecido va a cuidar cada detalle de la empresa, te va a cuidar, pero allá en Planta B... acá yo noto la diferencia entre Hohai y éste [maquila Planta C]... por ejemplo, en Planta B la gente estropeaba, no le importaba, se robaba media, ni ahí luego si se rompía o no se rompía las cosas, total, va a pagar nomas luego el viejo, entendés (...)

Sin embargo, en la maquiladora Planta C, donde generalmente los tratos son mejores y las presiones de los encargados más leves, los trabajadores generan vínculos distintos, sienten sentimientos de agradecimiento y lo manifiestan en el cuidado de los instrumentos de trabajo: “pero acá no, acá se cuida las máquinas, tratan luego de no romper, tratan de ayudarte, tratan de... entendés, cuidan cada cosa de la empresa porque no tienen esa intención de complicar.” (Camila). De esta forma, la maquila Planta C se vale de mecanismos distintos a los de Planta B para mantener la productividad de los trabajadores al utilizar estrategias que generen un apego y vínculo casi emotivo con los directivos.

En suma, en un escenario general marcado por un mercado laboral muy precario, con muchos trabajos inferiores al SMLV, con jornadas extensas, el trabajo en la maquila es una opción buscada por miles de jóvenes para escapar del desempleo. Pedro refirió que, cuando entró a trabajar en Planta B, pensó en renunciar dado que la intensidad del trabajo era alta “(...) pensé renunciar otra vez, pero después pensé que la necesidad que tengo, es más, así que me tuve que aguantar (...)”, finalmente, luego de algunos días de trabajo, pudo habituarse. En las maquilas, los trabajadores encuentran trabajos relativamente más formales, con SMLV y seguro social, sin embargo, a costa de jornadas de trabajo marcadas por la intensidad y los malos tratos. Camila mencionó que, en Planta B “como perros te tratan... ellos te tratan como si fuese máquina (...)”

---

<sup>110</sup> “Che Kuerai” palabra en guaraní que en español quiere decir “estoy cansado o harto”.

### 3.2.3 Extensiones de la jornada del trabajo

A pesar de que existen plantas textiles que tiene a partes importantes de sus trabajadores en condiciones de informalidad, en la mayoría de ellas es posible encontrar condiciones de trabajo relativamente más formales que en el mercado laboral en general: los trabajadores ganan el salario mínimo legal vigente, generalmente tienen IPS, aguinaldo y vacaciones pagas.

En cuanto a las extensiones de las jornadas de trabajo, existe una gran diversidad de situaciones en las maquiladoras textiles. Por un lado, existen plantas que extienden la jornada de trabajo más allá de los límites legales de forma irregular, algunas lo hacen abiertamente y otras a través de mecanismos pretendidamente más disimulados. Por otro lado, existen plantas que extienden de hecho la cantidad de horas trabajadas a partir mecanismos económicos.

En Planta A, maquiladora de confección de mantas y cubre camas, las jornadas diarias de trabajo son de 8 horas y media diarias, o sea, 51 horas semanales, mientras que la jornada legal vigente es de 8 horas diarias o, 48 horas semanales. Esta extensión se realiza sin el pago de las horas extras correspondientes. Andres, trabajador de esta maquiladora, afirmó que le gustaría organizarse con sus compañeros para reclamar el cambio de varias cuestiones relacionadas a las condiciones de trabajo, entre ellas, esta extensión irregular de las horas de trabajo, pero que no es posible dado que sus compañeros tienen miedo de realizar alguna manifestación porque “(...) algunos dicen que se le hace demanda pero que no se le puede ganar al patrón porque el patrón compró todo el ministerio del trabajo, entendés, la mayoría tiene miedo de ese y no hace nada, entendés.” (Andres). De esta forma, la extensión irregular de la jornada de trabajo se realiza sin mayores problemas para la patronal.

En la maquiladora de mantas y tapetes Planta T, la situación era similar, al menos hasta el año 2019, año en el cual realicé un estudio de caso sobre condiciones de trabajo en esa planta textil (Jara, 2019). Allí, la jornada de trabajo dependía de la productividad de los trabajadores, o sea, solo podían salir una vez alcanzada la meta, lo que

(...) hizo con que, en ocasiones, se hayan quedado hasta altas horas de la noche. Pedro menciona que una vez trabajaron hasta las 22 de la noche. Si algún trabajador dejaba su puesto de trabajo luego del horario de salida, pero antes de haber alcanzado la meta, era penalizado con un día de suspensión, con el correspondiente descuento salarial. (ibidem, 2019, p. 61-62).

Por otro lado, Planta B se vale de otras estrategias para extender de forma irregular la cantidad de horas trabajadas por los trabajadores. El sector denominado “Simple”, el encargado

de acompañar y controlar el primer paso de la producción de las medias y bóxer, tiene dos turnos de 12 horas cada uno, de tal forma que las máquinas se encuentran activas las 24 horas del día. La irregularidad se presenta en el turno encargado de las horas nocturnas, ya que, según el código laboral vigente, la jornada de trabajo de éste turno corresponde a una “jornada mixta” porque “abarca períodos de tiempo comprendidos en las jornadas diurna y nocturna.” (PARAGUAY, 1993, art. 196)<sup>111</sup>, por lo tanto, su duración semanal no podrá ser superior a 45 horas semanales (ídem)<sup>112</sup>, sin embargo, los trabajadores del turno nocturno trabajan regularmente 48 horas semanales, por lo que trabajan unas 3 horas extras sin que estas sean compensadas con el pago correspondiente. También hay irregulares en relación al pago, según el código del trabajo (ídem), las horas nocturnas de trabajo deberán ser pagadas con un recargo del 30% sobre el SMLV, o sea, éste recargo constituye el salario mínimo en una jornada laboral nocturna y, bajo ningún caso, puede ser considerado un pago extraordinario ni incentivo, sin embargo, los trabajadores de los turnos nocturnos en la planta textil Planta B perciben a fin de mes el salario mínimo legal vigente para jornadas diurnas y, en la quincena, el “incentivo” por el trabajo nocturno, de esta manera, el aporte que realiza la patronal al IPS lo hace considerando el SMLV diurno, no así el salario real percibido<sup>113</sup>. Por otro lado, al ser considerado “incentivo”, éste no varía regularmente con los aumentos del salario mínimo a través del tiempo. Helena, quien trabajó más de 4 años en Planta B, refirió que, en todo ese tiempo, el salario mínimo subió 4 veces mientras que el “incentivo” nocturno aumentó solo una vez. Es así que, el pago mínimo por las horas nocturnas no es respetado, así como tampoco reciben lo correspondiente por las 3 horas semanales extras.

Otro mecanismo que extiende de hecho la jornada de trabajo, sin que esto sea evidente para los trabajadores, es a través las labores de limpieza que algunos sectores deben realizar una vez finalizada la jornada de trabajo. En algunos puestos, como el de los costureros, las labores diarias generan residuos. En la maquiladora Planta B, los trabajadores tienen la obligación de limpiar todos estos residuos de su espacio de trabajo solamente después que haya sonado el timbre que marca el fin de la jornada. De esta manera, no pueden realizar esta tarea antes dado que serían minutos perdidos de producción para la patronal. Esto contrasta con la planta Planta C, donde los trabajadores tienen dos horarios de limpieza de su lugar de trabajo que están, en este caso, enmarcadas en la jornada laboral:

---

<sup>111</sup> Según el artículo 195 del mismo código, el “Trabajo diurno es el que se ejecuta entre las seis y las veinte horas y nocturno el que se realiza entre las veinte y las seis horas.” (ídem)

<sup>112</sup> La jornada semanal diurna es de 48 horas semanales.

<sup>113</sup> El pago al IPS se realiza sobre el 25% del SMLV, correspondiendo el 9 % al empleado y el 16,5% al empleador.

Camila: Ah, otra cosa, acá en Planta C son gente muy limpia, vos a las 9 hs. y a las 14 hs. de la tarde, tenés que limpiar tu sector, te levantás a limpiar. En Planta B no, en Planta B vos podés estar un chiquero pero vos no te vas a mover de ahí y no vas a limpiar tu sector, por qué, porque eso “son minutos perdidos, no trabajados” decía él.

Entrevistador: ¿y se queda todo sucio?

Camila: Se queda sucio. A la 17 sonaba el timbre de nuestra salida y recién ahí nosotros teníamos que limpiar, yo a las 17:30 estaba en el portón

Entrevistador: O sea, no es que otra persona limpiaba, vos tenías que limpiar

Camila: No, vos limpias tu sector

Entrevistador: Y terminabas tu hora de trabajo y te quedabas

Camila: Debería de ser hora extra pero no es hora extra

Entrevistador: No te pagan por esos minutos.

Camila: He, no te pagan nomas, porque acá por ejemplo [en la maquiladora Planta C], yo recuerdo antes nos quedábamos hasta un poquito más tarde las últimas horas y la de rrhh dijo “lo siento chicas ustedes se deben retirar 16:21 toca el timbre y se van, porque yo no voy a pagar horas extras”, y nosotros dijimos “no, no hay problema”, “no me interesa, no hay horas extras”, “pero no, no hay problema, no es que...” imagináte, a nosotros no nos importaba quedarnos más porque no había ese problema, entendés, no era ese “ash, nos quedamos hasta tarde”, tranquilamente.

El horario diurno del sector simple es de 05:00 am. a 17:00 pm. y el nocturno de 17:00 pm. a 05:00 am. sin embargo, los trabajadores deben llegar 30 minutos antes dado que todo el protocolo de ingreso requiere tiempo<sup>114</sup>. Hasta llegar su puesto de trabajo, pasan por 3 portones, donde son controlados y guardan sus pertenencias. Finalmente, deben estar enfrente a la máquina 15 minutos antes del horario de inicio del turno dado que la máquina no puede estar ningún momento sin cuidado. Si los trabajadores no han llegado por lo menos 15 minutos antes, ya no se les permite el ingreso al lugar de trabajo y llevan ausencia por ese día. Esto constituye, de hecho, en otra extensión de la jornada de trabajo no paga ya que la jornada de trabajo comienza, en la práctica, antes del horario acordado formalmente.

En cuanto a los mecanismos económicos de extensión, estos se dan en torno a la necesidad de alcanzar las metas y no son impuestos bajo coacción explícita. Camila, que trabajaba en el sector de empaque de medias en Planta B, debía llegar dos horas antes del inicio

---

<sup>114</sup> Los trabajadores han relatado que todo este protocolo de ingreso y de salida demora, más o menos, una hora por día (30 minutos al ingreso y 30 a la salida), por lo que si la salida es a las 17:00 hs, logran salir de la planta recién a las 17:30.

de su jornada para, de esta manera, poder llegar a la meta del día. Esta necesidad se impone ya que el no cumplimiento de las metas diarias acarrea reclamos, amonestaciones, suspensiones y, en última instancia, despidos. En este caso, el factor movilizador principal es el miedo, y esto es así como resultado del contexto más general de la política de gestión de las relaciones de trabajo por parte de la patronal y tiene conexión, como mencionamos anteriormente, con el hecho de que el trabajo no implica conocimientos técnicos relevantes. Por otro lado, en la maquiladora Planta C también se dan extensiones de la jornada de trabajo sin la coacción explícita de la patronal, sin embargo, con una dinámica distinta, principalmente en lo referente al factor movilizador y a la interpretación que realiza el trabajador de esta situación. En esta maquiladora, se aumenta la cantidad de horas diarias de trabajo de tal forma a cumplir las 48 horas semanales de lunes a viernes y tener el sábado libre. Muchas maquiladoras aplican esta dinámica para, en momentos de mucha necesidad de producción, convocar a los trabajadores los días sábados para realizar horas extras. Cuando no existe esta necesidad, la patronal no convoca a los trabajadores los días sábados, sin embargo, muchos de ellos deciden ir a trabajar ese día para poder llegar a la meta de producción de la semana, y así, llegar a cobrar el incentivo económico dado en ese caso. De esta manera, como algunos trabajadores no consiguen llegar a la meta de producción de la semana en la jornada normal de trabajo, deciden trabajar horas extras para alcanzarla y cobrar la bonificación económica por cumplir la producción semanal. A diferencia del caso anterior, acá el principal factor que moviliza la extensión de la jornada no es el miedo y sí la necesidad económica.

Sí, ahí los costureros son oro, realmente son oro, porque hay poco pues y, aparte de eso, como te dije, ellos por ejemplo quieren producir y van a producir, hay veces que vienen el sábado sin ganar el extra porque quieren llegar a su 100%, porque ponele que le falta 500 prendas, por así decirlo, para llegar a ese 100%, entonces ellos vienen sábado para producir, imagináte, nadie te va a venir sábado por venir nomas para producir. (Camila)

En esta maquila, la vinculación con los trabajadores no se trabaja con herramientas de hostilidad, sino, a través de persuasiones que generan vínculos subjetivos, incluso de afecto. Esta diferencia coincide con otras similares y se asienta en el hecho de que aquí, los trabajos requieren mayor formación técnica en general por lo que los trabajadores (costureros profesionales) son relativamente más escasos.

### **3.2.4 Circulación de trabajadores inter maquilas textiles**

En el apartado “Contexto marcado por la precariedad”, vimos que la circulación es una característica constituyente del mercado de trabajo en general, y que, a su vez, esta situación

tiene implicancias en la vida de la clase trabajadora. En el presente apartado, analizaremos los circuitos de circulación que existen al interior del rubro de la maquila textil, cuáles son sus características, sus mecanismos, sus determinantes y, finalmente, cuáles son las respuestas de los trabajadores ante esta situación.

Si bien, es cierto que las maquilas textiles ofrecen condiciones de trabajo con un cierto mayor grado de formalidad, el grado de circulación de la fuerza de trabajo es similar al que existe en el mercado de trabajo en general y esto es así debido a dos factores, por un lado, la inestabilidad de las plantas textiles y, por el otro, a la política de gestión de la fuerza de trabajo por la patronal. En relación al primer punto, muchas plantas no cuentan con locales propios, por lo que es común escuchar que se muden de lugar (a veces yendo a otra ciudad), por otro lado, muchas de ellas cierran sus puertas luego de algunos años en actividad, o bien, suspenden sus actividades por algunos meses<sup>115</sup>. Como vimos en la tabla 3 de la página 61, las maquiladoras textiles comenzaron su desarrollo más ampliado a partir del 2008. Las tres plantas instaladas en Alto Paraná en ese año fueron Planta R, Planta A América y PLANTA H S.A, de las cuales, la última ha cerrado sus puertas. Entre los trabajadores entrevistados, dos eran trabajadores activos de Planta A, cuatro habían trabajado anteriormente en Planta A (actualmente estaban en otra maquiladora textil) y uno (actual trabajador de Planta C Textil) había trabajado en la ya inactiva PLANTA H S.A. Todos los trabajadores entrevistados que han tenido algún periodo de trabajo en Planta A afirman no conocer a ningún trabajador en esa planta que tenga más de 5 años de antigüedad, esto a pesar de esta planta estar más 14 años activa en el país.

En relación al segundo punto, todos los trabajadores entrevistados han referido que el trabajo en las plantas textiles suele alternar periodos de alta intensidad de trabajo y otros donde la actividad se reduce considerablemente, esto debido a que las plantas trabajan en base a pedidos con fechas definidas para la entrega. De esta manera, cuando existen pedidos importantes, las plantas contratan a grupos de trabajadores<sup>116</sup> y despiden cuando se han cumplido los pedidos<sup>117</sup>. En muchos casos, los trabajadores renuncian a los pocos meses debido a la intensidad del trabajo. De esta manera, en la mayoría de los casos, el plantel de trabajadores

---

<sup>115</sup> Esta información fue provista principalmente por los trabajadores ya que mucho de los datos oficiales no se encuentran disponibles al público, y los que sí son de libre acceso, muchas veces no se encuentran actualizados.

<sup>116</sup> La cantidad de trabajadores contratados varía mucho de acuerdo al tamaño de los pedidos.

<sup>117</sup> Los entrevistados han referido que, cuando la planta tiene pedidos importantes, suele llamar a los ex trabajadores que han sido despedidos en los momentos de baja producción.

de las plantas se encuentra constituido por un grupo más estable -que lograr tener algunos años de antigüedad-, y por otro en constante circulación. Oscar, quien trabajó por una temporada en Planta A y renunció debido a las condiciones de trabajo, menciona que aquellos trabajadores que tienen más estabilidad, son testigos de esta constante circulación “(...) los que están ahí hace mucho, tipo se resignaron, y te dicen luego “acá todo el tiempo es así, gente entra y sale, entra y sale”” (Oscar).

En ese sentido, el grupo de trabajadores más estable suele acumular entre 4 a 6 años de antigüedad. Son muy escasos los casos de trabajadores que han conseguido pasar esta línea temporal. Ninguno de los trabajadores entrevistados ha referido conocer o escuchar de alguien que haya alcanzado la estabilidad laboral (10 años de trabajo), según los mismos, generalmente el tiempo de permanencia en una planta textil suele ser de 5 años<sup>118</sup>. María, una joven que trabaja con su madre hace varios años en un local gastronómico a pocos metros de la entrada principal de Planta B, refirió que, en el momento de la entrevista, la planta se encontraba disminuyendo personal debido a que había poca producción, a la pregunta de si eso afectaba al local gastronómico, respondió que:

María: Sí, bastante, porque no hay verdad un cliente fijo... porque ellos están contratando y después de un tiempo les hecha todito otra vez, o sea que no, en la fábrica en sí no hay un... como te voy a decir, un funcionario fijo... ahora hay los antiguos verdad, pero ahora están liquidando también por el tema de la pandemia que les está afectando

Entrevistador: Contratan y despiden

María: Sí, por eso siempre vas a ver la publicación de ellos que están necesitando funcionarios, de esos 100 que entran ponele que 5 se quedan, el resto sale todo otra vez

Entrevistador: ¿cuánto tiempo más o menos dura su trabajo?

María: Antes su periodo de prueba era dos meses ahora pusieron a cuatro meses, pero igual, algunos no aguantan y renuncian y salen.

Entrevistador: ¿Qué es lo que no aguantan?

María: La presión, el trabajo en sí no es, pero la presión es demasiado con las metas y eso. (María)

---

<sup>118</sup> Pedro, trabajador de Planta B, refirió que cuando los trabajadores alcanzan los 5 años de antigüedad, la patronal busca llegar a un acuerdo para la renuncia del trabajador. Si éste se niega, es sometido a acosos como el cambio de turno, cambio de lugar de trabajo, etc.

La entrada y salida de trabajadores es constate, sin embargo, la producción no se resiente debido a que siempre hay personas dispuestas a trabajar en la maquila, aunque sea por poco tiempo, la producción nunca para:

(...) ellos te contratan a vos, verdad, vos esos tres meses duraste y en esos tres meses te apretaron, vos produciste (sic.), vos salís y al día siguiente ellos contratan a otro, siempre pues hay gente que quiere trabajar, solo que nadie pues dura, verdad, entonces qué pasa, *oike jey otro*<sup>119</sup>, el funcionario no se mantiene, pero siempre la producción se mantiene, pillás, porque no quedan parado, siempre hay gente que quiere trabajar. (Oscar)

En el contexto general de la circulación de los trabajadores de maquilas textiles, se observan algunos patrones que apuntaremos a seguir pero que, es necesario aclarar, necesitan ser estudiados con muestras más grandes para llegar a una mayor claridad del fenómeno. La información levantada, tanto en la presente investigación como en la anterior ya mencionada previamente (Jara, 2019), sugiere que podría haber patrones distintos de circulación asociado al tipo de producto confeccionado. De esta forma, las plantas que confeccionan prendas de vestir estarían asociadas a una mayor estabilidad laboral y las que confeccionan mantas, tapetes, boxer y medias a una mayor inestabilidad<sup>120</sup>. Esto sería así debido al tipo de trabajador que requiere cada planta y a la disponibilidad de los mismos. Como ya se ha mencionado previamente (en el apartado relacionado al trato a los trabajadores), las plantas que confeccionan indumentarias, requieren a costureros profesionales que tengan un correcto manejo de los varios tipos de máquinas de coser que intervienen en la costura del producto, sin embargo, las plantas que confeccionan mantas, tapetes, etc., requieren a trabajadores sin mucha experiencia previa debido a que usan menos tipos de máquinas de costura, de esta forma, para el primer grupo de plantas, es relativamente más difícil encontrar trabajadores, mientras que para el segundo el recambio de trabajador es mucho más sencillo. Esto genera que, por ejemplo, el promedio de edad sea distinto: en las plantas que requieren a trabajadores sin experiencia, la edad promedio de los trabajadores es marcadamente inferior, en cambio, es mucho más posible encontrar a trabajadores de mayor edad en el otro tipo plantas, esto lo constatamos visualmente en los horarios de entrada y salida de las plantas y con las entrevistas a los trabajadores. El caso de Don Esteban muestra con claridad este patrón. Él, trabajador de 42 años y actual funcionario de la planta Planta C, ha acumulado más de 15 años de experiencia como costurero en plantas

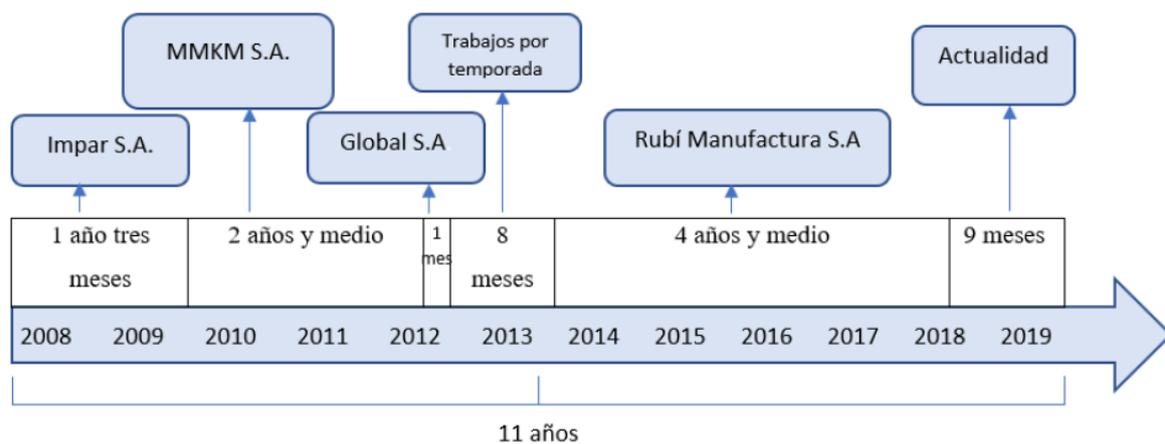
---

<sup>119</sup> “Oike jey otro” expresión en guaraní que en español significa “entra nuevamente otro”.

<sup>120</sup> Esto coincide con el tipo de trato recibido por el trabajador. Las plantas de confección de prendas de vestir se encuentran asociadas a mejores tratos, lo contrario es válido para las plantas de confección de mantas, bóxer y medias.

textiles. En su primera planta trabajó por 8 años, en la segunda lo hizo por 7. De la primera planta salió porque ésta cerró sus puertas y de la segunda porque fue despedido, según él, por no saber hablar portugués. Sin embargo, esta mayor posibilidad de estabilidad en las plantas de confección de prendas de vestir encuentra sus límites debido a la inestabilidad misma que caracteriza a las plantas textiles. Conviene citar el caso de Cristian, un trabajador entrevistado anteriormente (Jara, 2019) que, al momento de la investigación, había acumulado 10 años trabajando en maquilas textiles alternando entre plantas de confección de ropas y de tapetes, su experiencia muestra un recorrido más inestable. A lo largo de todo ese tiempo, ha pasado por 7 plantas maquiladoras diferentes.

Figura N° 4 – Circulación de un trabajador de maquila



Fuente: extraído de Jara (2019, p.112)

Tanto Don Esteban como Cristian fueron compañeros en la maquiladora PLANTA H S.A., sin embargo, una vez esta planta cerró sus puertas, el recorrido de ambos fue distinto. Mientras que Don Esteban consiguió trabajo en otra planta de confección de ropas y donde pudo mantenerse por 7 años, Cristian tuvo un camino errático entre plantas de confección de ropas, trabajos por temporada y Planta T, planta de confección de tapetes y mantas, donde pudo trabajar más tiempo, hasta que, finalmente, fue despedido por realizar una huelga con otros compañeros reclamando mejores condiciones de trabajo.

Siguiendo esta misma línea, también es posible observar algunos patrones en los circuitos de circulación de los trabajadores. Dado que el primer grupo de plantas requiere a costureros profesionales, es más común ver que los costureros vayan pasando de una planta de estas características a otra similar. Estas plantas aceptan a trabajadores de edades más avanzadas siempre y cuando sean costureros profesionales. En cambio, son raros los casos donde

trabajadores de plantas de mantas, tapetes, etc., pasen a trabajar en confección de ropas, circulando con mayor dinamismo entre las plantas similares. Tal es así, que todos los entrevistados de la maquila Planta C -que confecciona atuendos- venían de otras plantas de características similares, por otro lado, entre los trabajadores de las maquilas de mantas, tapetes, etc., se observa una mayor diversidad en cuanto al percurso previo.

La circulación instalada tanto en el mercado de trabajo en general como en las maquiladoras textiles, genera respuestas variadas entre los trabajadores. Un punto transversal a todos es la claridad que tienen de que el actual puesto de trabajo no se extenderá por mucho tiempo. La maquila no ofrece la posibilidad de generar proyecciones a largo plazo lo que obliga a muchos a desarrollar planes en relación a su futuro alternativo al trabajo en la planta textil. Por otro lado, existen estrategias que algunos asumen para disminuir en lo posible los periodos de desempleo. Veamos, a seguir, un ejemplo de lo recién mencionado:

Entrevistador: Entonces vos no te ves mucho tiempo dentro de esa fábrica

Felipe: No, como siempre le digo a mis compañeros, “no nacimos acá y no nos vamos a morir acá, lleven eso en cuenta, y no le perjudiquen a los demás, a los compañeros”.

Entrevistador: No es un trabajo para planificar una vida

Felipe: No, no, no, porque, vos en un trabajo así, para que vos estés varios años tenés que ser el *tĩ ro'ysã* o el *jagua'ĩ*<sup>121</sup> luego, el *chupa media*<sup>122</sup>, entendés, y si no sos, enseguida te van a chutar, entendés, la empresa es así, en todas partes, donde yo trabajé como te dije, trabajé en la tabacalera, trabajé en Xplast, trabajé en Cell Shop, ahora ahí en la maquila, donde te vas es así, si vos no querés perder tu puesto tenés que ser *chupa media*, *jagua'ĩ*, entendés, así, esa onda. Ahora eso les dije a los compañeros, “mirá, se les está echando, echando, echando, algunos se quieren ir, otros no, y quieren hablar por nosotros en nuestra presencia...” les digo, “si vos no sos así problemático, no pedís mucho permiso, tranquilo vos vas estar”, entendés, yo por ejemplo si es que en el día de mañana me llaman “Felipe, por favor, eh... hasta hoy... estamos disminuyendo personal” o algo así, entendés, siempre tenés que estar preparado en eso, entendés, porque, como te digo, no nací ahí y no me voy a morir ahí, y no es un trabajo que vas sentir, vas a llorar, es salario mínimo, en cualquier lugar vas a ganar. (Felipe).

El relato de Felipe deja entrever muchas situaciones características de la clase trabajadora paraguaya en general. Actualmente trabajador de Planta A y ya con 39 años, ha pasado por una variedad de trabajos a lo largo de su vida. Su experiencia le ha enseñado que, para mantener el puesto por mucho tiempo, es necesario ser un delator, o, en el mejor de los

---

<sup>121</sup> Las expresiones en guaraní “*tĩ ro'ysã*” y “*jagua'ĩ*” se refieren a “delator”, una persona que traiciona al grupo en busca de la aprobación de otra persona con algún grado social y/o laboral superior.

<sup>122</sup> Expresión popular que refiere a una persona que busca la aprobación de otra a través de halagos y/o algún trato preferencial.

casos, simplemente alguien de perfil bajo, que no “genere problemas” ni llame mucho la atención, esto implica no denunciar las ni reclamar irregularidades en las condiciones de trabajo. En ese sentido la estrategia que Felipe ha asumido es el de mantener el perfil bajo, dado que, ser delator, le privaría de otra herramienta importante a la hora de enfrentar el desempleo: los lazos sociales. **Una de las características más llamativas entre los trabajadores de las maquilas textiles es la relevancia de los lazos sociales a la hora de conseguir un trabajo.** Casi todos manifestaron que se encuentran en su trabajo actual a través de la intermediación directa de algún familiar o amigo, o bien, de las informaciones y referencias brindada por éstos<sup>123</sup>. En un momento dado, Felipe llegó a preferir ser despedido de un anterior trabajo antes que romper los lazos de lealtad con sus compañeros de trabajo<sup>124</sup>. Esto es así dado que él comprende la central importancia de su círculo familiar y de amistad para encontrar un nuevo trabajo cuando así lo necesite. En su actual trabajo, Planta A, pasó por una situación similar, sin embargo, esta vez buscó evitar cualquier tipo de confrontación:

Entrevistador: ¿Cómo es el ambiente de trabajo? Entre los compañeros, con los jefes...

Felipe: Con los jefes es... vos, vos podés ser *mi último compañero*<sup>125</sup>, en el día que vos te conviertas en jefe vos ya sos mi contrario. Yo tres meses me quedé como jefe, y a los dos meses pedí para que me saquen de ser jefe, porque no quería perder mi amistad entendés

Entrevistador: ¿Por qué?

Felipe: Sí, porque, pienso mucho que no toda la vida voy a estar ahí, y de repente si yo salgo de ahí mis ex compañeros pueden conseguirme en otro lugar para mi trabajo, entendés. Mi idea, mi ideología es eso, entendés. (Felipe)

Luego de la anterior experiencia, prefirió reducir las posibilidades de confrontamiento con sus compañeros de trabajo y con la patronal, incluso considerando que el puesto de mando implicaba un sobresueldo considerable ante el magro salario mínimo. **De esta manera, vemos cómo algunos trabajadores optan por buscar la anuencia de la patronal a costa de la delación de sus compañeros de trabajo, otros, buscan mantener un perfil bajo para no generar confrontaciones y, algunos, incluso priorizan sus lazos sociales por encima de**

---

<sup>123</sup> En una de las plantas donde me presenté para solicitar trabajo, el guardia de seguridad me informó que, en esa planta, solo se podía ingresar a través de contactos.

<sup>124</sup> Él se encontraba cumpliendo tareas de control y observación de sus compañeros en una empresa de venta de aparatos electrónicos, específicamente, monitoreaba las cámaras de seguridad. Una de las cosas que debía informar era sobre aquellos funcionarios que utilizaban indebidamente el sanitario para clientes y no el destinado a los funcionarios, hecho frecuente dado que el sanitario destinado a funcionarios se encontraba a una mayor distancia. Una vez que recibió quejas por parte de su superior, prefirió resguardar a sus compañeros antes que su propio puesto de trabajo, por lo que fue despedido.

<sup>125</sup> “mi último compañero” es una expresión popular que significa “un compañero muy cercano”.

**asensos y puestos de trabajo.** Esto revela, en última instancia, el poco apego que el trabajador genera en su puesto de trabajo ya que tiene la conciencia clara de que el desempleo, tarde o temprano, llegará.

## **CAPÍTULO 4 – SUPEREXPLOTACIÓN DEL TRABAJO**

### **4.1 FUNDAMENTOS**

En el primer capítulo vimos que la superexplotación del trabajo es una de las leyes tendenciales específicas del capitalismo dependiente, esto quiere decir que en las diversas partes de su desarrollo ha tenido a la superexplotación como un fenómeno transversal. Según Marini “(...) o fundamento da dependência é a superexploração do trabalho.” (2011, p. 185), sin embargo, conviene aclarar más detalladamente en qué esta consiste, cuáles sus características, sus indicadores y, finalmente, si los trabajadores estudiados se ajustan, o no, a estos indicadores.

Según Marini (2011), la superexplotación es un mecanismo que busca aumentar la cantidad de la producción sin aumentar el capital constate -o sea, sin un mejoramiento o avance en la fuerza productiva que permita producir lo mismo, o más, con una menor inversión de esfuerzo- si no, a través de una mayor explotación del trabajador. Regularmente, la súperexplotación aparece como una necesidad para capitales menos productivos cuando no pueden equiparar los niveles de productividad exigidos por el mercado a través de una mayor inversión en la fuerza productiva. De esta forma, fue utilizado como un mecanismo de compensación ante la transferencia de valor que se daba entre las economías dependientes latinoamericanas y las economías del centro desarrollado. Sin embargo, aclara el autor que

(...) não é a rigor necessário que exista a troca desigual para que comece a operar os mecanismos de extração de mais-valia mencionados; o simples fato da vinculação ao mercado mundial, e a conversão conseguinte da produção de valores de uso em produção de valores de troca que isso acarreta, tem como resultado imediato desatar um afã por lucro que se torna mais desenfreado quanto mais atrasado é o modo de produção existente. (2011, p. 148)

De esta manera, deja claro el autor que no es necesario que exista transferencia de valor como tal para que los mecanismos de la superexplotación del trabajo se hagan presente, sino que, la propia dinámica de la producción capitalista desata una disputa por el lucro “mais desenfreado quanto mais atrasado é o modo de produção existente”<sup>126</sup>. Aún más, aclara el autor

---

<sup>126</sup> Lo que, a su vez, habilita la posibilidad de pensar a la superexplotación en los centros del capitalismo desarrollado. Ver subtítulo “La economía globalizada”

que esta transferencia de valor puede estimular el uso de la súperexplotación, sin embargo, esta se fundamenta, en última instancia, en una sobrepoblación relativa:

La súperexplotación del trabajo es acicateada por el intercambio desigual, pero no se deriva de él, sino de la fiebre de ganancia que crea el mercado mundial, y se basa fundamentalmente en la formación de una sobrepoblación relativa. (MARINI, 1978, p. 63), citado por Félix (2019, p. 305).

La sobrepoblación relativa, o ejército industrial de reserva, se refiere al conjunto de trabajadores desempleados, una población sobrante en términos de la producción capitalista. Según Marx (2017, p. 705)

A acumulação capitalista produz constantemente, e na proporção de sua energia e seu volume, uma população trabalhadora adicional relativamente excedente, isso é, excessiva para as necessidades médias de valorização do capital e, por tanto, supérflua.

Y agrega más

Mas se uma população trabalhadora excedente é um produto necessário da acumulação ou do desenvolvimento da riqueza com base capitalista, essa superpopulação se converte, em contrapartida, em alavanca da acumulação capitalista, e até mesmo numa *condição de existência do modo de produção capitalista*. Ela constitui um exército industrial de reserva disponível, que pertence ao capital de maneira tão absoluta como se ele o tivesse criado por sua própria conta. Ela fornece a suas necessidades variáveis de valorização o material humano sempre pronto para ser explorado, independentemente dos limites do verdadeiro aumento populacional. (ibidem, p. 707)<sup>127</sup>

El ejército industrial de reserva es un producto natural y necesario en el proceso de producción capitalista, llegando a ser una “condición de existencia” del mismo capitalismo. Sin embargo, aunque exista población sobrante en los países del centro capitalista, es en el capitalismo dependiente donde éste alcanza dimensiones mucho más importantes<sup>128</sup>. Una vez puesto estos elementos más generales, descendamos un nivel en el grado de abstracción y veamos cómo, concretamente, se manifiesta en las relaciones de producción. Según Marini (2011), existen tres mecanismos a través de los cuales ésta se hace presente: intensificación de la jornada de trabajo (esto es, aumentar la producción a través de un mayor esfuerzo del trabajador y no a través de un aumento de la capacidad productiva), extensión de la jornada de trabajo (aumento de la plusvalía absoluta) y un salario inferior al valor de la fuerza de trabajo. *La característica esencial de la súperexplotación es que se le priva al trabajador de la posibilidad de reproducir su fuerza de trabajo en condiciones normales:*

---

<sup>127</sup> El resaltado nos pertenece.

<sup>128</sup> Para ver una explicación detallada de cómo el ejército industrial de reserva crece en mayor proporción en el capitalismo dependiente, ver Félix (2019, p. 312-327).

(...) nos três mecanismos considerados, a característica essencial está dada pelo fato de que *são negadas ao trabalhador as condições necessárias para repor o desgaste de sua força de trabalho*: nos dois primeiros casos, porque lhe é obrigado um dispêndio de força de trabalho superior ao que deveria proporcionar normalmente, provocando assim seu esgotamento prematuro; no último, porque lhe é retirada inclusive a possibilidade de consumo do estritamente indispensável para conservar sua força de trabalho em estado normal. Em termos capitalistas, esses mecanismos (que ademais podem se apresentar, e normalmente se apresentam, de forma combinada) significa que o trabalho é remunerado abaixo de seu valor e correspondem, portanto, a uma superexploração do trabalho. (MARINI, 2011, p. 149-150)<sup>129</sup>

Pasemos ahora a analiza por separado cada uno de estos tres mecanismos:

#### 4.1.2 Pago por debajo del valor de la fuerza de trabajo

Para abordar este punto, conviene primero aclarar a qué nos referimos cuando hablamos de valor de la fuerza de trabajo. Este concepto proviene de El Capital, obra cumbre de Karl Marx. Para el autor alemán, la fuerza de trabajo consiste en el “conjunto das capacidades físicas e mantais que existem na corporeidade, na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento sempre que produz valores de uso de qualquer tipo.” (MARX, 2017, p. 242), y, dado que la fuerza de trabajo es considerada una mercancía más, su valor se mide así como las otras mercancías, a partir del tiempo socialmente necesario para su producción, con la peculiaridad de que se incluye también su reproducción. Como la capacidad de trabajo es una cualidad indisociable de la corporeidad física del ser humano, el tiempo socialmente necesario para su producción es igual al tiempo socialmente necesario para comprar los bienes y servicios necesarios para la reproducción de la corporeidad física. En palabras de Marx:

*Assim, o tempo de trabalho necessário à produção da força de trabalho corresponde ao tempo de trabalho necessário à produção desses meios de subsistência, ou, dito de outro modo, o valor da força de trabalho é o valor dos meios de subsistência necessários à manutenção de seu possuidor.* Porém, a força de trabalho só se atualiza por meio de sua exteriorização, só se aciona por meio do trabalho. Por meio de seu acionamento, o trabalho, gasta-se determinada quantidade de músculos, nervos, cérebro, etc. humanos que tem de ser reposta. Esse gasto aumentado implica uma renda aumentada. Se o proprietário da força de trabalho trabalhou hoje, ele tem de poder repetir o mesmo processo amanhã, sob as mesmas condições no que diz respeito a sua saúde e força. A quantidade dos meios de subsistência tem, portanto, de ser suficiente para manter o indivíduo trabalhador como tal em sua condição normal de vida. As próprias necessidades naturais, como a alimentação, vestimenta, aquecimento, habitação etc., são diferentes de acordo com o clima e outras peculiaridades naturais de um país. Por outro lado, a extensão das assim chamadas necessidades imediatas, assim como o modo de sua satisfação, é ela própria um produto histórico e, por isso, depende em grande medida do grau de cultura de um país, mas também, entre outros fatores, de sob quais condições e, por conseguinte, com quais costumes e exigências de vida constitui-se a classe dos trabalhadores livres num determinado local. *Diferentemente das outras mercadorias, a determinação do valor da força de trabalho contém um elemento histórico e moral. No entanto, a*

---

<sup>129</sup> El resaltado me pertenece.

*quantidade média dos meios de subsistência necessários ao trabalhador num determinado país e num determinado período é algo dado. (ibidem, p. 245-246)*<sup>130</sup>

Entonces, el valor de la fuerza de trabajo es igual al valor de los medios de subsistencia necesarios para su producción y reproducción, de tal forma que pueda continuar trabajando durante el tiempo que las condiciones normales de su cuerpo le permitan. Este valor es relativo, también, a la cantidad de esfuerzo empleado en la actividad laboral, ya que, a mayor esfuerzo, mayor consumo de recursos y mayor cantidad de medios de subsistencia son necesarios<sup>131</sup>. Al final de la cita, se explica una cuestión fundamental para comprender a cabalidad el valor de la fuerza de trabajo: dado que la determinación del valor es social -y no individual-, para llegar a su valor concreto, se deben tomar en cuenta las condiciones sociales y culturales de la región donde vive el trabajador, por lo que el valor de la fuerza de trabajo varía de región en región. De esta manera, el “elemento histórico moral” incluye todos los electrodomésticos, aparatos electrónicos, vestimentas, etc., que hayan pasado a ser incorporados como bienes básicos de la vida en sociedad<sup>132</sup>.

Ahora bien ¿qué pasa si el valor recibido por el trabajador es inferior al valor de su fuerza de trabajo?<sup>133</sup> la constatación evidente es que, al no recibir un valor suficiente para reproducir su capacidad de trabajo -y con ello, su corporeidad física- ésta se realiza de forma atrofiada constituyendo, de esta manera, una reproducción en condición de superexplotación.

#### **4.1.3 Extensión de la jornada de trabajo**

Cualquier extensión de la jornada de trabajo más allá del límite donde el trabajador ha producido un valor igual al valor de su fuerza de trabajo, constituye un trabajo excedente, trabajo no pago. Esta extensión fue denominada por Marx de “plusvalía absoluta”<sup>134</sup> y es la

---

<sup>130</sup> El resaltado me pertenece.

<sup>131</sup> La compensación material del esfuerzo empleado en la actividad laboral encuentra un límite en la capacidad misma que tiene el cuerpo de recomponerse. Volveremos sobre este tema.

<sup>132</sup> Un ejemplo de ello podemos encontrar en el automóvil. En los países del centro, como en Estados Unidos, el automóvil ha dejado de ser un bien suntuario para convertirse en un bien salario dado que, para el 2014, el 88 % de los hogares contaba con uno, en cambio, en uno de los países del capitalismo dependiente más desarrollado, Brasil, en el año 2010 solo el 47% de los hogares contaba con uno.

<sup>133</sup> Si bien, Marx consideró en su obra la situación donde el pago al trabajador se realiza por un valor inferior al valor de la fuerza de trabajo, esta situación no fue analizada por él. En palabras del autor: “A pesar do importante papel que desempenha no movimento real do salário [el pago por debajo del valor], esse método é aqui excluído pelo pressuposto de que as mercadorias, portanto também a força de trabalho, sejam compradas e vendidas por seu valor integral” (ibidem, p. 388-389), de esta manera, a pesar de su gran relevancia, esta posibilidad quedó fuera de análisis en su obra.

<sup>134</sup> “A extensão da jornada de trabalho além do ponto em que o trabalhador teria produzido apenas um equivalente do valor de sua força de trabalho, acompanhada da apropriação desse mais-trabalho pelo capital - nisso consiste a produção do mais-valor absoluto. Ela forma a base geral do sistema capitalista (...) (MARX, 2017, p. 578)

base general del sistema capitalista. Desde la aparición del capitalismo, la jornada laboral ha pasado por varias modificaciones en los diversos países del mundo. En el capítulo 8 de El Capital, Marx da una muestra de las terribles condiciones de trabajo del proletariado inglés -en momentos donde se expandía la gran industria- que tenía jornadas de trabajo de hasta 18 horas. Debido a diversos factores, como la correlación de fuerzas en la lucha de clases -entre la patronal y el proletariado-, el grado de productividad de los capitales, el lugar ocupado en el ciclo de circulación del capital -como consumidores o no-, entre otros, la extensión de la jornada fue disminuyendo -al menos formalmente- en todas partes del mundo, sin embargo, con diferencias notables entre los países del capitalismo desarrollado y los países de las economías dependientes latinoamericanas<sup>135</sup>.

Tenemos entonces que toda extensión de la jornada más allá del trabajo necesario constituye plusvalía absoluta, pero no toda plusvalía absoluta es necesariamente superexplotación, en este punto, conviene hacernos la pregunta ¿cuándo podemos decir que esta extensión se ha convertido en superexplotación? Y acá volvemos a la cita de Marini donde dice que la característica esencial de la superexplotación es que “(...) são negadas ao trabalhador as condições necessárias para repor o desgaste de sua força de trabalho (...)” de esta manera, la extensión de la jornada se ha convertido en superexplotación cuando ésta ha imposibilitado un descanso pleno que permita recomponer, en términos normales de salubridad, su capacidad de trabajo, o sea, su cuerpo mismo.

Cumprе advertir que a chamada hora extra de trabalho não constitui em si superexploração, mas somente quando o prolongamento do tempo da jornada de trabalho (seja na jornada diária, seja na jornada total) viola o fundo de vida do trabalhador, de maneira a provocar um desgaste um desgaste de tal ordem, encurtando sua vida útil para o trabalho. O prolongamento da jornada em condições normais é aquele esporádico, o qual será apenas mais-valia absoluta. Mas, quando ultrapassa determinados limites, aí sim temos condições que violam o fundo de vida do trabalhador. Desse modo, a mais-valia absoluta se converte em superexploração. Isto pode ser observado em dados concretos quando estamos diante a prática sistemática de horas extras, o que faz alterar, por exemplo, a jornada semanal de forma permanente, para mais. (LUCE, 2018, p. 183)

Para un eficiente y correcto funcionamiento integral, tanto a nivel muscular como psicológico y emocional, el cuerpo humano no solo requiere de recursos calóricos adecuados, sino también, tiempos y condiciones adecuadas de descanso. Ante la ausencia de estos, el cuerpo no podrá recomponerse de forma ideal y acumulará desgates que, a largo plazo, redundan

---

<sup>135</sup> Mientras que en países del centro capitalista como en Estados Unidos, Francia y Reino Unido se tiene jornadas semanales de 40, 36 y 41 horas respectivamente, en países de economías dependientes como Argentina, El Salvador, México y Paraguay se tiene jornadas semanales de 46, 45, 45 y 48 horas respectivamente. (LUCE, 2018)

en un encortamiento de la vida útil del trabajador. Así como menciona el autor previamente citado, una forma indirecta de observar extensiones de la jornada de trabajo son las horas extras, una vez que estas sean tan reiteradas que acaben extendiendo, de hecho, la jornada semanal en términos absolutos.

#### **4.1.4 Intensificación de trabajo**

La intensificación del trabajo tiene una estrecha conexión con la extensión de la jornada laboral. El ritmo de trabajo puede llegar a un punto tal de intensidad que ya no sea posible recuperar el desgaste generado ni siquiera con un salario superior ni con el tiempo normal de descanso, entonces, se estará superexplotando al trabajador. El aumento de la intensidad del trabajo ocurre cuando la patronal exige una mayor cantidad de producción sin que haya habido alguna modificación en la fuerza productiva, de esta forma, la mayor producción se sostiene nada más que en el aumento del ritmo del trabajo.

Este es tal vez uno de los indicadores más difíciles de comprobar ya que no existen instituciones, tanto públicas como privadas, que generen información sobre la intensidad el trabajo. Sin embargo, existen indicadores indirectos que pueden arrojar luz sobre su presencia. En su tesis doctoral, Souza (1980)<sup>136</sup>, demostró que hubo intensificación del trabajo en la industria automovilística de mediados de la década del 70 del siglo pasado -en el contexto del llamado “milagro” brasileño- mediante la constatación de que la duplicación de la producción que ocurrió en esa industria, se logró sin modificación alguna de la composición técnica del capital, lo que lleva a la inequívoca conclusión de que fue resultado de un aumento de la intensidad del trabajo. Luce (2018) propone que otro indicador posible ante la ausencia de información sobre la composición técnica de la fuerza productiva, es la cantidad de accidentes de trabajo. En un trabajo de investigación (2012) sobre la fábrica de General Motors (GM) de Sao José dos campos

“Em 1997, com o capital produtivo de 12 mil trabalhadores, eram produzidos 37 carros a cada hora. Em 2005, empregando 2 mil trabalhadores a menos, a mesma fábrica ampliava sua produção para 74 veículos por hora trabalhada. Como saber o quanto desse aumento da produção por hora trabalhada se deve a maior composição técnica e a maior intensidade? Mesmo sem dispormos dos indicadores para medir a alteração nos meios de produção e na organização técnica desta unidade fabril, o fato de 6 mil operários da GM no Brasil terem passado por afastamento temporário por doenças laborais apenas no ano 2008 -o que representa 30% da força de trabalho da empresa no país- já é por si só uma comprovação irrefutável de que a superexploração do trabalho mediante aumento da intensidade cobra grande importância nessa indústria. (Luce, 2018, p.190)

---

<sup>136</sup> Citado por Luce (2018, p. 190)

Otro indicador de intensidad del trabajo es el propuesto por Dal Roso (2008) es el diálogo con los trabajadores, ya que son ellos mismos quienes vivencian el aumento de la intensidad de las actividades laborales y son los más aptos para confirmar si el trabajo ha aumentado en intensidad o no:

Para que possa ser percebido e capturado [o processo de intensificação] (sic), requer que seja buscado junto aos trabalhadores que vivem a realidade cotidiana das relações de trabalho. São os empregados aqueles que podem se expressar com mais propriedade sobre se o trabalho está mais exigente hoje do que anteriormente, quais as formas específicas de intensificação que se aplicam a cada ramo de atividade econômica, quais os efeitos da elevação da intensidade sobre seus corpos e mentes e qual sua avaliação sobre as condições de trabalho contemporâneo [...]. Não encontramos um indicador que seja capaz de servir como critério para todas as dimensões, exceto a avaliação do próprio trabalhador sobre seu serviço. Sendo assim, os levantamentos de campo que utilizam perguntas diretas aos trabalhadores são mais adequados para medir a intensidade (Dal Rosso, 2008. p. 93-94), citado por Guanais (2018, p. 262)

En ese sentido, relatos que evidencien gran desgaste como resultado de alguna actividad laboral dan cuenta de condiciones de trabajo intensificadas, esto es independiente a que la actividad laboral exija competencias físicas o mentales.

#### **4.1.5 Conexiones internas**

Es importante agregar algunos elementos en relación a las conexiones internas que existen entre estos tres mecanismos ya que, así como argumenta Marini, estos tres mecanismos, si bien pueden darse de forma separada, normalmente lo hacen en conjunto. Así como vimos, la fuerza de trabajo debe ser paga por un valor igual al necesario para su producción y reproducción en condiciones normales, en ese sentido, la fuerza de trabajo tiene un valor diario y un valor total. El primero, se refiere a un valor equivalente a las necesidades de un día de trabajo, el segundo, a toda la vida útil del trabajador, de esta manera, un empleador puede estar consumiendo en un día de trabajo lo equivalente a tres días y estar pagando solamente el valor de un día. Marx explica este punto a partir de un diálogo hipotético entre un trabajador y un empleador:

Por meio de um prolongamento desmedido da jornada de trabalho, podes, em um dia, fazer fluir uma quantidade de minha força de trabalho maior do que a posso repor em três dias. O que assim ganhas em trabalho eu perco em substancia do trabalho. A utilização da minha força de trabalho e o roubo dessa força são coisas completamente distintas. Se o período médio que um trabalhador médio pode viver executando uma quantidade razoável de trabalho é de 30 anos, o valor de minha força de trabalho, que me pagas diariamente, é de  $1/365 \times 30$ , ou  $1/10.950$  de seu valor total. Mas se a consumes em 10 nos, pagas-me diariamente  $1/10.950$  em vez de  $1/3.650$  de seu valor total; por tanto, apenas  $1/3$  de seu valor diário, e me furtas, assim, diariamente,  $2/3$  do valor de minha mercadoria. *Pagas-me pela força de trabalho de*

*um dia, mas consumes a de 3 dias. Isso fere nosso contrato e alei da troca de mercadorias. (MARX, 2017, p. 308)<sup>137</sup>*

De esta manera, y siguiendo el ejemplo de Marx, aunque el trabajador reciba efectivamente un salario que iguale el esfuerzo realizado, su vida útil se ha reducido unas dos terceras partes dado que el cuerpo humano tiene límites infranqueables. Luce (2018) propone a los conceptos de *fundo de consumo* y *fundo de vida* que “expressam, dialeticamente, a transubstanciação do *valor diário* e do *valor total*”, de tal forma que “uma insuficiência do fundo de consumo provocada pelo rebaixamento do pagamento da força de trabalho influi negativamente sobre o fundo de vida” (ibidem, p. 519). De esta manera, el fondo de consumo es la contrapartida del valor diario y, por su parte, el fondo de vida es la contrapartida del valor total. Estos conceptos mediadores son útiles para comprender las diversas manifestaciones de la súperexplotación del trabajo.

Si bien, con el cumplimiento de uno de los tres mecanismos mencionados -siempre que se imposibilite la reproducción normal de la capacidad del trabajo- es suficiente para considerar al trabajador como superexplotado, la presencia de uno de los mecanismos facilita la presencia de los demás. En el caso del pago por debajo del valor de la fuerza de trabajo, el trabajador, ante unos ingresos insuficientes para reproducir su vida y la de su familia, se ve obligado a recurrir a horas extras, a mayor intensidad -en los casos donde el pago sea por producción o haya bonos por producción-, y/o a buscar otros empleos, etc. *De esta manera, el trabajador estaría sacrificando su fondo de vida para restaurar su fondo de consumo.*

Do ponto de vista do capital, reduzir os poros da jornada -seja a jornada diária, seja a jornada anual- de modo a exigir do trabalhador maior dispêndio de sua força viva sem incorrer em custos adicionais para contratação de novos empregados consiste em um método de apropriação de uma massa superior de valor atentando contra o fundo de vida da classe trabalhadora. Quanto a este, contar com menos tempo para repouso e recuperação de sua força vital -seja reduzindo o tempo de almoço, seja reduzindo o tempo de descanso semanal, seja ainda reduzindo o tempo de descanso de férias -não poderá ser compensado em aumento da quantidade de bens consumido. Com isso, o sobredesgaste de sua corporeidade físico-psíquica tende a levar a piora de suas condições de vida, ao adoecimento e ao esgotamento prematuro de seu tempo de vida útil. Que os trabalhadores aceitem essas medidas em troca de adicionais/abonos salariais apenas revela como a remuneração da força de trabalho por baixo de seu valor leva a que tenham de se submeter a violação de seu fundo de vida no esforço de tentar compensar parcialmente a apropriação de seu fundo de consumo. (LUCE, 2012, p. 188)

---

<sup>137</sup> El resaltado me pertenece

Con todos estos elementos puestos, pasaremos a analizar la situación de los trabajadores de las maquilas textiles del departamento de Alto Paraná y comprobar si son, o no, superexplotados.

#### 4.2 SUPEREXPLOTACIÓN DE LOS TRABAJADORES DE LAS MAQUILAS TEXTILES DEL ALTO PARANÁ

Una de las principales constataciones a lo largo de la investigación fue la imposibilidad de dissociar el escenario general del mercado de trabajo -o sea, los elementos estructurales que determinan la reproducción de la fuerza de trabajo- y las condiciones de trabajo específicas de los trabajadores de las maquilas textiles. Proceder de esa manera, nos hubiera otorgado una imagen parcial de la realidad que, sin duda, dificultaría comprender a cabalidad la compleja trama de fenómenos sociales oculta en los entretelones de las condiciones de trabajo en las maquilas textiles.

Intentar conocer la realidad de los trabajadores nos impuso, en primera instancia, la necesidad de comprender a la maquila en cuanto fenómeno histórico y económico, el contexto de su origen y sus características. La evaluación realizada, con el soporte teórico de la TMD, develó su esencia misma basada en la necesidad de reencausar la caída tendencial de la tasa de ganancia y la crisis generalizada consecuente. En ese sentido, el ejemplo de su desarrollo en México develó un patrón que, como pudimos corroborar para el caso paraguayo, fue seguido en sus aspectos generales. La maquila, dada su esencia, se desarrolla en lugares donde la fuerza de trabajo se reproduce en condiciones de superexplotación.

Las condiciones en la que se reproduce la clase trabajadora paraguaya dan cuenta de un escenario marcado por la precariedad: altos niveles de circulación, salarios inferiores al mínimo legal vigente, jornadas intensas y extensas. Una situación en general que genera incertidumbre y, en última instancia, dificulta la reproducción normal de la fuerza de trabajo. Es en este contexto en el que el trabajador llega a las maquiladoras textiles a buscar trabajo.

En las maquilas, el trabajador ha encontrado una situación similar a las condiciones del mercado de trabajo en general, aunque con algunas diferencias: ha encontrado al salario mínimo y seguro social a cambio de condiciones de trabajo muy intensas.

##### 4.2.1 Salarios

Las maquilas ofrecen salario mínimo legal vigente y, generalmente, también el aporte al IPS, sin embargo, este pago puede ser violado a través de ciertos mecanismos. En primer

lugar, tenemos a las suspensiones. Éstas son muy comunes en algunas maquilas y pueden deberse a una gran variedad de situaciones. Según Helena, ellas pueden darse por

Por cualquier *macanada*<sup>138</sup>, ahí no hay una especie de “no, si vos hacés tal cosa...” no, ahí es por cualquier cosa, porque vos hablaste, porque vos estabas recostado por el estante, por comer chicle, o porque esto, por aquello, por cualquier motivo te pueden mandar amonestación (...) (Helena).

Entre ellas, también el no cumplimiento de las metas puede ser motivo de amonestación. De esta forma, las amonestaciones, además de fungir como un instrumento de disciplinamiento, reducen el ingreso del trabajador. Por otro lado, en algunos puestos de trabajo el SMLV no es respetado. Este es el caso del sector denominado “simple” en la maquiladora Planta B, donde los trabajadores tienen turnos de 12 horas. El salario de los trabajadores en este sector no respeta el monto que debe ser abonado por las horas nocturnas realizadas, además del hecho de pagar este sobresueldo -incompleto- con el título de “incentivo” y no como parte del salario mínimo propio de las condiciones de su jornada laboral. Esto le ha permitido a la patronal no aumentar proporcionalmente este sobresueldo con los aumentos del salario mínimo que tienen lugar de forma anual con la excusa de que, justamente, éste no es parte del SMLV. A esto se suma el hecho de que trabajan 3 horas a más de la jornada legal para labores que se realizan en horarios mixtos -esto es, que incluyen horarios nocturnos y diurnos-<sup>139</sup> sin recibir la compensación monetaria por estas horas extras. Es necesario mencionar una situación más donde no es respetado el pago correspondiente al trabajador, nos referimos a las indemnizaciones por despido injustificado. Es un hecho bastante común que, una vez los trabajadores hayan sido despedidos sin justificación y sin previo aviso, no reciban el monto que legalmente corresponde en concepto de liquidación, fue el caso de varios entrevistados, además de ser un tema recurrente en las conversaciones con todos los informantes.

Llevemos ahora el análisis a otra cuestión de igual relevancia para comprender la remuneración de los trabajadores. La gran mayoría de los entrevistados ha referido la insuficiencia del SMLV para reproducir normalmente sus vidas:

Y ahora con el tema de que alzaron [de precio] todas las mercaderías, todo ahora subió precio, y el salario apenas subió 80 mil por ahí, eso es demasiado poco y las mercaderías casi cada cosa subió más, 2, 3 mil más y ese 80 mil más no va a abastecer, si van a empezar a alzar el precio de las cosas por qué no alzan hasta 3 millón por ahí [el salario mínimo], así para que sobre algo, porque con lo que ganamos

---

<sup>138</sup> “Macanada”, expresión popular que se refiere a algo sin importancia.

<sup>139</sup> Según el código laboral paraguayo, la jornada semanal diurna debe tener como máximo 48 horas, mientras que la jornada semana mixta 45 horas.

ahora sólo nos da para comer, comer y cubrir los gastos, no se puede ahorrar.  
(Pedro)<sup>140</sup>

Por otro lado, Felipe, en su relato deja ver la misma situación además de otros elementos relevantes:

(...) ese chino [dueño de una maquiladora] es muy poderoso acá, si es que vos le denunciás no le ganás... uno trabajá ahí porque necesita, entendés, y es sólo para comer, más nada, porque provecho para sacar de ahí no hay nada, ganás mínimo, con mínimo te sustentás miserablemente, entendés, yo tengo la ayuda de mi señora, ahora con mis hijos trabajando también, ahí sobra más, entendés, por eso varios son los muchachitos, o sea, que los que tienen familia, son solteros, soltera los que trabajan más ahí. (Felipe)

En esta intervención, Felipe se refiere al dueño de la empresa Planta A, mencionando que nadie puede ganar una demanda contra él dado que es “muy poderoso”. En general, el relato de que tanto el Ministerio del Trabajo, el sistema judicial e, incluso, los abogados independientes, son funcionales al poder monetario de los empresarios es bastante recurrente en todas las conversaciones con trabajadores. Volviendo al punto referente al salario. Vemos que la familia solo puede sustentarse cuando varios de sus miembros trabajan, esto incluye, muchas veces, a los hijos menores de edad, como fue su caso –que comenzó a trabajar a los 11 años- y ahora también el de su hijo. Esto nos lleva a la pregunta, el salario mínimo legal vigente en Paraguay ¿corresponde con el valor de la fuerza de trabajo?

A diferencia del caso paraguayo, Brasil cuenta con un cálculo del salario mínimo necesario (SMN) alternativo al realizado por las instituciones estatales. Éste es realizado por el Departamento Intersindical de Estadísticas y Estudios Socioeconómicos (Dieese), que busca reflejar, de manera más precisa, la expresión monetaria de todos los bienes y servicios necesarios para la reproducción normal de la vida, de esta manera, ha evidenciado la distancia entre el valor del salario mínimo legal y el salario mínimo necesario real para la producción integral de la fuerza de trabajo. El Paraguay no cuenta con alguna institución que elabore un cálculo del costo estimativo de la fuerza de trabajo alternativo a los instrumentos estatales que nos permita, con datos más certeros, comprobar la suficiencia o insuficiencia del SMLV. Sin embargo, estudios revelan que este valor, que es calculado en torno al índice de precios del consumidor (IPC), podría no corresponder con lo efectivamente necesario para reproducir en condiciones normales la vida, esto, a pesar de que el salario mínimo paraguayo se encuentre en el cuarto lugar entre los más altos de la región:

---

<sup>140</sup> El SMLV para el momento de la entrevista era de 2.289.324 gs.

En tanto que Paraguay se ubica en el cuarto lugar, con un salario estimado equivalente a unos 319 dólares americanos. Sin embargo, la peculiaridad radica en que, si bien el país se ubica entre los primeros lugares, se observan fundamentalmente dos factores que diluyen el poder adquisitivo de la población; por una parte, la baja calidad de los servicios públicos, la cual obliga a ceder gran parte del salario en beneficio del sector privado para garantizar salud, educación y movilidad, fundamentalmente; por otra parte, si bien para gran parte de los países de la región, el salario mínimo se constituye en un piso a partir del cual se proyectan los demás salarios, en Paraguay la realidad es que el salario mínimo se ha constituido en una suerte de “tope”, fundamentalmente en el sector privado que, amparado en la debilidad de las instituciones y su capacidad de controlar el cumplimiento de las leyes, este sector viola sistemáticamente las regulaciones vigentes en cuanto al ámbito laboral, tal como hemos visto con la situación de crisis derivada de la imposición de la cuarentena social en el primer trimestre del 2020, que dejó alrededor de 270 mil personas desempleadas, en donde 88 mil trabajadores fueron desvinculados sin ningún tipo de indemnización. (RÍOS , 2020)

De esta manera, la precariedad de servicios públicos básicos como salud, educación, transporte, etc., atentan contra el poder de compra del salario mínimo, ya que, en la medida en que la clase trabajadora deba recurrir a los servicios privados como consecuencia de las carencias en la atención pública, el valor de la fuerza de trabajo aumenta. Esto es así dado que, como vimos, el valor de la fuerza de trabajo tiene un componente moral e histórico, por lo que, su estimación se realiza en relación a las posibilidades de realización de la vida en condiciones normales en determinado lugar y determinado tiempo<sup>141</sup>. Que el salario mínimo en Paraguay sea uno de los más altos de la región no implica necesariamente que este exprese el valor de la fuerza de trabajo.

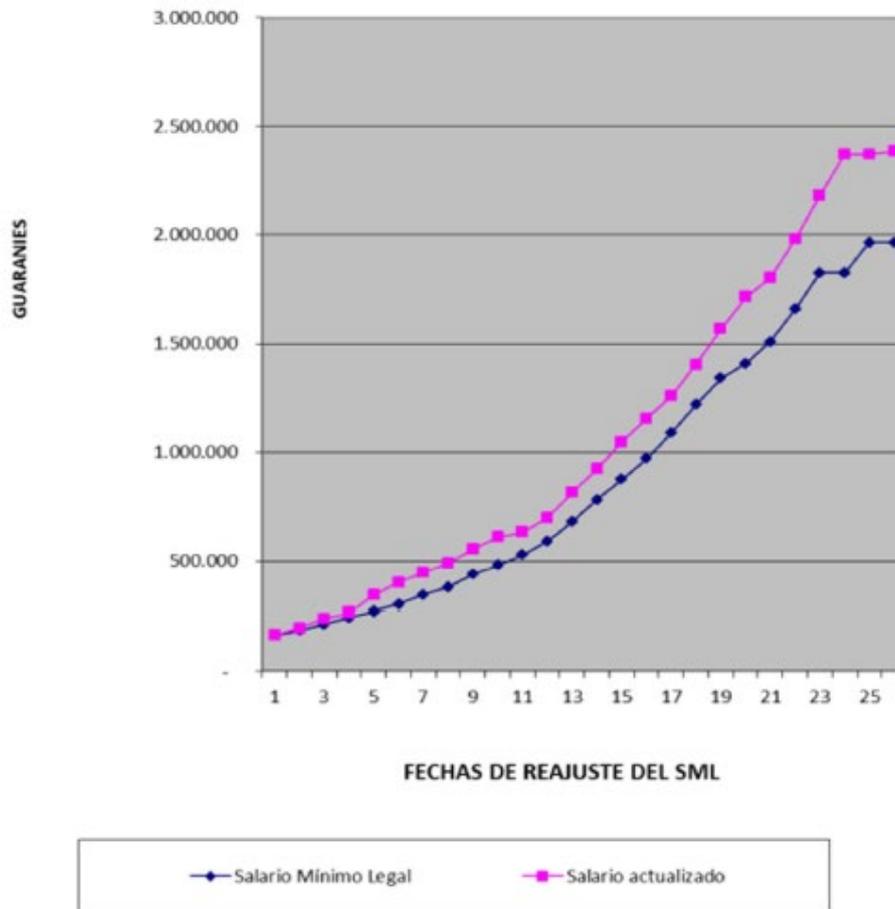
En ese sentido, en un estudio sobre la determinación del salario mínimo en Paraguay, Monte Domecq (2017) demostró que, desde 01 de junio de 1989 a diciembre de 2016, se había acumulado una brecha del 30% entre el valor económico del salario mínimo y el nivel de inflación medido por el Banco Central del Paraguay (BCP), esto es así dado que los sucesivos aumentos del salario mínimo que tuvieron lugar en el periodo de tiempo estudiado, se realizaron siempre por debajo de la inflación medida por el índice de precio del consumidor (IPC). Esto tiene consecuencias negativas evidentes en el poder de compra del salario mínimo.

---

<sup>141</sup> Siempre y cuando el salario permita una reproducción “normal” de la fuerza de trabajo, éste respeta el valor de la fuerza de trabajo. Puede ser el caso, por ejemplo, que en otros países el salario mínimo sea inferior al paraguayo, pero sea equivalente al valor de la fuerza de trabajo de ese país.

En el siguiente cuadro es posible apreciar con mayor claridad el progresivo distanciamiento entre el salario mínimo legal -que es el que estipulado por las instituciones públicas- y el salario actualizado -que es el salario que debería ser de acuerdo a los índices del IPC.

Gráfico - 9 **PERDIDA DE VALOR MONETARIO DEL SALARIO POR INFLACION SEGUN IPC DEL BCP. Junio 1989 a Diciembre 2016.**



Fuente: Monte-Domecq (2017, p.10)

Por otro lado, el autor reconoce que el IPC medido por las instituciones estatales podría no reflejar el verdadero costo de la canasta básica:

Al no ser de fuentes del sector privado como organizaciones sindicales, empresa privada, sector académico u organizaciones no gubernamentales, se presume que sus resultados son bastante conservadores. Es decir, en sentido contrario, si se usa para este mismo calculo un Índice de Costo de Vida para el trabajador urbano del Gran Asunción y principales polos poblacionales del país, es probable que los resultados sean sensiblemente más realistas, y por ende, la pérdida del poder de compra del

salario sería muy superior al nivel que a continuación se expone. (MONTE-DOMECCQ, 2017, p. 9)

A partir de esto, es posible comprender lo relatado por los trabajadores en relación a las posibilidades de consumo que permite el salario mínimo, como ha mencionado Felipe, con un salario mínimo “te sustentas miserablemente”, obligando, incluso, a los hijos menores de edad a trabajar para lograr el sustento familiar<sup>142</sup>.

#### **4.2.2 Extensión e intensidad de la jornada de trabajo**

Las extensiones de la jornada semanal son recurrentes en las maquilas textiles y las podemos dividir en dos grupos: aquellas que se dan el marco de la legislación laboral y las que se dan al margen. En relación a las primeras, existen maquilas que abiertamente extienden la jornada de trabajo más allá de las 8 horas diarias y las 48 horas semanales sin los pagos compensatorios correspondientes. Este es el caso de Planta A, que, sin reparos ni justificaciones, abiertamente impone jornadas diarias de 8 horas y media y 51 semanales. Por otro lado, otras recurren a mecanismos para ocultar la extensión de la jornada laboral como en el caso de Planta B, donde los costureros deben realizar tareas propias y obligatorias de la labor -limpiar los residuos generados a lo largo del día- solo posterior al cumplimiento del horario de salida; llegar media hora antes del inicio de la jornada para lograr pasar en debido tiempo todo el protocolo de ingreso -y en el caso del sector “simple” deben estar frente a las máquinas 15 minutos antes del inicio oficial de su turno. Todos estos mecanismos extienden, de hecho, la jornada de trabajo más allá de los límites legales impuestos en la medida en que forman parte habitual del día de trabajo.

Por otro lado, existen otros mecanismos que extienden la jornada de trabajo de una forma más velada. Es el caso de la maquiladora Planta C, donde, a través de un relacionamiento laboral que busca generar lazos subjetivos de afectividad, los trabajadores trabajan horas extras -no pagas- para lograr alcanzar la meta semanal de producción y, de esa manera, cobrar la bonificación económica correspondiente. Esto se realiza sin el reproche de los trabajadores quienes trabajan este tiempo demás por “voluntad propia”. Por otro lado, y también debido a altas metas de productividad, en algunos sectores de la maquiladora Planta B, los trabajadores deben comenzar la jornada laboral dos horas antes de su inicio oficial, esto debido a la

---

<sup>142</sup> Según los datos del Compendio estadístico del INE (2020), el 11,2% de los niños entre 12 y 14 años de edad es económicamente activo. La cifra aumenta con la edad, de tal manera que, para la franja etaria entre los 15 y 19 años de edad, la cifra asciende al 44,1%.

imposibilidad de lograr el objetivo en los Pedro de la jornada diaria estipulada. Aunque al igual que el primer caso, esta extensión se realiza por voluntad propia, generalmente suele ser diferente el factor subjetivo que moviliza esta “decisión” de extender el trabajo, siendo que en el primero no existe una conciencia clara de que el día extra de trabajo se debe a que las exigencias de trabajo son muy altas, en cambio, en el segundo, existen reproches ya que se evidencia con más claridad el motivo de la extensión de la jornada (en estos caso, requiriendo entrar dos horas antes al puesto de trabajo).

Por otra parte, las jornadas laborales se encuentran marcadas por un alto grado de intensidad. Esta es una característica absolutamente transversal a todas las plantas. Los niveles de exigencia en la producción cubren todos los poros posibles en la jornada de trabajo extrayendo, de esta manera, todo lo posible de la capacidad de trabajo de los empleados. Todos los entrevistados, en diferentes roles y fábricas, han manifestado que las metas de producción solo pueden ser alcanzadas mediante una gran concentración y un esfuerzo sostenido, sin descansos sustanciales en todas las horas destinadas a la labor. Esto genera que algunos funcionarios, por ejemplo, decidan no tomar agua para reducir la necesidad de ir al baño para, de esta manera, no perder tiempo de producción. Así mismo, aquellos funcionarios más antiguos, han sido testigos de los regulares aumentos de las metas de producción a través del tiempo sin cambios de ningún tipo en la composición técnica del capital, lo que demuestra de forma irrefutable procesos de intensificación del trabajo. Ahora bien ¿cuáles son los efectos de estas condiciones de trabajo? muchos trabajadores han manifestado altos niveles de cansancio posterior a las jornadas de trabajo, estrés y ciertos dolores físicos. La constatación de que al trabajo intensificado corresponde una mayor cuantía de retribución es, incluso, evidente para algunos trabajadores. Es el caso de Oscar, para quien el salario debería ser mayor dada la cantidad de esfuerzo invertido:

Vamos a poner que vos ganás sueldo mínimo, pero vos en realidad estás produciendo como tres a cinco veces más de tu sueldo, entendés, vos, lo que vos estás produciendo, vos mínimo tenés que ganar un *5 palo*<sup>143</sup> y eso, ahí quién se va a quejar, verdad, trabajo duro, pero ganás bien (...) (Oscar)

Los tres mecanismos de la superexplotación se manifiestan de forma entrelazada. Como consecuencia de ingresos insuficientes para reproducir la vida en condiciones normales, los trabajadores se ven obligados a extender e intensificar sus jornadas de trabajo para, o bien, mantener sus puestos de trabajo, o bien, conseguir bonificaciones económicas que aumenten el magro ingreso proveniente del salario mínimo.

---

<sup>143</sup> “palo” expresión popular que se refiere a un millón de guaraníes (1.000.000 gs.)

### 4.2.3 Ejército industrial de reserva

Así mismo, pudimos ver que el fenómeno del ejército industrial de reserva es fundamental para que siempre existan trabajadores disponibles para la labor lo que, a su vez, genera una mayor presión para los trabajadores empleados, funcionando como un mecanismo que, a la vez, permite el aumento de presión y sobre-trabajo en la producción y funge de disciplinamiento riguroso. Según el mismo Marx:

O sobretrabalho da parte ocupada da classe trabalhadora engrossa as fileiras de sua reserva, ao mesmo tempo que, inversamente, esta última exerce, mediante sua concorrência, uma pressão aumentada sobre a primeira, forçando-a ao sobretrabalho e a submissão aos ditames do capital. A condenação de uma parte da classe trabalhadora a ociosidade forçada em razão do sobretrabalho da outra parte, e vice-versa, torna-se um meio de enriquecimento do capitalista individual. (MARX, 2017, p. 711)

Esto se puede ver claramente en varias entrevistas con trabajadores, quienes manifiestan que sus compañeros de trabajo generalmente tienen miedo de reclamar el mejoramiento de las condiciones de trabajo debido a la posibilidad del despido, lo que acarrea una gran incertidumbre la reproducción de su vida la de su familia:

Oscar: (...) también la mayoría pues *okirĩri*<sup>144</sup>, por qué, por necesidad, ahí es donde se aprovecha la gente.

Camila: Ahí es donde te dicen “muchas gente quiere trabajar” y ahí pues es el tema, imagináte si todo el mundo se niega a ese abuso, vamos a decir, porque es un abuso... si todo el mundo se niega a ese abuso, van a tener que acceder ellos a lo que nosotros pedimos, a los trabajadores, verdad, porque... sin embargo, siempre hay gente que está necesitando y baja la cabeza y acepta.

Sobre la posibilidad de la organización, Andres manifestó que es difícil organizarse, debido a que los trabajadores tienen miedo del despido:

Andres: No, uno luego acá no podés organizarte porque acá se pelean entre todos luego, no hay un acuerdo, no hay una unidad entre los compañeros, entendés. Vos le decís a los compañeros y te dicen que te van a echar verdad, tienen miedo de que se le heche y de que hay poco trabajo y ahí termina otra vez.

De esta manera, pudimos comprobar lo que dice Felix (2019, p. 314) de que “A produção e a existência de uma superexploração relativa disciplina regimes e dinâmicas de trabalho do exército ativo de trabalhadores (...)”. Entre los trabajadores y las trabajadoras entrevistadas, tuvimos al núcleo principal que intentó organizar un sindicato en la maquiladora Planta B, que, de haber llegado a su conclusión, hubiera sido el primer sindicato en una maquiladora en Paraguay. El Sindicato de trabajadores de Planta B (SITRAOHAI) nunca pudo

---

<sup>144</sup> “okirĩri”, palabra en guaraní que en español quiere decir “se callan” o “mantienen silencio”.

concluir su proceso de formalización debido a la furiosa persecución que se desató una vez la patronal se enteró de su existencia. Según cuenta Helena, Secretaria General del sindicato, éste ya había pasado por casi todas las etapas formales para su constitución como un sindicato legalmente reconocido y con todas las prerrogativas que la ley le otorga, sin embargo, el proceso fue bastante entorpecido en el Ministerio del Trabajo -órgano encargado de su reconocimiento- hasta que, finalmente, a través de un compañero de trabajo que alertó a la patronal de la situación, fueron despedidos todos aquellos que formaban parte de la constitución del mismo. De las más de 40 personas despedidas, más de la mitad no tenía nada que ver con el sindicato en sí, sino que fueron despedidos porque se los vio hablando con alguno de los implicados o porque tenían lazos de amistad, etc. A pesar de que los despidos fueron irregulares -debido a que, dada la etapa en la que se encontraban, los trabajadores ya contaban con inmunidad legal-, nada ha impedido a la patronal proceder tal cual lo hizo. El sistema judicial, especialmente en lo laboral, es extremadamente lento debido a la sobrecarga de trabajo y al tamaño reducido para dar cabida a todos los procesos que existen. De esta manera, los procesos judiciales pueden durar varios años sin la certeza de que habrá una resolución favorable, por lo que mucho de los trabajadores prefieren no realizar las demandas correspondientes<sup>145</sup>.

Además de eso, existe una conciencia generalizada de una gran corrupción dentro del esquema de justicia, incluyendo a los abogados defensores. Los trabajadores, en general, tienen la clara conciencia de que uno de los motivos por los que es difícil ganar a la patronal es por el hecho de que ésta puede pagar a los jueces e, incluso, al abogado defensor.

Pero sabés qué pasa también, que muchas personas se someten por el tema de que justamente, nuestro propio gobierno, nuestro propio Ministerio [de trabajo] que se supone que a nosotros nos deben de proteger ¿qué hacen? se venden. Imaginate, vos te vas a denunciar un mal trato laboral, o lo que sea, te vas al Ministerio, te aceptan la denuncia, te ponés abogado y al final tu abogado, el Ministerio, todos se venden ahí, y vos te quedás... no tenés opciones, entendés y mucha gente también tiene miedo de eso, entendés, “¿y qué voy a ganar? Si le demando no voy a ganar, voy a perder mi tiempo, plata y...” entonces prefieren callarse nomás, entendés, mucho se pasa también por eso porque saben que no van a ganar nada y que tienen, aparte de perder tu trabajo, perdés otra vez lo que sería tu indemnización, y a veces la indemnización que ellos quieren pagar es menor, a mí me quisieron pagar muchísimo menos mi indemnización y yo no le firmé a ellos en la primera cuando ellos me liquidaron, les dije “acá me está faltando plata, me está faltando la plata de mis vacaciones” le dije “y ese es mucha plata” le dije, me iban a pagar 5 millones nomás, y 8 millón 500 mil por ahí me correspondía, era tres millón y medio era. (Helena)

---

<sup>145</sup> El caso de la maquila Planta T, donde trabajadores realizaron una huelga y fueron despedidos de forma irregular, ya cuenta con más de 4 años y aún no ha llegado a una conclusión. Para más información sobre el conflicto, ver Jara (2019).

Según manifestaciones de dirigentes sindicales entrevistados, el actuar del Ministerio del Trabajo es funcional a los intereses de las patronales, esto es, no cumplen su rol de protección al trabajador, además del hecho de que el proceso mismo de conformación de sindicatos suele pasar por un tortuoso y largo camino burocrático haciendo con que muchos queden por el camino. En esa misma línea, y según la misma fuente, existen presunciones de que el Ministerio ha llegado a filtrar informaciones referentes a la conformación de sindicatos, pasando a conspirar directamente contra la organización obrera.

De esta manera, una vez puestos todos estos elementos, creemos que existe evidencia suficiente como para concluir que la hipótesis del presente trabajo de investigación se cumple: los trabajadores de las maquiladoras textiles en Alto Paraná son, efectivamente, superexplotados.

## CONCLUSIÓN

Gran parte de la maquinaria burocrática del Estado es funcional a los intereses de las patronales, a veces por omisión, y otras con entusiasmadas intervenciones. Desde la determinación del salario mínimo por debajo de las necesidades reales de reproducción de la fuerza de trabajo, pasando por el desfinanciamiento de las instituciones encargadas de brindar los servicios públicos básicos, como los de salud, educación, transporte, etc., -que genera un estímulo para el fortalecimiento de los sectores privados que brindan estos servicios-, hasta la inoperancia en la mayoría de los casos del Ministerio del Trabajo y el aparato judicial en lo laboral, son expresiones de una sociedad marcada por el dominio hegemónico de las patronales, un dominio que solo podrá ser quebrantado con un cambio en la correlación de fuerzas en la lucha de clases, lo que, a su vez, podrá ser conseguido mediante una mayor conciencia de los trabajadores de su situación de precariedad y, consecuentemente, la organización obrera con soportes más sólidos.

Sin embargo, son justamente estas características las que permiten el desarrollo de las maquiladoras en las economías menos favorecidas. Como pudimos ver, las maquilas surgen en el contexto de la reestructuración productiva resultado de una crisis estructural, concretamente, ella es parte de un proceso más amplio denominado “deslocalización productiva”, a través del cual se buscó aprovechar las “ventajas comparativas” que ofrecen los países donde la fuerza de trabajo se reproduce en condiciones de superexplotación. A partir del caso mexicano, donde la maquila tiene un historial de más de 50 años, podemos vislumbrar algunos posibles desdoblamientos de las maquilas paraguayas. Ésta, a pesar de todo el estímulo recibido desde el gobierno mexicano, no ha logrado convertirse en la palanca de desarrollo industrial pretendido. Si bien, es cierto que ha logrado incubar procesos productivos que emulan las funciones de casa matrices, estas expresiones son marginales y se encuentran muy lejos de constituir un proceso de industrialización orgánico que se convierta en el eje dinamizador del desarrollo societal.

Quedó demostrado que la maquila es una expresión propia del capitalismo dependiente que se sustenta, principalmente, en la escisión del ciclo del capital y en la superexplotación del trabajo. Forma parte de lo que Osorio (2012) denominó de “nuevo patrón exportador de especialización productiva” en la medida en que ha surgido en detrimento del proyecto de desarrollo industrial nacional ya que estas actividades industriales pasaron a anclarse totalmente

al capital internacional con pocas conexiones con el mercado interno y donde, principalmente, el factor competitivo reside en la capacidad de deteriorar el salario y de “flexibilizar” las condiciones de trabajo.

Al momento de analizar las condiciones de trabajo de los trabajadores de las maquilas textiles, nos vimos obligados a recurrir a un ejercicio de mayor contextualización del fenómeno social estudiado. Esto se justifica, principalmente, en el hecho de que la circulación se ha mostrado central en la vida laboral cotidiana de los trabajadores, fue por ello que decidimos tratar este tema como apertura de la segunda parte del trabajo. No es posible comprender a cabalidad las condiciones de trabajo en las plantas textiles sin conocer las características del mercado de trabajo en general. Así como manifestó un abogado laboralista en la referida anterior investigación (Jara, 2019), para muchos, las maquilas han permitido acceder por primera vez a un salario mínimo y al seguro social del IPS. A pesar de ello, vimos los mecanismos a través de los cuales las jornadas laborales son sistemáticamente extendidas más allá de las fronteras legales, así mismo, vimos cómo éstas también son recargadas con altos niveles de intensidad y cómo, finalmente, el pago que reciben no alcanza el valor de la fuerza de trabajo, mecanismos que demuestran que se reproducen en condiciones de superexplotación.

El caso paraguayo tiene peculiaridades que se desprenden, principalmente, de su posición geográfica. Mientras que el principal capital inversor en la industria maquiladora mexicana es el capital norteamericano, en Paraguay lo es el capital brasileño. Así mismo, aquella distinción que hemos apuntado entre las plantas de confección de indumentarias y las de confección de mantas, medias y bóxer aún debe ser más explorada. Como tema de investigación, las maquilas aún han sido muy poco abordadas, por lo que esperamos que el presente trabajo pueda servir como material de apoyo para futuras investigaciones.

El escenario general de causas, consecuencias, determinaciones y variables que hemos expuesto, evidencia la imposibilidad de llegar al desarrollo de una efectiva industrialización y, con ello, un mejoramiento de la calidad de vida de la población en general a partir de la apuesta en la industria maquiladora. La organización de la producción a partir de las leyes del capitalismo impone, necesariamente, desbalances en el proceso productivo generando acumulaciones en sectores y precarizaciones en otros. Bajo la lógica del capital, no es posible pensar un desarrollo armónico de la humanidad en todos sus órdenes y todos los lugares. La única forma de lograr un efectivo desarrollo de la fuerza productiva es anclándola a las necesidades reales de las masas y no a las del lucro, lo que solo puede ser logrado mediante la

socialización de los medios de producción y, con esto, la eliminación del capitalismo como modo de producción.

## REFERENCIAS

ALVES, G. A superexploração do trabalho e o colapso/expansão da forma-valor no capitalismo global: notas teóricas. In: GUANAIS, J.; GIL, F. **Superexploração do trabalho no Século XXI. Debates contemporâneos**. 1. ed. São Paulo: Praxis, 2018. p. 69-94.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão. O novo proletariado de serviço na era digital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

ARRÚA, L. et al. **Radiografía del Agronegocio Sojero**. Asunción: BASE-IS, 2020.

BAMBIRRA, V. **Teoría de la dependencia**: una anticrítica. 1º. ed. Ciudad de México: Ediciones Era, S.A., 1978. 23 p.

BAMBIRRA, V. **El capitalismo dependiente latinoamericano**. 15. ed. Ciudad de México: Siglo XXI, 1999.

BARTHOLOMEU, A. P. V. G. **A Lei Maquila na Dinâmica das Relações Internacionais entre Brasil e Paraguai**. Foz do Iguaçu: Orientador: Prof. Dr. Gustavo Oliveira Vieira. TCC (Graduación). Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2021.

BAUMGRATZ, D. **Brasil e Paraguai**: uma relação subimperialista? Foz do Iguaçu: Dissertação de mestrado. Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2019.

BCP. **Informe Económico**. Banco Central del Paraguay. [S.l.]. Setiembre 2022.

BUITELAAR, R.; PADILLA, J. Maquila, Economic Reform and Corporate Strategies. **Elsevier Science World Development**, Gran Bretaña, v. 28, n. 9, p. 1627-1642, 2000.

BUITELAAR, R.; PADILLA, R. Maquila, Economic Reform and Corporate Strategies. **Elsevier Science World Development**, v. 28, n. 9, p. 1627-1642, 2000.

CARCANHOLO, R. Rebelión, 2008. Disponível em: <<https://rebelion.org/aspectos-teoricos-de-la-crisis-capitalista/>>. Acesso em: 25 mayo 2022.

CARRILLO, J.; GOMIS, R. Generaciones de maquiladoras: Un primer acercamiento a su medición. **Frontera Norte**, México, v. 17, n. 33, p. 25-51, jun 2005.

CARRILLO, J.; KOPINAK, K. Empleo y relaciones laborales. Las maquiladoras en México. In: GARZA, E. D. L. **Cambios en las relaciones**. [S.l.]: [s.n.], 1999. p. 1-49.

CARRILLO, J. La industria maquiladora en México: ¿evolución o agotamiento? **Comercio Exterior**, México, v. 57, n. 8, p. 668-681, agosto 2007.

- CARRILLO, J. ¿De qué maquila me hablas?: Reflexiones sobre las complejidades de la industria maquiladora en México.. **Frontera Norte**, México, v. 26, n. 3, p. 75-98, septiembre 2014.
- CARRILLO, J.; LARA, A. Maquiladoras de cuarta generación y coordinación centralizada. **REvista Ciencias Administrativas**, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 161-171, dez 2003.
- CASAL, J.; MATEU, E. Tipos de muestreo. **Revisita de Epidemiología Medicina Preventiva**, España, p. 3 - 7, 2003.
- CASTILLO F., D.; SOTELO V., A. Outsourcing and the New Labor Precariousness in Latin America. **Latin American Perspectives**, p. 14-26, Set 2013.
- CECEÑA, A. E. Maquiladoras y TLC: dos expresiones, una problemática. **Problemas de desarrollo.**, México, v. XXIII, n. 88, p. 157-166, enero-marzo 1992.
- CHO, D. Relaciones laborales en la industria maquiladora coreana. **El cotidiano**, México, v. 19, n. 116, p. 37-44, nov-dic 2002.
- CNIME. Portal Unificado de Información Pública, 2021. Disponível em: <<https://informacionpublica.paraguay.gov.py/portal/#!/ciudadano/solicitud/46289>>. Acesso em: 02 setiembre 2021.
- CNIME. **INFORME ANUAL**. Consejo Nacional de Industrias Maquiladoras de Exportación. [S.l.]. diciembre 2021.
- CNIME. **Informe estadístico**. Consejo Nacional de Industrias Maquiladoras de Exportación. Asunción. enero 2021.
- CNIME. **Informe estadístico**. Consejo Nacional de las Industrias Maquiladoras de Exportación. Asunción. junio 2022.
- CNIME. **Datos de maquiladoras oficial**. Consejo Nacional de Industrias Maquiladoras de Exportación. Asunción. noviembre 2020.
- CORIAT, B.; GEOFFRON, P.; RUBINSTEIN, M. Límites de la competitividad japonesa. In: GARZA, E. G. **El debate nacional. México en el siglo XXI**. Ciudad de México: Diana-UANL, 1997. p. 43-88.
- COSTA, F. D. F. **Lei de Maquila: Impactos no Desenvolvimento Econômico do Paraguai de 2003 a 2016**. 2018. Toledo: Orientadora Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Mirian Beatriz Schneider. Dissertação (Maestría). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2018.
- DAL ROSSO, S. **Mais trabalho!**: a intensificacao do trabalho na sociedade contemporanea. Sao Paulo: Boitempo, 2008.
- DE LA CUEVA, J. **Investidores Brasileiros no Paraguai**: Orcamento de capital nas decisoes de investimento sob a perspectiva da teoria do investimento internacional. Curitiba: Orientadora: Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo. Dissertação (Maestría). Universidade Federal do Paraná, 2012.

DÍAZ-BALART, F. C. Impacto de las nuevas tecnologías en el desarrollo económico nacional. La experiencia cubana. In: VESSURI, H. **Universidad e investigación científica**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006.

DOS SANTOS, T. **Dependencia y cambio social**. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.

DOS SANTOS, T. **Sociolaismo o fascismo**. Ciudad de México: Edicol, 1978.

DURAND, J. El programa bracero (1942-1964): Un balance crítico. **Migración y desarrollo**, Ciudad de México, n. 9, p. 27-43, segundo semestre 2007.

ESPAÑOLA, R. A. Diccionario de la lengua española, 2014. Disponível em: <<https://dle.rae.es/maquila>>. Acesso em: 13 agosto 2022.

FELIX, G. Circulação e Superexploração do trabalho: agenda de estudos da condição proletária contemporânea. In: GIL, F.; GUANAIS, J. **Superexploração do trabalho no século XXI**. 1º. ed. Bauro, Sp: Praxis, 2018. p. 127-159.

FELIX, G. Sobre o conceito de exército industrial de reserva em Ruy Mauro Marini. In: FELIX, G. **Mobilidade e superexploração do trabalho**. Rio de Janeiro - Brasil: Lamparina, 2019. p. 305-327.

FIGUEIRA, N. **Da “meca do contrabando” ao “tigre guarani”, o novo Paraguai nas páginas de Veja: mudança de enfoque ou defesa da hegemonia?** Foz do Iguaçu: Orientadora: Prof.ª. Dr.ª. Denise. *Disertación (Maestría)* p. 177. Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2019.

FRETEZ, A. El régimen de maquila en el Paraguay entre (2000 - 2018) y sus similitudes con la industria maquiladora en México. **Disertación (Maestría). Universidad Nacional Autónoma de México. Programa de Pos Grado en Estudios Latinoamericanos**, CDMX, 2020.

FURTADO, C. **Formación económica del Brasil**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1962.

GARAYO, A. **Perfil de la Industria Maquiladora de Exportación**. Foz do Iguazú: Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Cantu de Souza. p. 104. TCC (Graduación). Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, 2018.

GUANAIS, J. **Pagamento por produção, intensificação do trabalho e superexploração na agroindústria canavieira**. 1. ed. São Paulo: Outras expressões, 2018.

GUEVARA, E. C. **El Hombre Nuevo**. Ciudad de México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1965.

HABEL, J.; MEJÍA DÍEZ, J. E. **Situación de los derechos humanos en las maquilas en América central**. Federación Internacional de los Derechos Humanos. [S.l.], p. 72. 2005. (428).

INE. **Boletín Trimestral de Empleo**. Instituto Nacional de Estadística. [S.l.]. 2do. trimestre 2022.

IRALA, A. Comunidades campesinas e indígenas. In: (COOR), M. P. **Con la soja al cuello 2021. Informe sobre agronegocios en Paraguay**. Asunción: Editorial Arandura, 2021. p. 118-123.

ITRIAGO, D. **Derechos que penden de un hilo**. Oxfam Intermón. [S.l.], p. 1-31. 2015.

JARA, V. **ESTUDIO DE LAS CONDICIONES DE TRABAJO EN UNA FÁBRICA TEXTIL EN EL DEPARTAMENTO DE ALTO PARANÁ**. Foz do Iguazu: Trabajo de conclusión de curso (Graduación en Ciencias Políticas y Sociología) - Universidad Federal de Integración Latinoamericana. 132 p., 2019.

JARA, V. Explotación y expulsión, la historia de un migrante. **Adelante**, Asunción, 31 mayo 2020.

JARA, V. Violencia y violencia simbólica en la maquila en Ciudad del Este. **Reista Alamedas**, p. 90-104, 2021.

LUCE, M. S. **O Subimperialismo revisitado: a politica de integracao regional do governo Lula (2003-2007)**. Porto Alegre: Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

LUCE, M. S. A superexploracao da forza de trabalho no Brasil. **Revista da Sociedade Brasileiro de Economia Política**, Sao Paulo, v. 11, n. 1, p. 119-141, junio 2012.

LUCE, M. S. **Teoria Marxista da Dependência. Problemas e categorias. Uma visão histórica**. 1°. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

LUKÁCS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo : Boitempo, 2012.

MACIEL, R. E. A. **A MAQUILA NO PARAGUAI: MODELO PRODUTIVO E INTEGRAÇÃO NO INÍCIO DO SÉCULO XXI**. Foz do Iguazu: Orientador: Prof. Dr. Juan Agullo Fernandez. Dissertação (Maestría), 109 p. }Universidade Federal da Integracao Latino-Americana, 2017.

MAGALHÃES, J. H. **A LEI DA MAQUILA COMO INSTRUMENTO DE DESENVOLVIMENTO DO PARAGUAI**. VIII Congresso Internacional de História. Maringá: Universidade Estadual de Maringá. 2017. p. 3347 - 3354.

MAIA, I. C. D. L. **A polarização industrial no Alto Paraná – Paraguai**. Foz do Iguazu: Orientador: Prof. Dr. Gilson Batista de Oliveira. 53 p. TCC. (Graduación). Universidade Federal da Integração Latino- Americana, 2021.

MARINI, R. M. Las razones del neodesarrollismo (respuesta a F.H. Cardozo y J. Serra). **Revista Mexicana de Sociología, número especial.**, Ciudad de México, 1978.

MARINI, R. M. Plusvalía extraordinaria y acumulación de capital. **Cuadernos Políticos**, Ciudad de México, n. 20, p. 18-39, abril-junio 1979.

MARINI, R. M. Sobre el patrón de reproducción del capital en Chile. **Cuadernos CIDAMO**, Ciudad de México, n. 7, p. 1-31, 1982.

MARINI, R. M. Ruy Mauro Marini, escritos, 1991. Disponível em: <<https://marini-escritos.unam.mx/?p=2894>>. Acesso em: 15 julio 2022.

MARINI, R. M. Dialéctica de la dependencia. In: MARTINS, C. E. **América Latina, dependencia y globalización. Fundamentos conceptuales Ruy Mauro Marini**. Buenos Aires y Bogotá: Siglo del hombre - CLACSO, 2008. p. 107-149.

MARINI, R. M. Las razones del neodesarrollismo (respuesta a F. H. Cardoso y J. Serra) (1978). In: MARTINS, C. E. **América Latina, dependencia y globalización. Fundamentos conceptuales Ruy Mauro Marini**. Buenos Aires y Bogotá: Siglo del Hombre - CLACSO, 2008. p. 165-233.

- MARINI, R. M. Proceso y tendencia de la globalización capitalista (1997). In: MARTINS, C. E. **América Latina, dependencia y globalización. Fundamentos conceptuales Ruy Mauro Marini**. Bogotá: Siglo del hombre - CLACSO, 2008b.
- MARINI, R. M. Dialética da dependência. In: TRASPADINI, R.; STÉDILE, J. P. **Ruy Mauro Marini. Vida e obra**. São paulo: Expressão Popular, 2011. p. 131-172.
- MARINI, R. M. Memória: por Ruy Mauro Marini. In: TRASPADINI, R.; STEDILE, J. P. **Ruy Maur MARini. Vida e Obra**. 2°. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011. p. 55-128.
- MARINI, R. M. Sobre a dialética da dependência, 1973. In: TRASPADINI, R.; STÉDILE, J. P. **Ruy Mauro Marini. Vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2011. p. 173-185.
- MARINI, R. M. O ciclo do capital na economia dependente. In: FERREIRA, C.; OSORIO, J.; LUCE, M. **Padrão de reprodução do capital. Contribuições da teoria marxista da dependência**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 21-35.
- MARX, K. **El capital. Livro II. O processo de circulação do capital**. São Paulo: Boitempo, 2014.
- MARX, K. **O capital livro I. O processo de produção do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MENDOZA, J. E. Las exportaciones de China y los determinantes locales del empleo en las maquiladoras de la frontera norte de México. **Región y sociedad**, Hermosillo, v. 21, n. 44, p. 145-170, abr 2009.
- MONTE-DOMEcq, R. **Evolución del salario mínimo en 28 años de democracia: cálculo de la pérdida del valor monetario del Salário Mínimo Legal del 01-junio-1989 al 31-diciembre-2016**. Oficina Internacional del Trabajo (OIT). Asunción, p. 22. 2017.
- MONTT, G.; SETRINI, G.; ARCE, L. **Barreras a la formalización del trabajo en Paraguay; Análisis cualitativo de las percepciones de trabajadores y empleadores**. Organización Internacional del Trabajo. Santiago, p. 59. 2021. (ISSN 2523-5001).
- MORALES, J. Maquila 2000. In: MORALES, J. **El Eslabón industrial, cuatro imágenes de la Maquila en México**. 1. ed. Ciudad de México: Nuestro Tiempo, 2000. p. 17-102.
- MORALES, J. La industria maquiladora en México bajo el TLCAN 1993-2013. In: VILLAGRA, L. R. **Neoliberalismo en América Latina. Crisis, tendencias y alternativas**. 1. ed. [S.l.]: Clacso, 2015. p. 103-124.
- MOREL, G. S. A. **UN BREVE ANALISIS DE LA MAQUILA PARAGUAYA**. Foz do Iguazú: Orientador: Prof. Dr. Amilton J. Moretto. TCC (Graduación). Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, 2020.
- MUNDIAL, B. Banco Mundial. **Gasto público en educación, total (% del PIB)**, 2010. Disponible em: <[https://datos.bancomundial.org/indicador/SE.XPD.TOTL.GD.ZS?name\\_desc=false](https://datos.bancomundial.org/indicador/SE.XPD.TOTL.GD.ZS?name_desc=false)>. Acceso em: 16 mayo 2022.
- MUNDIAL, B. Banco Mundial. **Médicos (por cada 1.000 personas)**, 2018. Disponible em: <<https://datos.bancomundial.org/indicador/SH.MED.PHYS.ZS>>. Acceso em: 14 mayo 2022.
- NGAI, P.; CHAN, J.; SELDEN, M. The Politics of Global Production: Apple, Fosconn and China's New Working Class. **The Asia Pacific journal: JapanFocus**, v. 11, n. 2, agosto 2013.

- OSORIO, J. **Explotación redoblada y actualidad de la revolución**. Ciudad de México: Itaca/Unam, 2008.
- OSORIO, J. América Latina: o novo padrão exportador de especialização produtiva - estudo de cinco economias da região. In: FERREIRA, C.; OSORIO, J.; LUCE, M. **Padrão de reprodução de capital**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 103-133.
- OSORIO, J. Padrão de reprodução do capital. In: FERREIRA, C.; OSORIO, J.; LUCE, M. **Padrão de reprodução do capital**. 1. ed. São Paulo : Boitempo, 2012. p. 37-86.
- PARAGUAY. **LEY Nº 1.064/97. DE LA INDUSTRIA MAQUILADORA DE EXPORTACION**. Asunción: Congreso de la República del Paraguay, 1997.
- PARAGUAY. **Decreto 9585. POR EL CUAL SE REGLAMENTA LA LEY 1.064/97 "DE MAQUILA"**. Asunción: Congreso Nacional de la República del Paraguay, 2000.
- PASTORE, C. **La lucha por la tierra en el Paraguay**. Asunción: Intercontinental, 2008.
- PORTANTIERO, J. C. La Sociología Clásica: Durkheim y Weber - Estudio Preliminar, p. 1-13, 2013.
- PULIDO, M.; LEDESMA, B.; VILLEGAS, J. Estrés y sistema inmune en obreras de maquiladoras hondureñas. **Salud de los trabajadores**, Maracay, v. 20, n. 2, p. 193-204, dic 2012.
- PUYANA, A.; ROMERO, J. A. La maquila (fragmentación de los procesos productivos) y su impacto sobre las remuneraciones de los factores. **Prob. Des**, Ciudad de México, v. 36, n. 141, p. 155-182, jun 2005.
- QUINTERO, C. Relaciones laborales en la maquiladora: balance y perspectivas. **El cotidiano**, México, v. 19, n. 116, p. 17-26, nov-dic 2002.
- QUINTERO, C. **Maquiladoras y condiciones laborales. Entre la precariedad y el trabajo digno. El caso de México**. Global Development: Challenges for Union Strategies. Campinas: [s.n.]. 2008.
- RÍOS, A. N. **Presupuesto para el cálculo de un salario mínimo**. Universidad Nacional del Este. Facultad de Ciencias Económicas. Dirección de Investigación. Ciudad del Este, p. 26. 2020.
- ROBERTS, M. **The long depression: How it happened, why it happened and what happens next**. Chicago: Haymarket books, 2016.
- RODAS, Y. M. **Impacto del libre comercio en los derechos laborales de las obreras de la maquila textil en Honduras**. Centro de Derechos de Mujeres. San Pedro Sula, p. 1-63. 2009.
- ROGER and me. Produção: Michael Moore. Intérpretes: Michael Moore. [S.l.]: [s.n.]. 1989.
- SA, A. S. C. D. **Sistema de Maquila no Paraguai. Um Estudo da**. Foz do Iguaçu: Orientadora: Profa. Dra. Karen Honório. TCC (Graduación). Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2019.
- SALGADO, C. El muestreo en investigación cualitativa. Principios básicos y algunas controversias. **Ciencia e Saude Coletiva**, p. 613 - 619, 2012.
- SAYER, A. New Developments in Manufacturing: The Just-in-Time System. **Capital & Class**, Londres, n. 30, invierno 1986.

SFORZA, A.; COSTA, S.; GONZÁLEZ, A. **¿Agroindustria para el desarrollo? un análisis comparativo de los principales rubros agroindustriales y de su impacto en el desarrollo del país.** 1. ed. Asunción: Arandura, 2018.

SILVA AMARAL, M.; DIAS CARCANHOLO, M. Superexploração da força de trabalho e transferência de valor: fundamentos da reprodução do capitalismo dependente. In: FERREIRA, C.; OSORIO, J.; LUCE, M. **Padrão de reprodução do capital. Contribuições da teoria marxista da dependência.** 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 87-102.

SILVEIRA, C. V. D. **INDÚSTRIAS MAQUILADORAS COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO SÓCIO-ECONÔMICO NO PARAGUAI.** Dourados: Orientadora: Prof.a Dra. Lisandra Pereira Lamoso. Tesis (Doctorado). UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS, 2021.

SOCIAL, T. I. D. I. **a tasa de explotación: el caso del iPhone. Cuaderno n° 2.** [S.l.]. 2019.

SOUZA, N. A. D. **Crisis y lucha de clases en Brasil - 1974/1979. Tese de doutorado.** Ciudad de México: UNAM - Facultad Nacional de Economía. Oriendador: Ruy Mauro Marini, 1980.

STP; CNIME. **Paraguay. Empresas Maquiladoras de Exportación por rama de actividad, rubro, inversion, mano de obra empleada, ubicación, país de origen de la matriz.** Secretaría Técnica de Planificación. Asunción. junio 2017.

TRASPADINI, R.; STEDILE, J. P. **Ruy Maruo Marini. Vida e obra.** São Paulo : Expressão Popular, 2011.

UH. Población de paraguayos en Brasil crece 56,7% en 2 años. **Ultima Hora,** Asunción, 12 septiembre 2012.

VALENCIA, A. S. La precarización del trabajo: ¿premisas de la globalización? **Papeles de población,** Ciudad de México, v. 4, n. 18, p. 82-98, octubre-diciembre 1998.

VALENCIA, A. S. SUBIMPERIALISMO Y DEPENDENCIA EN LA ERA NEOLIBERAL. **Caderno CRH,** Salvador, v. 31, n. 84, p. 501-517, set/diez 2018.

VALENCIA, A. S. Teoria da dependência e extensão da superexploração: uma perspectiva teórica. In: GUANAIS, J.; FÉLIX, G. **Superexploração do trabalho no século XXI. Debates contemporâneos.** 1. ed. São Paulo: Praxis, 2018. p. 13-40.

VILLEGAS, J. et al. Trabajo y salud en la industria maquiladora mexicana: una tendencia dominante en el neoliberalismo dominado. **Cadernos de saude pública,** Rio de Janeiro, v. 2, p. 123-134, 1997.

VUYK, C. **Subimperialismo brasileiro y dependencia paraguaya: análisis de la situación actual.** Clacso. Buenos Aires. 2013.